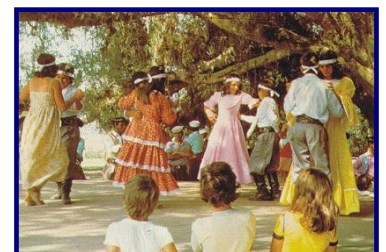




A pedagogia do gauchismo
Uma análise a partir da diáspora
gaúcha



Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Faculdade de Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação

A pedagogia do gauchismo

Uma análise a partir da diáspora gaúcha

Leticia Fonseca Richthofen de Freitas

Tese apresentada como requisito parcial
para a obtenção do título de Doutor em
Educação

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Rosa Maria Hessel Silveira

Porto Alegre, julho de 2006

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

F866p Freitas, Leticia Fonseca Richthofen de
A pedagogia do gauchismo: uma análise a partir da diáspora gaúcha /
Leticia Fonseca Richthofen de Freitas. Porto Alegre : UFRGS, 2006.
f.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação,
2006, Porto Alegre, BR-RS. Orientadora: Rosa Maria Hessel Silveira.

1. Estudos culturais – Pedagogia – Prática pedagógica. 2. Gaúcho –
Identidade cultural. I. Silveira, Rosa Maria Hessel, orient. II. Título.

CDU : **801.73:37(816.5)**

Para o meu pai, Luiz, e para minha mãe, Teresa, sem os quais nada teria sido possível.

Cuando uno viaja
también viaja con uno
el universo

Mario Benedetti

Agradecimentos

Agradeço, de maneira muito especial e carinhosa, à minha orientadora, Professora Doutora Rosa Maria Hessel Silveira, pela sua competente orientação, pelas sugestões, pelo empréstimo de livros, pela leitura rigorosa do trabalho e pelo convívio tão agradável durante esses seis anos de trabalho.

À professora Marisa Costa, por sua análise criteriosa do Projeto de Tese e pelas suas valiosas contribuições.

À professora Maria Cecília de Araújo Rodrigues Torres, por sua amizade, incentivo e competência na avaliação do trabalho.

Ao professor Alfredo Veiga-Neto, por sua leitura atenta e pertinente, contribuindo e trazendo sugestões no momento da defesa do Projeto.

Ao professor Luís Augusto Fischer, por ter participado do projeto e trazido contribuições importantes para a pesquisa.

À querida amiga e colega de grupo de orientação, Maria Helena Rodrigues Paes, a Ninha, pela ajuda prestada em Mato Grosso, abrindo portas e fazendo contatos, a fim de que as entrevistas para essa pesquisa pudessem ser realizadas.

A todas as pessoas que se dispuseram a participar dessa pesquisa, concedendo entrevistas, cujos nomes não são citados por motivo de sigilo.

Aos meus irmãos, Diogo e Álvaro, pelo amor, pelo carinho e pela união que sempre existiram entre nós, e às minhas cunhadas, Gabriela e Fabiana, pela amizade e pelo apoio.

À minha família, sobretudo minha avó, Zilka, pelo carinho e pelo incentivo.

À minha madrinha, Mary Leda, pela amizade, carinho e cumplicidade.

Às amigas Leila, Gládis, Cecília, Suyan, Fabiana e ao amigo Celso, pelo apoio, pelo incentivo e pelos momentos de alegria.

Às colegas do grupo de orientação: Bela, Ninha, Cláudia, Simone, Lucena e Iara, pela leitura do trabalho, pelas contribuições e pelo ambiente descontraído e amigável, mas ao mesmo tempo sério e propício a discussões.

À equipe do NECCSO, pelo atendimento carinhoso e pelo empréstimo de livros, teses e dissertações.

Aos funcionários e às funcionárias do PPGEDU desta Universidade, em especial à Mary, ao Eduardo e à Ione.

À CAPES, pela bolsa que financiou parte do meu curso de doutorado, possibilitando dedicação exclusiva.

Resumo

Esta Tese estuda as identidades formadas a partir da experiência da diáspora, tomando por base o caso específico de gaúchos que migraram do estado do Rio Grande do Sul em direção a outros Estados brasileiros, em busca de melhores condições de vida e de trabalho. Sua questão central focaliza o papel da pedagogia do gauchismo como um substrato para a construção de uma identidade gaúcha diaspórica. Para desenvolver o estudo, empreendeu-se a análise de narrativas oriundas de entrevistas semi-estruturadas realizadas com onze pessoas - migrantes gaúchos ou envolvidos diretamente no processo - nas cidades de Tangará da Serra e Campo Novo do Parecis, em Mato Grosso (cidades com forte presença da migração gaúcha), além de trechos de depoimentos apresentados no seriado “A Conquista do Oeste”, exibido pela RBSTV entre junho e agosto de 2004, o qual tematiza – com um acento fortemente heróico – a diáspora gaúcha por diversas regiões brasileiras. O aporte teórico da pesquisa situa-se no campo dos Estudos Culturais, relacionando-o com os estudos de narrativa e dos gêneros do discurso, tendo sido estruturado com base nas contribuições de autores como Stuart Hall, Leonor Arfuch, Néstor Garcia Canclini, Zygmunt Bauman, Dominique Maigueneau, Luiz Antônio Marcuschi, dentre outros. As análises desenvolvidas apontam para a força que o gauchismo – como conjunto de práticas discursivas e não-discursivas que se baseiam naquilo que seriam os costumes e hábitos do gaúcho, todos eles tomando como referência o gaúcho do pampa - e sua pedagogia possuem, no sentido de estarem presentes nas mais diversas esferas sociais das comunidades pesquisadas - sobretudo no ambiente escolar – constituindo elemento fundamental na construção da identidade de gaúchos em situação de diáspora.

Abstract

The thesis studies the identities formed by the diaspora experience based on the specific case of the *gauchos* who have migrated from the state of Rio Grande do Sul in direction to the other Brazilian states in search for better life conditions and jobs. Its main issue focuses on the pedagogical role of the *gauchismo* as a substract for the construction of a diasporal *gaucha* identity. In order to develop this study, an analysis of the narratives gathered through semi-structured interviews with eleven people was done- *gaucho* migrants or directly involved in the process- in the cities of Tangará da Serra and Campo Novo do Parecis in Mato Grosso (cities with a large number of *gaucho* migration) and also some report excerpts presented on the RBSTV series “A Conquista do Oeste” from June to August 2004, having as theme – with a strong heroic accent- the *gaucha* diaspora to many Brazilian regions. The theoretical apport is found in the Cultural Studies field relating it to the narrative studies and the discursive gender and has been structured on the basis of some authors like Stuart Hall, Leonel Arfuch, Nestor Garcia Canclini, Zygmunt Bauman, Dominique Maigueneau, and Luiz Antônio Marcuschi among others. The developed analyses show the strength that the *gauchismo*-as a set of discursive and non-discursive practices which are based on what would be the *gaucho*'s costumes and habits, all of them having the *gaucho* from the Pampas as reference- and its pedagogy have in the sense of being present in the most diverse social spheres of the researched communities- especially in the school environment- being a fundamental element in the construction of the *gauchos*' identity in a diasporal situation.

Sumário

Introdução.....	11
1) Os vários caminhos de uma pesquisadora diaspórica.....	14
2) Narrativas, identidades e migração no contexto da globalização.....	28
3) Os gêneros do discurso: a entrevista e o seriado.....	50
4) Uma cartografia discursiva da identidade gaúcha diaspórica.....	76
5) O que foi colhido durante o percurso.....	144
Referências Bibliográficas.....	147
Anexos.....	157

Introdução

“Com franqueza, não me animo a dizer que você não vá. (...)

Apenas quero que dentro de si mesma haja, na hora de partir, uma determinação austera e suave de não esperar muito; de não pedir à viagem alegrias muito maiores que a de alguns momentos. Como este, sempre maravilhoso, em que no bojo da noite, na poltrona de um avião ou de um trem, ou no convés de um navio, a gente sente que não está deixando apenas uma cidade, mas uma parte da vida, uma pequena multidão de caras e problemas e inquietações que pareciam eternos e fatais e, de repente, somem como a nuvem que fica para trás. Esse instante de libertação é a grande recompensa do vagabundo; só mais tarde ele sente que uma pessoa é feita de muitas almas, e que várias, dele, ficaram pensando na cidade abandonada. E há também instantes bons, em terra estrangeira, melhores que os das excitações e descobertas, e as súbitas visões de belezas sonhadas. São aqueles momentos mansos em que, de uma janela ou da mesa de um bar, ele vê, de repente, a cidade estranha, no palor do crepúsculo, respirar suavemente como velha amiga, e reconhece que aquele perfil de casas e chaminés já é um pouco, e docemente, coisa sua.

Mas há também, e não vale a pena esconder nem esquecer isso, aqueles momentos de solidão e de morno desespero; aquela surda saudade que não é de terra nem de gente, e é de tudo, é de um ar em que se fica mais distraído, é de um cheiro antigo de chuva na terra da infância, é de qualquer coisa esquecida e humilde – torresmo, moleque passando na bicicleta assobiando samba, goiabeira, conversa mole, peteca, qualquer bobagem.”

Rubem Braga (1984, p. 109)

Ainda me lembro da primeira vez que li essa crônica de Rubem Braga, intitulada “A Viajante”: faltavam poucos meses, uns dois, talvez, para iniciar o ano de intercâmbio que iria fazer na Alemanha, faltava pouco tempo, enfim, para minha viagem. Lembro-me que cada palavra da crônica me tocou – e ainda me toca – profundamente. Assim como é próprio dos escritores talentosos, Rubem Braga consegue abordar de maneira sutil e poética a experiência do exílio e da diáspora – na íntegra da crônica fica subentendido que a viajante é uma exilada -, desde uma certa euforia pela possibilidade de um novo mundo que se apresenta, até a saudade, inclusive das pequenas coisas, tão significativas, que foram deixadas para trás.

Diante do exposto, gostaria de ressaltar que esta Tese trata justamente dessa experiência que me é tão cara, a da diáspora. A abordagem desse tema tem por base o caso de gaúchos que saíram do Rio Grande do Sul em direção a outros Estados brasileiros, tentar a sorte e buscar melhores condições de vida e de trabalho. A fim de empreender esta pesquisa, analisei narrativas oriundas de entrevistas que realizei com onze pessoas, em junho de 2005, nas cidades de Tangará da Serra e Campo Novo do Parecis, em Mato Grosso, além de depoimentos recolhidos no seriado “A Conquista do Oeste”, exibido pela RBSTV¹ entre junho e agosto de 2004.

Esta tese foi dividida em quatro capítulos: no primeiro, intitulado “Os vários caminhos de uma pesquisadora diaspórica”, trato dos motivos que me levaram a escolher esse tema de pesquisa e da minha estreita relação com ele. Ainda nesse capítulo, desenvolvo os pressupostos teóricos que norteiam toda a pesquisa, ou seja, o campo conceitual dos Estudos Culturais.

“Narrativas, identidades e migração no contexto da globalização” é o título do segundo capítulo, o qual relaciona as questões de identidade e narrativa, destacando a importância de se estudar a constituição identitária a partir da análise de narrativas e de histórias de vida. Esse capítulo se detém ainda no caso das migrações, das identidades em diáspora e da sua inserção no atual contexto histórico da globalização, enfocando, a seguir, o caso específico da migração de gaúchos para outros Estados brasileiros.

No terceiro capítulo, intitulado “Os gêneros do discurso: a entrevista e o seriado”, abordo os gêneros discursivos, sobretudo a entrevista e o seriado, no sentido de demarcar as

¹ Afiliada da Rede Globo no Rio Grande do Sul.

diferenças existentes entre as narrativas oriundas das entrevistas e os discursos recolhidos do seriado, justamente por eles se originarem de gêneros próprios, cada um com suas características.

Por fim, no último capítulo, intitulado “Uma cartografia discursiva da identidade gaúcha diaspórica”, são analisadas as narrativas e os discursos que emergiram do seriado e das entrevistas. As análises apontam para a força que o gauchismo possui, no que concerne à constituição identitária de gaúchos e gaúchas que re-construíram suas vidas e suas identidades longe do Rio Grande do Sul.

Os vários caminhos de uma pesquisadora diaspórica

Conforme já sinalizei anteriormente, de uma maneira bastante geral e ampla, o tema central da minha pesquisa é a experiência da diáspora e como se constituem as identidades a partir de tal experiência. A escolha desse tema não se deu de maneira desinteressada, ao acaso, uma vez que, assim como observa Stuart Hall ao justificar sua escolha pelo estudo da identidade jamaicana em diáspora, “todos nós escrevemos e falamos *desde* um lugar e um tempo particulares, *desde* uma história e uma cultura que nos são específicas. O que dizemos está sempre ‘em contexto’, *posicionado*. (...) Se este ensaio denotar preocupação com a experiência da diáspora e suas narrativas de deslocamento, lembre-se então, que todos os discursos são ‘localizados’, e que o coração tem suas próprias razões” (1996, p. 68).

Por motivos bem próximos aos do autor – o qual nasceu, passou a infância e a adolescência na Jamaica, mudando-se depois para a Inglaterra, onde vive até hoje - escolhi essa temática, por também me considerar, de uma certa forma, constituída pela experiência da diáspora. No meu caso particular, apesar de ter nascido no Rio Grande do Sul, fui ainda criança, com a minha família, para Brasília, tendo passado a infância e a adolescência lá. Metade da minha formação universitária – sou graduada em Letras - também foi feita naquela cidade, quando então houve a ruptura e voltamos, meus pais, irmãos e eu, para o Rio Grande do Sul. A volta foi, de uma certa forma, “traumática” por vários motivos: uma mudança não planejada, efetuada em dois meses, aos 18 anos, deixando para trás amigos, colegas e a própria cidade, da qual gostava e ainda gosto muito. Ao vir morar novamente no Rio Grande do Sul em 1988, não conseguia muito bem fazer parte daquilo que era chamado “ser gaúcho”. Eu era vista como diferente, tinha um sotaque “estranho”, outras experiências, enfim, não partilhava do sentido de “gauchidade”. Pertencia a um outro lugar, possuía outras referências culturais, outro modo de vida. Hoje, a partir da experiência da diáspora, sinto-me como alguém que pertence a dois lugares e, ao mesmo tempo, não pertence a lugar algum; alguém que está constantemente se reconstruindo em relação a esses dois lugares.

Conforme já mencionei, havia iniciado o meu curso universitário na Universidade de Brasília e, devido à mudança, tive de terminá-lo em Porto Alegre. Antes mesmo de me formar, comecei a dar aulas de Língua Portuguesa para estrangeiros, primeiramente na ABIC – Associação Brasileira de Intercâmbio Cultural – e depois na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (através de um convênio entre a Universidade e o Itamaraty). Na ABIC trabalhava predominantemente com alunos e alunas oriundos/as de países europeus; já na PUC trabalhei com um grupo de africanos, a maioria deles de religião muçulmana. Foram experiências nas quais a questão da identidade fazia-se sempre presente, uma vez que tanto professora quanto alunos e alunas se viam em contato com o “Outro”, o diferente, situação essa que nos fazia constantemente discutir, repensar, refazer e reconstituir as nossas identidades a partir desse contato e dessa experiência.

Diante do choque que tive ao voltar para o Rio Grande do Sul, Estado no qual eu nasci mas que, até aquele momento, praticamente não conhecia, minha atitude foi procurar sair de Porto Alegre o mais rápido possível. Como estava trabalhando em uma instituição que organizava intercâmbio cultural, resolvi me candidatar e tentar participar de um programa de intercâmbio. Aprovada na seleção, morei um ano na Alemanha fazendo trabalho de cunho social em um orfanato e em um Centro de Documentação Chile-América Latina. Mais uma vez me deparei com a questão da identidade e vivenciei a experiência da diáspora, não somente como alguém que passava por essa situação, mas também pelo contato que tive com migrantes, principalmente turcos, os quais haviam migrado para aquele país, tendo se constituído diasporicamente. Também o fato de morar em Berlim, uma metrópole que congrega pessoas de várias nacionalidades, me levou a conviver com situações bastante diversas em relação à questão da diáspora, como por exemplo, os vários casos de filhas de pais turcos nascidas na Alemanha, de religião muçulmana, que se viam obrigadas a usar véu por causa de seus preceitos religiosos, mas que, por outro lado, também se sentiam alemãs, moradoras de uma metrópole européia. O choque e o conflito causado pelo fato de se pertencer a dois – ou mais – mundos, se fazia presente na vida daquelas meninas, materializando-se nas práticas culturais cotidianas.

Ao retornar ao Brasil fui trabalhar em Três Passos – de Berlim para Três Passos! -, cidade de pequeno porte localizada na fronteira oeste do Rio Grande do Sul, onde permaneci por um ano e meio. Naquela cidade comecei a trabalhar em um projeto de

alfabetização de jovens e adultos desenvolvido pelo Banco do Brasil – BB Educar. Alfabetizava turmas bastante heterogêneas, que contavam com alunos mais jovens, entre 16 e 24 anos, até senhoras com mais de 70 anos de idade. Devido à heterogeneidade da turma, os alunos possuíam os mais variados interesses: os mais jovens queriam aprender a ler e a escrever para arrumar um emprego melhor, enquanto que as senhoras tinham esse objetivo para ler a Bíblia. O projeto se desenvolvia na Escola Municipal São José, na Vila Frei Olímpio, uma das mais pobres e a mais violenta da cidade². Obviamente já conhecia a realidade de uma vila: quando adolescente costumávamos, alguns colegas de turma e eu, fazer trabalhos no turno da tarde – tinha aulas de manhã - com as religiosas do Colégio no qual estudávamos em uma favela localizada atrás da Escola, porém a situação que enfrentei na Vila Frei Olímpio foi bastante desafiadora. Em primeiro lugar porque, como havia voltado há muito pouco tempo da Alemanha, o contraste entre mundos tão diferentes parecia enorme. Um segundo aspecto bastante difícil que marcou esse trabalho como alfabetizadora de jovens e de adultos foi a violência em si. Muitas vezes tínhamos que ser protegidos por uma viatura policial à noite para chegarmos com segurança à Escola e novamente na hora de sair. Todos íamos para casa amedrontados.

Em 1995 voltei a Porto Alegre como instrutora do BB Educar, isto é, formadora de alfabetizadores, o que me propiciou viajar por vários Estados brasileiros. Mais uma vez, ao ter a oportunidade de sair pelo Brasil dando cursos nas mais diversas cidades, experimentava a sensação de não saber exatamente como me narrar, de não saber dizer de onde eu era. Até hoje costumo dizer que sou de Porto Alegre, mas que me considero, em grande parte, brasiliense.

Penso que durante a minha vida a questão da identidade se apresentou de uma forma bastante forte e visível, com diversas continuidades e rupturas. Acredito que, a partir do momento em que a experiência da diáspora passa a nos constituir, não há um caminho de retorno, por mais que a pessoa se fixe em um lugar e passe a também fazer parte dele, Constantemente experimento situações inusitadas: ao viajar para outro Estado do Brasil, por exemplo, ainda me causa espanto, muitas vezes, ser reconhecida como gaúcha pelo meu sotaque. De uma certa forma, ainda tenho dificuldade de me denominar gaúcha, pois sou

² Apesar de ser uma cidade pequena, com aproximadamente 25.000 habitantes, Três Passos possui um presídio e um índice alto de violência.

constituída por outras marcas culturais que não me fazem sentir totalmente gaúcha. Muitas vezes me narro como brasiliense, mas o desconforto também aparece.

Recentemente, quando visitei Mato Grosso para dar continuidade a esta pesquisa, a sensação de “múltiplo pertencimento” se apresentou novamente de uma maneira bem intensa. Ao me apresentar como gaúcha, certamente estava me utilizando de um capital cultural positivo frente às pessoas entrevistadas, e isso já era, de uma certa forma, uma maneira de aproximação. Havia alguma coisa em comum entre nós e isso me tornava alguém não tão estranho e distante. Acontecia, porém, que eu não me identificava com todo esse mundo do gauchismo, e tal proximidade, no mais das vezes, não era tão intensa como acredito que muitas das pessoas entrevistadas esperavam que fosse. Por outro lado, ao me deparar com aquelas pessoas que tinham até uma certa aversão aos gaúchos, contava a minha experiência e também conseguia me aproximar delas e entendê-las, sobretudo por causa das dificuldades que enfrentei ao me mudar para o Rio Grande do Sul. Em um determinado momento me perguntei, no Mato Grosso, a qual mundo afinal eu pertencia, uma vez que conseguia me identificar com e entender o posicionamento desses dois grupos – gaúchos e mato-grossenses.

O meu interesse pela questão da diáspora se dá, então, desde um lugar particular, desde uma história específica, a minha. Estou totalmente enredada na temática desta pesquisa, construída na experiência diaspórica, conhecedora de dois lugares mas não pertencendo a nenhum deles, como tão bem assinalou Hall em uma entrevista concedida a Kuan-Hsin Chen: “Conheço intimamente os dois lugares [Jamaica e Inglaterra], mas não pertenço completamente a nenhum deles. E esta é exatamente a experiência diaspórica, longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda, perto o suficiente para entender o enigma de uma ‘chegada’ sempre adiada” (2003, p. 415).

A partir dessas considerações iniciais, é necessário então especificar o recorte que farei a fim de estudar a experiência da diáspora e como, conseqüentemente, tais identidades são constituídas. A minha experiência particular se deu principalmente com a minha mudança para o Rio Grande do Sul e com o choque causado diante de uma identidade tão “forte” quanto a do gaúcho³. Tal choque me levou a estudar, na pesquisa que deu origem à

³ Quando falo de uma identidade gaúcha estou entendendo uma determinada representação hegemônica dessa identidade, a qual foi objeto de estudo da minha Dissertação de Mestrado, cuja referência virá a seguir. Entendo, entretanto, que há diversas maneiras de ser gaúcho e gaúcha que não são contempladas por essa

minha Dissertação “Aprendendo a ser gaúcho/a”, quais eram os discursos que circulavam a respeito do “ser gaúcho” - analisei dois jornais de maior circulação no Rio Grande do Sul, *Zero Hora* e *Correio do Povo* -, e quais os sistemas simbólicos e artefatos culturais mobilizados por esses discursos no sentido de tentar definir essa identidade. As análises desenvolvidas na Dissertação apontam para uma hegemonia de certos discursos ligados ao gauchismo, através de todas as suas práticas – Centros de Tradições Gaúchas, festas, concursos, comemorações, música, culinária, vestimentas etc. – no sentido de evocar para si uma “verdade” sobre o “ser gaúcho”. O gaúcho é representado, na maioria das vezes, atrelado à sua figura mítica – masculina -, associada à paisagem rural, ao cavalo, ao chimarrão, etc. Todos estes elementos que fazem parte do universo imagético-discursivo do gaúcho apareceram recorrentemente no material analisado, seja nas festas escolares e nas comemorações da Revolução Farroupilha, seja como símbolo de aproximação de políticos a uma identidade gaúcha; além disso, existe toda uma gama de eventos ligados ao Tradicionalismo, como festivais de música, de declamação, de dança, concursos para escolha da primeira prenda, cavalgadas, etc. Esses eventos, festas e comemorações são entendidos como práticas pedagógicas, no sentido de ensinar formas e maneiras de se “ser gaúcho”, fixando normas, impondo limites e construindo parâmetros, fazendo com que gaúchos e gaúchas se constituam, em maior ou menor grau, de acordo com eles.

Pretendo, no texto que aqui se inicia, lançar meu olhar para a constituição dessa identidade gaúcha em situação de diáspora. Tal interesse de pesquisa surgiu ao assistir a um seriado televisivo produzido pela RBSTV, “A Conquista do Oeste”⁴, o qual trata dos colonos gaúchos espalhados pelo Brasil, e busca mostrar as dificuldades enfrentadas por aquelas pessoas que foram em busca de novas terras e de oportunidades, desbravar uma determinada região do Brasil. Esse movimento configuraria, segundo o discurso desse artefato cultural, uma verdadeira conquista do oeste brasileiro, de terras antes consideradas improdutivas e não favoráveis ao plantio.

representação. Utilizarei, entretanto, na Tese, a expressão identidade gaúcha para me referir a essa representação hegemônica.

⁴ O título do seriado faz referência à conquista do oeste norte-americano, nome como ficou conhecida a incorporação dos territórios do interior norte-americano pelos colonos europeus. Essa marcha para o oeste não foi uma conquista fácil, uma vez que houve muitos combates com os indígenas – os quais foram dizimados -, naturais dos territórios a serem conquistados.

Ao assistir ao primeiro programa, logo me identifiquei com aquelas pessoas que saem do seu lugar de origem e que são constituídas pela experiência da diáspora, a partir do contato com o outro e com o diferente. Segundo Hall (1996), o sentido atribuído à diáspora é metafórico, não literal, uma vez que “a diáspora não nos reporta àquelas tribos dispersas, cuja identidade só pode ser garantida em relação a um torrão pátrio sagrado, ao qual elas devem retornar a todo custo (...). A experiência da diáspora, como aqui a pretendo, não é definida por pureza ou essência, mas pelo reconhecimento de uma diversidade e heterogeneidade necessárias; por uma concepção de identidade que vive com e através, não a despeito da diferença; por *hibridação*. Identidades de diáspora são as que estão constantemente produzindo-se e reproduzindo-se novas, através da transformação e da diferença” (p. 75).

Naquele momento resolvi analisar o seriado, ainda que de maneira incipiente, para a Proposta de Tese. No decorrer do trabalho me dei conta, entretanto, de que, apesar de o seriado se apresentar como um rico material de análise, ele não atendia integralmente às minhas expectativas como pesquisadora. A cada episódio assistido crescia em mim a vontade de “estar lá”, de aprofundar a pesquisa visitando um daqueles lugares onde tinha havido colonização gaúcha, conforme era mostrado no seriado.

Obviamente não me foi possível empreender tal viagem no momento da escrita da Proposta; no entanto, como sinalizei, nesta segunda parte do trabalho – na Tese – as análises se centrarão no material recolhido no Estado do Mato Grosso, nas cidades de Tangará da Serra e de Campo Novo do Parecis, relacionando-o, quando necessário, com as análises feitas na Proposta de Tese a partir dos discursos que emergiram do seriado “A Conquista do Oeste”.

Durante duas semanas do mês de junho de 2005 visitei as cidades acima mencionadas e realizei entrevistas com onze pessoas – destas onze, oito são professores. Esta Tese consiste, portanto, numa cartografia da identidade gaúcha diaspórica nessas duas cidades. Para chegar a essa cartografia analisei, conforme já dito, as narrativas que emergiram das entrevistas, bem como as anotações contidas no diário de campo. A análise foi feita a partir do campo teórico dos Estudos Culturais, o qual será abordado na seção seguinte.

Estudos Culturais em Educação

Considero extremamente difícil a tarefa de demarcar o campo teórico no qual vou me movimentar, justamente pelo fato de não querer discutir exaustivamente conceitos e reflexões que já são, por assim dizer, “lugar-comum” no campo dos Estudos Culturais.

De toda forma, creio ser absolutamente imprescindível limitar as fronteiras do território a partir do qual estou construindo a minha pesquisa. Essa delimitação se dá, inicialmente, a partir da escolha de, ao invés de traçar todo um panorama histórico dos Estudos Culturais, levar em consideração as investigações que têm sido desenvolvidas na linha de pesquisa Estudos Culturais em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, trabalhos esses inseridos, obviamente, no campo teórico dos Estudos Culturais, os quais têm demonstrado uma maneira própria e particular de se fazer pesquisa em Educação. Esse jeito particular, que vem se configurando há alguns anos – a partir de 1996 -, busca fazer as conexões possíveis entre a Educação, no seu sentido mais amplo, e os Estudos Culturais, de forma a considerar as mais diversas pedagogias culturais presentes e atuantes na esfera social.

O próprio termo “pedagogia cultural” já carrega uma aproximação entre a área da Pedagogia e o campo teórico dos Estudos Culturais, ao considerar o pedagógico não somente relacionado àquelas práticas desenvolvidas no âmbito restrito da Escola, mas às práticas mais amplas forjadas na esfera social, as quais nos ensinam as mais variadas formas de nos constituirmos enquanto seres humanos – detentores de uma identidade de gênero, raça, classe social, etc. E esse aprendizado está intrincado à própria cultura, uma vez que, sob a ótica dos Estudos Culturais, a cultura possui uma centralidade “na constituição da subjetividade, da própria identidade e da pessoa como um ator social” (Hall, 1997a, p. 24). Sendo assim, as análises efetuadas tomam a pedagogia como um fenômeno cultural abrangente e complexo, o qual está presente tanto no âmbito das instituições estritamente educativas quanto em outros territórios e artefatos do mundo contemporâneo. Nesse sentido, Marisa Costa (2005) observa que “os Estudos Culturais em Educação constituem uma ressignificação e/ou uma forma de abordagem do campo pedagógico em que questões

como *cultura, identidade, discurso e política da representação* passam a ocupar, de forma articulada, o primeiro plano da cena pedagógica” (p. 12).

Justamente porque julgo ser de extrema importância o estudo dos processos pedagógicos em seu sentido mais amplo, a partir das pedagogias culturais, é que resolvi não me deter somente na análise dos elementos relacionados ao gauchismo que circulam nas Escolas das cidades visitadas. Certamente que houve essa preocupação, a de mapear de que maneira a pedagogia do gauchismo, através de seus vários artefatos, se faz presente no cotidiano escolar; no entanto, por entender que tudo que acontece e circula no ambiente escolar faz parte de uma rede, cultural e social, optei por arrolar algumas das práticas do gauchismo, tanto as escolares quanto aquelas não-escolares que me foram possíveis levantar, através das entrevistas e das observações realizadas, durante a minha estada em Tangará da Serra e Campo Novo do Parecis.

Considero importante ressaltar que um dos marcos dos Estudos Culturais é justamente este entendimento da cultura enquanto constituidora de todos os aspectos da vida social. Compreendê-la dessa forma é complexificar o entendimento que temos de nós mesmos e do mundo no qual vivemos, já que não podemos nos considerar como seres que possuem uma essência identitária, mas sim como seres constituídos culturalmente, os quais têm a constante possibilidade de transformação.

Chamo a atenção para a importância que esse deslocamento da compreensão do papel da cultura possui no entendimento de nossas práticas individuais e sociais, e sublinho a reflexão feita por Hall (2003), no sentido de valorizarmos as contribuições teóricas desse campo de estudos; assim como o autor, “não entendo uma prática que tenta fazer uma diferença no mundo que não tenha alguns pontos de diferença ou distinção a definir e defender” (p. 202).

A partir do que foi citado de Hall, gostaria de apontar algumas distinções feitas, dentro do campo dos Estudos Culturais, pelo grupo de pesquisa da linha Estudos Culturais em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tal delimitação será feita mesclando as escolhas teóricas da linha com alguns elementos históricos referentes ao surgimento e à propagação dos Estudos Culturais no mundo.

Surgido na Inglaterra, na década de 60, os Estudos Culturais expandiram-se, a partir do *Centre for Contemporary Cultural Studies* da Universidade de Birmingham, por

diversos países, sobretudo os Estados Unidos, a Austrália e a América Latina. Conforme assinala Marisa Costa (2000), “no caso dos Estudos Culturais, trata-se de ‘viagens’ de estudos que, ao mesmo tempo em que abordam questões do âmbito da cultura global adquirem os contornos e matizes das configurações locais, reinventando-se constantemente nos seus questionamentos e perspectivas de análise” (p. 26).

Considerando-se as “viagens” realizadas pelos Estudos Culturais, sublinho o fato de eles, ao darem um papel singular ao contexto, às localidades, à historicidade, produzirem “uma teoria engajada nas diferenças culturais” (Escosteguy, 2001, p. 39). Sendo assim, os Estudos Culturais latino-americanos possuem diferenças e particularidades em relação aos estudos desenvolvidos na Inglaterra, nos Estados Unidos e na Austrália. Escosteguy (2001), ao traçar a sua cartografia, ressalta que, só a partir dos anos 90, “e de forma ainda bastante tímida, que alguns poucos pesquisadores latino-americanos começam, a identificar-se – ou ser identificados por investigadores estrangeiros que tomam a América Latina como objeto de estudo – com esta perspectiva” (p. 40).

De toda forma, nem todos os autores considerados pertencentes à vertente latino-americana dos Estudos Culturais assumem esse “rótulo”. Os nomes de Jesús Martín-Barbero e Néstor García Canclini são uma unanimidade como pertencentes ao rol de autores latino-americanos ligados aos Estudos Culturais. Somam-se a eles Beatriz Sarlo, Guillermo Gómez Orozco, Daniel Mato e o brasileiro Renato Ortiz.

Mesmo havendo uma pluralidade de temáticas e de caminhos investigativos, aponto alguns pontos convergentes das análises feitas pelos diversos autores latino-americanos, britânicos e norte-americanos, conforme escreve Escosteguy:

os estudos culturais questionam a produção de hierarquias sociais e políticas a partir de oposições entre tradição e inovação, entre a grande arte e as culturas populares, ou, então, entre níveis de cultura – por exemplo, alta e baixa, cultura de elite e cultura de massa. A consequência natural desse debate é a revisão dos cânones estéticos ou mesmo de identidades regionais e nacionais que se apresentam como universais ao negarem ou encobrirem determinações de raça, gênero e classe (2001, p. 41)

Complementando essa idéia de haver pontos de convergência entre os Estudos Culturais latino-americanos, britânicos e norte-americanos, Costa, Silveira e Sommer argumentam que, vistos em sua globalidade, os Estudos Culturais latino-americanos “se harmonizam com o desenvolvimento mais global do campo, que se propõe multitemático e polifonicamente interessado em quaisquer artefatos, processos e produtos que ‘signifiquem’” (2003, p. 47). Apesar dessa aproximação, Escosteguy (2001) ressalta, ao analisar as produções de Barbero e Canclini, o fato de que esses intelectuais, “ao fundirem teoria com realidade produziram *estudios culturales latino-americanos* e não apenas estudos culturais localizados na América Latina. Estes últimos estariam sim associados com aquela concepção de que as idéias mudam de lugar, sem se transformar” (p. 189). Mattelart e Neveu (2004), entretanto, sublinham a relação de desequilíbrio que existe entre os trabalhos latino e norte-americanos. Para os autores, os Estados Unidos seriam a segunda pátria dos Estudos Culturais. Ainda de acordo com Mattelart e Neveu, durante os anos de 1990 “os *estudios culturales* serão naturalizados sob o rótulo Latin American Cultural Studies, reduzidos ao estatuto de ramo de um saber anglófono por universitários estadunidenses que pesquisam a América Latina” (p. 145).

Ainda de acordo com Escosteguy (2001), o *locus* do surgimento dos Estudos Culturais latino-americanos foi o meio acadêmico. Entretanto, sua sobrevivência relaciona-se a grupos de pesquisadores com posicionamentos isolados dentro de uma linha de pesquisa de um programa de pós-graduação, ou com projetos de investigação interdisciplinar. Mesmo tendo surgido no âmbito acadêmico, os Estudos Culturais estão entrelaçados com movimentos de redemocratização por que passavam as sociedades latino-americanas da época. Sendo assim, a autora aponta características que diferenciam os Estudos Culturais latino-americanos:

As profundas alterações que vêm ocorrendo na vida social dirigem o olhar dos intelectuais que individualmente têm elaborado análises *críticas* sobre a vida social e cultural contemporânea. É esse tipo de engajamento político que se dá nos estudos culturais latino-americanos e os diferencia tanto do movimento inicial da vertente britânica quanto do seu desenvolvimento em solo norte-americano (2001, p. 44).

No que se refere às pesquisas feitas pela linha Estudos Culturais e Educação, os trabalhos, alinhados à vertente latino-americana, possuem uma marca pós-moderna/pós-estruturalista⁵, uma das possíveis articulações que têm sido feitas com os Estudos Culturais, além daquelas realizadas com o estruturalismo e a semiótica, por exemplo.

Partindo-se desse “olhar” efetuado pelo campo teórico em questão, há toda uma abrangência de temáticas⁶ - estudos de mídia, de gênero, de constituição de diversas identidades, etc. – abordadas pela linha de pesquisa Estudos Culturais em Educação, sempre articulando-as com as questões pedagógicas no seu sentido mais amplo, pois, de acordo com Costa, Silveira e Sommer (2003), “as ‘lentes’ dos EC parece que vêm possibilitando entender de forma diferente, mais ampla, mais complexa e plurifacetada a própria educação, os sujeitos que ela envolve, as fronteiras” (p. 54). Destaco a aproximação das temáticas eleitas pelos estudos da linha citada com aquelas escolhidas pelos autores latino-americanos: “tematicamente, os EC da América Latina têm mergulhado nos processos e artefatos culturais de seus povos, na cotidianidade das suas práticas de significação, na contemporaneidade de um tempo em que as fronteiras entre o global e o local se relativizam, se interpenetram e se modificam” (2003, p. 48).

Retomando o mapeamento que vinha fazendo dos trabalhos da linha de pesquisa Estudos Culturais em Educação, ressalto que as análises desenvolvidas concentram-se basicamente em duas vertentes: a primeira delas diz respeito às aproximações entre os Estudos Culturais e os estudos etnográficos. A segunda delas são as análises das textualidades – sejam textos escritos, cinema, fotografia, Internet, etc. Em relação à textualidade, Hall (2003) considera a sua importância central, tendo sido, segundo o autor, um “desvio necessário” efetuado pelos Estudos Culturais britânicos: “o que descentrou e deslocou o caminho estabelecido do Centre for Contemporary Cultural Studies e, até certo ponto, dos estudos culturais britânicos em geral, é o que se chama às vezes de ‘virada lingüística’: a descoberta da discursividade, da textualidade” (p. 211).

⁵ Entendo que os dois termos, pós-modernismo e pós-estruturalismo possuem as suas especificidades, não sendo sinônimos. Para uma discussão sobre as aproximações possíveis de serem feitas entre os dois termos, consultar FREITAS, Letícia Fonseca R., *Aprendendo a ser gaúcho/a*. Dissertação de Mestrado. UFRGS/PPGEDU: 2002, p. 14, conforme Bibliografia.

⁶ Um panorama das várias pesquisas feitas pela linha Estudos Culturais em Educação pode ser encontrado em COSTA, Marisa V. (org.). *Estudos Culturais em Educação*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002, em VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault e a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003a e em WORTMANN, Maria Lúcia. Análises culturais – um modo de lidar com histórias que interessam à educação. In: COSTA, Marisa (org.). *Caminhos Investigativos II*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

Julgo necessário, neste momento, relacionar então a questão discursiva à cultural, já que, conforme assinala Hall (2003), “a metáfora do discursivo, da textualidade, representa um adiamento necessário, um deslocamento, que acredito estar *sempre* implícito no conceito da cultura” (p. 211). Isso se deve ao fato de, após a assim chamada “virada cultural” nas Ciências Humanas e Sociais, adotarmos uma nova postura em relação à linguagem; linguagem e cultura são dois termos indissociáveis, pois, de acordo com Hall (1997a), “a cultura não é nada mais do que a soma de diferentes sistemas de classificação e diferentes formações discursivas aos quais a língua recorre a fim de dar significado às coisas” (p.29). Conseqüentemente, seguindo o raciocínio do autor, toda a prática social, construída culturalmente, depende e relaciona-se com o significado, tem o seu caráter discursivo.

Retomo aqui a questão, já mencionada anteriormente, dos jogos de poder que se estabelecem a fim de serem definidos os significados sociais. Ressalto que vou me valer da perspectiva foucaultiana de poder, embora o meu trabalho não se configure um estudo foucaultiano. Essa concepção de poder não o vê como alguma coisa que alguém detém, como algo que possua uma essência e que seja irradiado por um centro, como o Estado, por exemplo. Foucault nos mostra o poder em seu sentido micro, uma microfísica do poder, presente na rede das relações sociais de forma capilar, sendo exercido em diversos pontos desta rede. Por isso, diz-se que o que existe são “práticas ou relações de poder” (Roberto Machado, 1999, p. XIV). O poder entendido a partir de práticas ou de relações implica práticas de resistência, exercidas também dentro desta rede de relações, e não a partir de um lugar privilegiado.

Um outro ponto importante a ser considerado, quando se trata das relações de poder, é a ligação entre poder e saber. Também aí a contribuição foucaultiana gira em torno de uma nova concepção: tradicionalmente se trata da questão do poder e do saber no sentido de que aqueles que detêm o saber, também possuem o poder; portanto, para se ter o poder, é necessário possuir saber. Foucault, no entanto, não considera que “saber é poder” e que “poder é saber”, tratando dos dois termos como inseridos em uma relação. Para ele, o poder, para funcionar, produz uma série de discursos que estabelecem “o verdadeiro”, os chamados regimes de verdade, os quais permitem que determinadas coisas sejam ou não pensadas, e através dos quais distingue-se o que é considerado verdadeiro daquilo que é

considerado falso, sendo o saber produzido a partir desses regimes de verdade. Dessa forma, a produção dos saberes e a produção “da verdade” estão relacionadas com o exercício do poder. Por outro lado, o poder não é exercido sem a produção destes saberes. Segundo o próprio Foucault (1997):

Nenhum saber se forma sem um sistema de comunicação, de registro, de acumulação, de deslocamento, que é em si mesmo uma forma de poder, e que está ligado, em sua existência e em seu funcionamento, às outras formas de poder. Nenhum poder, em compensação, se exerce sem a extração, a apropriação, a distribuição ou a retenção de um saber. Nesse nível, não há o conhecimento, de um lado, e a sociedade, do outro, ou a ciência e o Estado, mas as formas fundamentais do “poder-saber” (p. 19).

Poder e saber, portanto, devem ser entendidos em sua forma imbricada e relacional. Assim como a produção de saberes, a definição das identidades também se dá discursivamente, e tal produção é permeada por lutas, por disputas acerca da definição de significados identitários.

A relação nodal entre cultura e linguagem, central para os Estudos Culturais, e a sua conexão com as relações de poder, constituem-se um foco de análise também central da minha pesquisa, já que é nas produções discursivas que vou me deter, a fim de tentar entender como se constitui a identidade gaúcha diaspórica, de que maneira ela é forjada, quais são os elementos que concorrem para sua formação e como isso se processa a partir dos jogos de poder.

São justamente esses processos socioculturais e alguns dos artefatos aí presentes, que contribuem para a constituição das identidades em diáspora, o objeto desta pesquisa. Tenho como desafio, ao longo deste trabalho, procurar entender o meu objeto de pesquisa como fazendo parte de uma rede discursiva, relacioná-lo com outros objetos e verificar quais os outros discursos que fazem parte dessa trama, conforme sugere Rosa Fischer (2002): “construir um objeto de investigação é, sobretudo, expô-lo em suas condições mais amplas de emergência, situando-o em relação a outros conjuntos ou objetos similares” (p. 65). Uma imensa tarefa do pesquisador é, segundo a autora, em um primeiro momento

aceitar a “suposta obviedade do objeto, da temática; depois, duvidar dessa condição de óbvio e construí-lo como histórico” (2002, p. 66). Sendo assim, procurarei, durante todo o meu trabalho, colocar constantemente sob suspeita a naturalidade do que se refere ao objeto, a fim de lidar com este mesmo objeto na sua historicidade.

Ressalto estar ciente de que as análises aqui empreendidas têm o seu caráter restrito; não tenho, portanto, a intenção de chegar ao conceito do que seria uma última e verdadeira identidade gaúcha diaspórica, pois, de acordo com o entendimento de Mato (2003), não podemos esquecer o caráter analiticamente construído das categorias das quais nos utilizamos ao fazer pesquisa; conseqüentemente, só nos é possível fazer análises parciais.

Narrativas, identidades e migração no contexto da globalização

Depois de demarcar o campo teórico no qual vou me movimentar, pretendo aqui me aprofundar em alguns mais conceitos que julgo imprescindíveis para que a análise do material recolhido seja feita.

Conforme já explicitarei, uma vez que o tema central desta Tese é a questão identitária, o conceito que primeiramente merece um aprofundamento é o conceito de identidade. Entendo que, a partir do referencial teórico dos Estudos Culturais, o conceito de identidade se articula com os conceitos de cultura, poder e saber, como já foi visto no capítulo anterior. Também já foi mencionado o fato de a identidade ser compreendida sob uma perspectiva não-essencialista, fragmentada; a identidade é considerada uma construção nunca acabada, fixada apenas temporariamente no e através do jogo das diferenças.

Segundo Arfuch (2002a), a questão da identidade, ou melhor, das identidades, no plural, tem ocupado, na última década, um lugar central nos mais diversos domínios acadêmicos. Moreira (2005) ressalta a crescente complexidade das diversas esferas da vida social – nacional, religiosa, étnica, lingüística, regional, local, de gênero – nas quais as identidades são produzidas, confirmadas e/ou contestadas. Dessa forma, “não causa espanto que a identidade se tenha imposto como categoria de particular relevância para a compreensão dos fatos sociais contemporâneos” (p. 126).

Esse interesse por se estudar as identidades se dá pelos mais variados motivos, como, por exemplo, pelas mudanças ocorridas no âmbito mundial – a intensificação dos fluxos migratórios, a dissolução dos grandes blocos que formavam o leste e o oeste, a globalização e a conseqüente fragmentação cultural e identitária – bem como a crise de certas concepções universalistas tão caras à Modernidade. Ainda de acordo com a autora, o debate iniciado nos anos 80 do século passado sobre a crise e o fracasso do Iluminismo, proporcionou, no campo teórico das Ciências Humanas, uma reavaliação desses fundamentos do universalismo – o sujeito, a verdade, os grandes relatos.

Em contrapartida houve todo um movimento, a partir dessa “virada epistemológica”, que tende a valorizar os pequenos relatos, a considerar a pluralidade de vozes e as “pequenas” verdades. Nesse contexto emerge então um “renovado espaço

significante”, o das narrativas, no qual se desenvolvem estudos que privilegiam os relatos de vida e os testemunhos, a micro-história, os estudos migratórios, a história oral, dentre outros. Compartilho com Arfuch o argumento de a narrativas se constituírem um material de extrema relevância para as Ciências Humanas, já que, segundo a referida autora, ela pode dar conta “dos processos de autocriação, das tramas de sociabilidade, da experiência histórica situada dos sujeitos, definitivamente, da constituição de identidades individuais e coletivas” (2002a, p. 23).

Connely e Clandinin (1995) também destacam a importância do estudo da narrativa justamente pelo fato de ela ser uma forma de caracterizar os fenômenos da experiência humana; ela interessa, por isso, de acordo com a afirmação dos autores e com o argumento de Arfuch, aos mais diversos campos das Ciências Humanas e Sociais. Em seu artigo Connely e Clandinin afirmam que nós, seres humanos, somos “organismos contadores de histórias”, somos seres que, tanto individual como socialmente, vivemos vidas relatadas. Moita Lopes (2001) corrobora essa idéia, ao enfatizar o papel que as narrativas desempenham no processo de construção das identidades, organizando o discurso no mundo social.

Esse papel organizador do discurso, desempenhado pelas narrativas, a partir das histórias que contamos sobre nós e sobre os outros a fim de se fazer “um sentido da vida”, possibilita a construção de um conhecimento sobre quem somos e quem são os outros, constituindo identidades individuais e sociais. Arfuch (2002b), em seu estudo intitulado “El espacio biografico”, o qual trata das várias maneiras de se narrar uma vida, aponta para a dimensão da narrativa enquanto configurativa da experiência humana. A autora argumenta, a partir dessa perspectiva, que o relato não se resume somente a uma seqüência temporal, com sua lógica, personagens, tensões, mas a narrativa corresponderia “à forma por excelência de estruturação da vida, e, por fim, da identidade” (p. 88). Culler (1999) confirma tal argumento afirmando que as histórias são a melhor maneira através da qual compreendemos as coisas da nossa existência, seja pensando em nossa vida como sendo uma progressão que nos conduz a algum lugar, seja ao dizermos a nós mesmos o que ocorre no mundo.

Ainda no que diz respeito à questão das narrativas, Larrosa (1994), ao tratar da assim chamada “experiência de si”, sublinha a importância das histórias para a constituição

dos sujeitos. Segundo o autor, a construção e a transformação da consciência de si dependem “desse processo interminável de ouvir e ler histórias, de contar histórias, de mesclar histórias, de contrapor algumas histórias a outras, de participar, em suma, desse gigantesco e agitado conjunto de histórias que é a cultura” (p. 70).

Dessa forma, nas entrevistas realizadas no Mato Grosso, a vida dos entrevistados foi o mote principal para que viessem à tona os temas ligados ao Rio Grande do Sul e ao gauchismo. Em maior ou menor grau, a mudança de cidade e de Estado significou uma mudança de vida, e só a partir de então, de tal acontecimento, no mais das vezes, os entrevistados passaram a se dar conta da sua estreita relação com o Rio Grande do Sul. Ao me contarem suas histórias de vida, a cultura gaúcha foi sendo, conforme tão bem observou Silveira (2005), “alimentada, criada, reproduzida, reforçada e, por vezes, subvertida, largamente, pelas narrativas com protagonistas pontuais, em circunstâncias e lugares datados” (p. 199).

Com base no que foi dito até o presente momento, delimito ainda mais o meu objeto de pesquisa e ressalto que o meu interesse de pesquisa é justamente mapear o papel que as narrativas desempenham na construção da identidade do gaúcho a partir das práticas narrativas nas quais as pessoas entrevistadas constroem a si, enquanto gaúchas, e constroem os outros, entendendo e analisando o papel pedagógico desempenhado por tais práticas.

Julgo ser necessário, neste momento, fazer algumas considerações referentes aos estudos da narrativa, uma vez que seus elementos básicos, estão presentes nas narrativas das pessoas entrevistadas.

Estudos sobre narrativa

É consenso entre os estudiosos da narratologia que a *Poética*, de Aristóteles, através da análise da tragédia e da epopéia, constitui a primeira teorização da narrativa. Quintiliano, no século I, no livro IV de sua obra intitulada *Instituição Oratória*, analisa a *narratio*. Uma das primeiras obras dedicadas à narrativa foi publicada em 1776, por Bérardier de bataut. Segundo Adam e Revaz (1997), de acordo com os princípios da época, a narrativa foi

definida por Bataut levando-se em consideração o seu conteúdo – exposição de um fato verdadeiro ou inventado – e a sua finalidade – instruir os leitores.

Já no século XX um marco no desenvolvimento da teorização sobre a narrativa é a publicação da obra *A morfologia do conto*, em 1928, pelo formalista russo Vladimir Propp. A partir daí instaura-se um período voltado à análise estrutural das narrativas, como destaque para autores como Greimas e Todorov, esse último tendo publicado, inclusive, o livro *As estruturas narrativas*. No final dos anos de 1970 há uma mudança de perspectiva, e a narratologia passa a valorizar a comunicação, ao invés de se preocupar com a simples descrição dos fatos estruturais. De acordo com as observações de Adam e Revaz (1997)

a narratologia contemporânea volta a considerar o discurso narrativo numa perspectiva de estratégia de comunicação. O produtor, na narrativa, estrutura o seu texto em função do efeito que ele procura produzir na pessoa que o interpreta. A interpretação pelo leitor ou ouvinte assenta, não apenas na importância literal do texto, mas igualmente no postulado de uma intenção comunicativa do produtor-enunciador (p. 13).

Por ser a maneira mais usual de comunicação, Culler (1999) sustenta a idéia de que há um impulso básico no ser humano de ouvir e de narrar histórias, não sendo, por isso, a narrativa, apenas matéria acadêmica. Conforme argumenta o referido autor, já as crianças, desde cedo, desenvolvem uma “competência narrativa básica”, sabendo quando os adultos não correspondem àquilo que é esperado em relação às histórias a elas contadas – como, por exemplo, quando há a interrupção da narrativa antes do final da história. Culler (1999) afirma que “a teoria da narrativa poderia, então, ser concebida como uma tentativa de explicar detalhadamente, tornar explícita, essa competência narrativa” (p. 85), sendo concebida, a teoria, a partir da compreensão ou do conhecimento cultural intuitivo dos seres humanos.

A partir dessas considerações, Culler levanta os requisitos básicos de uma história. O primeiro deles é o enredo; esse enredo exige, porém, uma transformação. A narração deve ter, pois, uma situação inicial, uma mudança nessa situação inicial envolvendo uma transformação e uma resolução que marque uma mudança significativa. Esses elementos básicos levam ao que os teóricos denominam “o esquema canônico da narrativa”, qual seja:

Esquema Canônico da Narrativa

1)Estado inicial	2, 3 e 4 → TRANSFORMAÇÃO
2)Complicação ou força perturbadora	
3)Dinâmica	
4)Resolução ou força equilibradora	
5)Estado final	

(Fonte: Reuter, 2002, p. 36)

Como pode ser notado, a transformação de um estado (inicial) para um outro estado (final) é o que define de maneira fundamental a narrativa. De acordo com Reuter (2002), essa transformação é constituída de: “um elemento (*complicação*) que permite movimentar a história e fazê-la sair de um estado que poderia durar; encadeamento das ações (*dinâmica*); outro elemento (*resolução*), que conclui o processo das ações, instaurando um novo estado, que vai perdurar até a ocorrência de uma nova complicação” (p. 36).

Além disso, autores como Adam e Revaz e Reuter são unânimes em afirmar que as narrativas devem ter uma unidade e que “para constituir uma unidade, as ações devem apresentar não apenas um encadeamento cronológico (virem umas após as outras), mas também um encadeamento causal (resultarem umas das outras)” (Adam e Revaz, 1997, p. 30). Unidade de tempo e de ação são, portanto, também elementos indispensáveis na lógica das narrativas.

Partindo-se dessa estrutura básica, outros elementos são necessários para que uma narrativa seja construída. Por convenção, toda narrativa possui um narrador, o qual pode

estar posicionado dentro da história, fazendo parte dela ou fora. No primeiro caso diz-se que a narrativa é em primeira pessoa; no segundo, em terceira pessoa. Além do narrador, toda narrativa possui também um narratário, ou seja, a pessoa a quem se destina a narração.

Cabe ressaltar aqui também a importância das personagens na construção narrativa, uma vez que eles têm um papel primordial na organização do enredo. Reuter (2002) afirma que as personagens “permitem as ações, assumem-nas, vivem-nas, ligam-nas entre si e lhes dão sentido. De certa forma, *toda história é história de personagens*” (p. 41). Também é necessário, conforme escrevem Adam e Revaz (1997), “construir um mundo”, ou seja, situar os fatos e as personagens em um espaço e atribuir-lhes características.

De maneira sintética e geral, acredito ter conseguido colocar em cena os elementos básicos da narrativa. Julgo que eles serão importantes no momento da análise das narrativas surgidas a partir das entrevistas feitas no Mato Grosso. Retomo agora a relação que vinha estabelecendo entre narrativas, identidades e migração no sentido de focar a questão da migração no atual mundo globalizado.

A migração no contexto da globalização

Ao retomar a questão que envolve narrativa, identidade e migração, gostaria de sublinhar que os discursos, ao constituírem e caracterizarem os fenômenos da experiência humana, devem ser analisados levando-se em conta a sua contingência sócio-histórica. Nesse sentido, Moita Lopes (2001) afirma que

não há discurso que ocorra em um vácuo social. Focalizar o ir e vir da interlocução discursiva localmente sem considerar a história, a cultura e a instituição é apagar as marcas sócio-históricas que nos fazem ser quem somos e nos posicionam no mundo social de uma forma ou outra, encaminhando as possibilidades interpretativas nesta ou naquela direção (p.58).

Dessa forma, é necessário entender em que contexto se dá essa onda de migração gaúcha para outros Estados do Brasil na segunda metade do século XX, pois tudo o que é dito pelos entrevistados está posicionado em uma rede discursiva mais ampla, na qual são construídas “verdades” sobre o ser gaúcho.

Desde o início do século passado há relatos e documentos sobre a migração gaúcha, sobretudo para o oeste de alguns Estados do Brasil, como Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, mas é a partir de 1960 que esse movimento se intensifica. Antes de me deter com mais acuidade no movimento migratório dos gaúchos, gostaria de inseri-lo em e de relacioná-lo com um processo mais amplo, o da globalização, pelo fato de compreender que esse grande processo vem propiciando, segundo diversos autores, um intenso movimento migratório. Por isso julgo ser necessário entender de que maneira a identidade dos gaúchos migrantes vem se constituindo conectada com o que ocorre no contexto mundial.

Certamente os movimentos migratórios não se dão por causa da globalização; há séculos podemos observar grandes fluxos de migração, principalmente por razões econômicas. Ocorre, no entanto, que a globalização é uma das condições de possibilidade para o grande fluxo migratório no mundo atual - sobretudo o fluxo de pessoas de países mais pobres para os mais ricos, motivadas por fatores econômicos. Segundo afirma Beck (1999), no contexto atual da globalização, na

época da mobilidade, dos deslocamentos de massas populacionais e das inter-relações econômicas cresce o número de pessoas que transcendem o raio de seus grupos de origem e convivem e trabalham com pessoas de outros grupos; que deixam suas pátrias pelos mais diversos motivos (seja pobreza, fome ou perseguição; seja formação profissional ou trabalho, turismo ou mera curiosidade) por um período longo ou breve, ou talvez para sempre; que sobrepõem as fronteiras nacionais, nascem aqui, crescem ali, casam e têm filhos num terceiro lugar (p. 93).

Além disso, de acordo com o que sinalizam diversos autores (Canclini, 2001; Oliven, 2006), em um mundo que cada vez mais caminha na direção de se tornar uma aldeia global, com códigos e objetos culturais mundializados, a relação entre o local e o

global adquire novas características. Ao mesmo tempo em que assistimos a uma certa homogeneização cultural, também podemos observar o recrudescimento de nacionalismos e regionalismos – como por exemplo as lutas étnicas ocorridas há pouco tempo na ex-Iugoslávia -, numa batalha que reivindica o direito às diferenças culturais e identitárias.

Nesse sentido, Oliven (2006), em seu estudo sobre a relação entre o universal e o local, o nacional e o regional, é enfático ao afirmar que “a tradição tem uma presença marcante e constitui um pano de fundo de movimentos ligados à construção de diferentes identidades sociais” (p.13). No caso da identidade do gaúcho em situação de diáspora, é notório o papel central desempenhado pela tradição na manutenção de uma coesão identitária e de laços muito fortes com o Rio Grande do Sul.

Cabe lembrar também que o grande avanço tecnológico possibilita que os migrantes tenham mais facilidade de comunicação com o território de origem e maior acesso a produtos da terra natal. Até algum tempo atrás a comunicação era feita, sobretudo, através de cartas – que demoravam alguns dias para chegar ao seu local de destino – e de telefone. Conforme pude perceber ao visitar o Mato Grosso, atualmente a comunicação se dá de forma muito simples e rápida; além disso, é bastante comum, pela facilidade e agilidade do processo, as pessoas terem acesso aos CDs de música tradicionalista recém lançados no Rio Grande do Sul; basta encomendá-los pela Internet. Nesse sentido Robins e Aksoy (2005), em seu estudo sobre os migrantes turcos na Inglaterra, observam o papel desempenhado pela mídia - especialmente os canais de televisão a cabo que transmitem programas da Turquia - na manutenção de laços e de vínculos com o território de origem. Afirmam os autores que “o campo de estudos dos meios de comunicação se tornaram uma subárea de investigação sobre o tema dos ‘meios diaspóricos’, e nesse trabalho, o pressuposto geral é o de que os migrantes desejam se vincular com alguma ‘terra natal’, e que as novas tecnologias de comunicação permitem que esse vínculo de longa distância seja possível” (p. 179). Conforme argumentam esses autores, e conforme pude notar no Mato Grosso, a manutenção do vínculo com a terra natal por parte dos migrantes se torna muito mais simples e viável por causa das novas tecnologias de comunicação.

Retomando a contextualização a respeito da globalização que havia me proposto a fazer, argumento, com base em autores como Beck e Canclini, que o conceito de globalização é controverso, abrangendo tanto análises economicistas quanto as que

consideram os processos culturais e as mesclas entre o local e o global. Para Beck (1999), “globalização é, com toda certeza, a palavra mais usada – e abusada – e a menos definida dos últimos e dos próximos anos; é também a mais nebulosa e mal compreendida, e a de maior eficácia política” (p. 44). Ainda conforme o autor, seria necessário distinguir as diversas dimensões da globalização, ou seja “a da comunicação técnica, a ecológica, a econômica, a da organização trabalhista, a cultural e a da sociedade civil etc.” (1999, p. 44).

De acordo com Canclini (1999), a globalização seria uma etapa histórica⁷ “configurada na segunda etapa do século XX, na qual a convergência de processos econômicos, financeiros, comunicacionais e migratórios acentua a interdependência entre vastos setores de muitas sociedades e gera novos fluxos e estruturas de interconexão supranacional” (p. 63). Pelo fato de a questão de se tentar conceituar a globalização ser bastante complexa, julgo ser de extrema importância apresentar algumas das discussões efetuadas por autores que escolhi como referência para este trabalho a respeito desse tema.

Bauman (1999) critica duramente o processo globalizador; o autor, todavia, é bastante firme ao argumentar que “a ‘globalização’ não diz respeito ao que todos nós, ou pelo menos os mais talentosos e empreendedores, desejamos ou esperamos *fazer*. Diz respeito *ao que está acontecendo a todos nós*” (p. 68). Mato (2005) complementa essa idéia quando afirma que a globalização abarca processos sociais de longo prazo, os quais relacionam, em escala mundial, diversos atores sociais, englobando fenômenos econômicos, políticos e culturais – como, por exemplo, os fluxos migratórios e de comunicações.

Em relação a essa questão, um ponto convergente entre esses autores - como Bauman e Canclini - é a compreensão da existência de um paradoxo da globalização, ou seja, ao mesmo tempo em que apresenta aspectos positivos, como a possibilidade de, a partir dos novos fluxos culturais e humanos, haver uma maior tolerância à heterogeneidade e à diferença, revela também a sua faceta excludente, isto é, o fato de que nem todas as pessoas conseguem se inserir no processo globalizador da mesma forma, aproveitando o seu lado positivo – maior acesso a oportunidades e a bens globais.

⁷ Alguns autores, como Ortiz (2003), consideram que a globalização tem suas raízes na expansão do capitalismo nos séculos XV-XVIII e no advento das sociedades industriais e na modernidade do século XIX.

Beck (2002), ao considerar esses paradoxos da globalização, argumenta que “o que impulsiona a globalização não é liberdade do capital, mas sim a falta de liberdade global das vítimas da globalização” (p. 14). Nesse sentido, Canclini (1999) postula que devemos levar em consideração o suporte humano da globalização, uma vez que “os processos globais tem-se constituído pela circulação mais fluida de *capitais, bens e mensagens*, mas também de *pessoas* que se movimentam entre países e culturas como migrantes, turistas, executivos, estudantes, profissionais, com freqüentes idas e voltas, mantendo vínculos assíduos entre sociedades de origem e itinerantes, que não eram possíveis até metade do século XX” (p. 63).

Sendo assim, entendo que os gaúchos e gaúchas que se deslocaram para outros Estados do Brasil inserem-se nesse processo globalizador, o qual possui também o seu suporte humano, possibilitando a constituição de identidades diaspóricas, de pessoas que, mesmo estando em outro lugar, não perdem o vínculo com a sua “comunidade imaginada”, que fundam e freqüentam Centros de Tradições Gaúchas – CTGs -, comemoram as datas e as festas cívicas, mas que, por outro lado, sabem que não pertencem mais ao lugar de origem, sabem que “sua vida está em outra parte” (Canclini, 1999, p. 50). Dessa forma, segundo refuta Canclini, “para ocupar-se dos processos globalizadores, tem-se que falar, sobretudo, de gente que migra ou viaja, que não vive onde nasceu, que troca bens e mensagens com pessoas distantes, que assiste ao cinema e à televisão de outros países, ou conta histórias em grupo sobre o país que deixou” (1999a, p. 50).

A partir dessas considerações, acredito ser necessário contextualizar a marcha gaúcha rumo a outros Estados brasileiros. No próximo capítulo então serão feitas algumas considerações sobre o processo migratório gaúcho.

A Diáspora Gaúcha

“Através dos tempos, a história das civilizações tem sido escrita pelos homens que tiveram coragem de arriscar tudo por um sonho. Este é o caso da saga das famílias de agricultores gaúchos que há décadas vêm atravessando o Rio Uruguai em busca de terras, ouro e

madeira. Muitos pagaram com a vida a audácia, morrendo em litígios agrários ou sendo abatidos pelas doenças tropicais. A maioria foi sepultada em cemitérios feiots às pressas à beira da estrada, como um dos que existem na cidade de Terranova do Norte, em Mato Grosso. Num dos seus cantos há várias cruces com a seguinte inscrição: ‘Desconhecido’. Mas um grande contingente de migrantes venceu. E com trabalho, tecnologia e organização comercial conseguiram transformar a paisagem, a economia e influenciar nos costumes de regiões muito distantes do território do Estado. Nesta empreitada os agricultores não estão levando só o seu trabalho. Carregam também a sua cultura. Isto diferencia os gaúchos dos outros migrantes. Mas não os perfila na galeria de ‘heróis desbravadores’. Muito pelo contrário. Esta história está sendo feita por personagens simples, pessoas que venderam tudo o que tinham no Rio Grande do Sul e resolveram realizar os seus sonhos de riquezas em outras terras”.

(Wagner, 1995, p. 11)

Ao se pesquisar o movimento migratório dos gaúchos rumo a outros Estados brasileiros – sobretudo a partir da segunda metade do século XX -, é recorrente que os autores pesquisados⁸ o relacionem com a vinda de imigrantes estrangeiros ao Rio Grande do Sul no século XIX, os assim chamados colonos. Entendo que nem todos os migrantes gaúchos – atuais e recentes - são descendentes desses colonos, porém uma grande parte deles possui laços com os migrantes europeus.

Quando se menciona o Rio Grande do Sul, é bastante comum que o Estado seja relacionado, em um primeiro momento, com a figura do gaúcho – masculina, pilchada, a cavalo; mas também é recorrente a idéia de associar o Rio Grande do Sul com os imigrantes, sobretudo os alemães e italianos. Esses dois grandes grupos representaram, efetivamente, o maior contingente de imigrantes que veio da Europa, principalmente no século XIX, para colonizar o Brasil e o Rio Grande do Sul.

⁸ Destaco as pesquisas realizadas por Wagner (1995), Kaiser (1999) e Oliven (2006).

Os imigrantes alemães foram os primeiros a chegar ao Estado, em 1824; os italianos vieram meio século mais tarde, em 1875. O motivo que os trouxe foi a crise econômica por que passavam a Alemanha e a Itália, países recém-unificados na época. Aliado a esse fator externo, havia o interesse do governo brasileiro em implantar colônias agrícolas no Brasil, para, inclusive, “branquear a raça”.

Kühn (2002) divide a colonização germânica em três etapas: na primeira delas, que vai de 1824 a 1845, os colonos se concentraram na região de São Leopoldo, Montenegro e Taquara. A partir de 1846 a colonização se expandiu, tendo sido fundadas as colônias de Feliz, Bom Princípio, Estrela, Lajeado, Santa Cruz do Sul, Venâncio Aires e São Lourenço do Sul. Uma nova etapa foi iniciada em 1870, a qual foi marcada pelo desenvolvimento da industrialização.

No que se refere aos imigrantes italianos, conforme escreve Kühn (2002), “entre 1875 e 1914, a província, e depois o estado, do Rio Grande do Sul recebeu 84 mil imigrantes italianos, cifra maior do que a da imigração alemã no período de 1824 a 1939, cerca de 75 mil colonos” (p. 96). Os italianos foram estabelecidos em terras de difícil acesso, as quais não haviam sido ainda ocupadas pelo alemães. Além disso, eles receberam lotes muito menores e tiveram que pagar por eles.

Apesar de alguns colonos terem se destacado em atividades do comércio e da indústria, a grande maioria ainda era formada, no final do século XIX, por colonos agricultores que enfrentavam sérias dificuldades. Um problema bastante grave nas famílias dos imigrantes passou a ser, naquele momento, o fracionamento dos lotes coloniais por herança, uma vez que eles eram pequenos. Como as famílias eram numerosas e havia pouca terra, os filhos desses colonos começaram a sair da região do Vale do Rio dos Sinos e da Serra do Nordeste para colonizarem o norte do Rio Grande do Sul, ocupando áreas do Planalto Médio, Missões e Alto Uruguai.

Já no início do século XX, segundo Oliven (2006), os colonos começaram a migrar para o oeste de Santa Catarina e posteriormente para o sudoeste e oeste do Paraná. O Rio Grande do Sul foi adquirindo, ao longo das últimas décadas, o perfil de um Estado de emigrantes. Oliven (2006) afirma que “para cada imigrante que veio para o Rio Grande do Sul, há três emigrantes que saíram do estado” (p. 135). Conforme argumenta o autor, os migrantes, na sua grande maioria agricultores descendentes de colonos alemães e italianos,

geralmente migram do interior do Rio Grande do Sul para o interior de outros Estados, buscando terras em novas fronteiras agrícolas. Kaiser (1999), em sua pesquisa sobre a diáspora gaúcha, registra ser importante observar que

a migração dos gaúchos quase sempre esteve ligada à expansão agrícola. Na maior parte das vezes, gaúchos buscam terras, preferencialmente em grandes extensões, e boas oportunidades de negócios. Este é um dos diacríticos do discurso gaúcho da diferença na diáspora – eles contrapõem-se a migrantes de outras regiões do país, que teriam como objetivo do deslocamento a busca de emprego, a inserção no mercado de trabalho (p. 52).

A migração dos gaúchos sempre esteve, portanto, associada à expansão da fronteira agrícola. Até hoje os Estados de Santa Catarina e Paraná são os que mais concentram os migrantes gaúchos e seus descendentes, sendo que, conforme pesquisou Oliven (2006), no ano de 2000, 33,69% de todos os migrantes se concentravam em Santa Catarina⁹, num total de 341.273 pessoas, enquanto que 31,33% estavam no Paraná, perfazendo 317.245 pessoas.

Após essas primeiras levas de migrantes para os Estados de Santa Catarina e Paraná, o processo migratório começou a atingir outras regiões, sobretudo a partir da década de 1960 e 1970. Ainda de acordo com Oliven (2006), a migração para o Centro-Oeste marca uma nova frente de expansão agrícola, associada ao plantio da soja, principalmente nos Estados do Mato Grosso – cuja presença de gaúchos somava 78.211 no ano de 2000 – e Mato Grosso do Sul – 37.075 gaúchos no ano de 2000.

Também existe um número muito grande de gaúchos na região Nordeste e Norte¹⁰. Apenas para que haja uma idéia da dimensão dessa rede regional gaúcha, o quadro abaixo reúne o número de gaúchos – sem contar seus descendentes, que se consideram também

⁹ Oliven (2006) observa que até 1960 Santa Catarina era o Estado que mais atraía migrantes gaúchos. Tal situação se inverte a partir de 1970, devido ao esgotamento das frentes de expansão agrícola naquele Estado. O Paraná, então, passa a superar Santa Catarina como lugar de destino dos gaúchos emigrados. Em 2000 a situação volta a se inverter; ocorre, porém, o incremento do número de gaúchos em Florianópolis, principalmente por razões de emprego ou aposentadoria. Segundo Oliven, entre 1991 e 2000 o número de migrantes gaúchos que viviam na região da grande Florianópolis passou de 25.267 para 45.721, um aumento de 81%.

¹⁰ Haesbaert (1997) pesquisou a assim chamada rede regional gaúcha a partir de um estudo realizado na cidade de Barreiras (BA). Posteriormente houve a fundação da cidade de Mimoso do Oeste, por gaúchos, a qual era um distrito de Barreiras.

gaúchos - residentes em outros Estados no ano de 2000 e o respectivo percentual que este número representa em relação ao número total de migrantes do Rio Grande do Sul:

Unidade da Federação	Habitantes	Porcentagem
Acre	1.019	0,09
Alagoas	1.367	0,13
Amapá	315	0,03
Amazonas	3.834	0,37
Bahia	10.628	1,05
Ceará	4.419	0,44
Distrito Federal	16.010	1,58
Espírito Santo	3.438	0,33
Goiás	17.404	1,71
Maranhão	2.327	0,22
Mato Grosso	78.211	7,72
Mato Grosso do Sul	37.075	3,66
Minas Gerais	14.702	1,45
Pará	9.029	0,19
Paraíba	1.444	0,14
Paraná	317.145	31,33
Pernambuco	3.601	0,35
Piauí	801	0,08
Rio de Janeiro	43.868	4,33
Rio Grande do Norte	1.849	0,18
Rondônia	15.703	1,47
Roraima	2.320	0,22
Santa Catarina	341.273	33,69
São Paulo	79.611	7,86
Sergipe	986	0,09

Tocantins	4.860	0,48
-----------	-------	------

(Fonte: Oliven, 2006)

Oliven sublinha o fato de esses migrantes geralmente comprarem terras consideradas pouco propícias ao cultivo e, em poucos anos, obterem ótimos resultados. Um aspecto importante a ser destacado é a maneira como se dá a migração: o colono gaúcho, que parte do Rio Grande do Sul por não ter condições econômicas e oportunidade de aqui comprar terras, torna-se, em diversos casos, fazendeiro, proprietário da sua terra ou do seu empreendimento, adotando uma atitude muitas vezes arrogante frente à população local. Na minha estada em Tangará da Serra, pude observar uma certa revolta em relação a essa atitude de arrogância dos gaúchos, seja através de comentários feitos por moradores não-gaúchos da cidade, seja por meio das piadas e brincadeiras que circulavam e que ridicularizavam os gaúchos e suas atitudes.

Nesse sentido, Haesbaert (1997) escreve, em relação ao caso de Barreiras, que “um dos dualismos mais difundidos entre ‘bairanos’ e ‘gaúchos’ é aquele que se refere à superioridade, à ambição ou ‘agressividade’ e à inteligência dos sulistas frente à inferioridade, a ignorância (ou ‘burrice’), a modéstia e a falta de agressividade dos ‘bairanos’” (p. 164). Oliven (2006) ressalta que os gaúchos se vêem como pioneiros que estão desbravando novas terras com trabalho e coragem.

Além disso, cabe também considerar uma outra característica bastante comum dos migrantes gaúchos, qual seja, a sua identificação com o gauchismo, com a figura do gaúcho pilchado, cavaleiro. É notória a grande expansão de Centros de Tradições Gaúchas fora do Rio Grande do Sul e conseqüentemente do culto às tradições gaúchas - ligadas aos CTGs e ao tradicionalismo. No que se refere a essa questão, Kaiser (1999) enfatiza que

os gaúchos fora do Rio Grande do Sul partilham um conjunto de práticas e representações expressas no ‘ser gaúcho’. Este sistema é baseado em valores de pertencimento comuns fñcados no tipo regional do homem da fronteira e em costumes e valores ligados à região da Campanha. [...] Apesar de eminentemente agricultores, estes gaúchos se identificam como

cavaleiros da Campanha. O ‘ser gaúcho’ ganha força no culto às tradições efetuadas nos CTGs, na manutenção de contatos familiares, nas relações comerciais efetuadas pelos migrantes mais ricos e num poderoso sistema de representações simbólicas que apresenta o gaúcho como modelo do moderno herói-civilizador brasileiro (p. 60-61).

Além de Kaiser, Haesbaert (1997) e Oliven (2006) apontam, como resultado de suas pesquisas, que uma das principais características desses gaúchos que migram para outros Estados é justamente o recrudescimento de uma identidade baseada nos valores do tradicionalismo. Aliás, conforme consta nas referidas pesquisas e como pude observar nas cidades que visitei no Mato Grosso, é quase uma regra que, nos lugares onde houve colonização gaúcha haja, no mínimo, um Centro de Tradições Gaúchas (CTG).

Esse culto às tradições é uma forma de os gaúchos migrantes demonstrarem todo o orgulho que eles possuem por serem gaúchos e por “terem história”. Luís Augusto Fischer (2004) assinala que a existência dos CTGs se naturalizou, mas que, de fato esse fenômeno é bastante recente. De acordo com o autor, “os tradicionalistas argumentam que o que fazem restabelece modos de ser e de se comportar que têm 200 anos, o que é meia verdade (...)” (p. 123).

Cumprе lembrar que o primeiro Centro de Tradição Gaúcha, o 35 CTG, foi fundado em Porto Alegre, no ano de 1948. Já em 1947, alguns jovens do Colégio Estadual Júlio de Castilhos¹¹, em Porto Alegre, criaram o Departamento de Tradições Gaúchas do Grêmio Estudantil, organizando a primeira Ronda Gaúcha¹², de 7 a 20 de setembro daquele ano. De acordo com o depoimento de Paixão Côrtes (1994), estes jovens sentiam-se invadidos pelo avanço da cultura norte-americana no país, a qual estaria descaracterizando o que eles consideravam ser a cultura sul-rio-grandense¹³. Nesse sentido, eles buscavam “uma trilha, diante da perda de fisionomia regional que se processava. A descaracterização precisava ser combatida. O Rio Grande precisava reagauchar-se. Esses jovens lutavam por

¹¹ O Colégio Estadual Júlio de Castilhos foi considerado por várias décadas um colégio público padrão.

¹² A Ronda Gaúcha corresponde atualmente à Semana Farroupilha.

¹³ Em relação ao depoimento de Paixão Côrtes, o qual ressalta o fato de os jovens daquela época sentirem-se ameaçados pelo avanço da cultura norte-americana, chamo a atenção para o período histórico em que isso ocorreu, ou seja, o período do pós-guerra (Segunda Guerra Mundial), momento em que se dá o início da influência dos Estados Unidos – em termos econômicos, políticos, culturais, etc. – no cenário mundial, e não somente no Brasil.

seus espaços e estavam decididos a conquistá-los, com o maior respeito, dentro do contexto sócio-cultural rio-grandense. (...) Procuravam a identidade da terra gaúcha” (p. 43). Também naquele ano foi instituída a Chama Crioula: “tomando uma centelha do Fogo Simbólico da pira da Pátria antes de sua extinção às 24 horas do dia 7 de setembro, transportaram-na até o saguão do Colégio Júlio de Castilhos onde acenderam a “Chama Crioula” num candieiro de galpão” (Oliveira, 1990, p. 11). Paixão Côrtes (1994), assim descreve a criação da Chama Crioula:

E precisamente na noite de 7 para a zero hora do dia 8, quando soavam as vinte e uma salvas dos canhões, junto à Pira da Pátria, (...) ali próximo, no saguão iluminado do “Julinho”, acendia-se o “Candieiro Crioulo”, interligando a bravura dos irmãos que defenderam a Pátria na Europa, e os ideais dos que fizeram a Revolução Farroupilha. (...) Não podíamos imaginar que estávamos “criando uma tradição” que, na forma de culto popular, está se encaminhando pra uma existência de meio século” (p. 87-90).

Também em 1947 é incluído pela Liga de Defesa Nacional nos festejos da Semana da Pátria, o traslado dos restos mortais do General David Canabarro, o segundo homem em importância nos eventos da Revolução Farroupilha¹⁴, de Santana do Livramento para Porto Alegre. Oito destes jovens estudantes organizaram, com a ajuda da Brigada Militar, uma guarda de honra para acompanhar os restos mortais do herói farroupilha. Este fato “aparece em vários depoimentos de tradicionalistas, como um ritual de passagem fundamental e como mito de criação do Movimento Tradicionalista Gaúcho” (Oliveira, 1990, p. 11).

¹⁴ Conforme a versão mais aceita pelos historiadores, a Revolução Farroupilha teve início no dia 20 de setembro de 1835, liderada pelo coronel Bento Gonçalves, com o apoio dos estancieiros. A criação de gado era, desde o final do século XVIII, a base da economia do Rio Grande do Sul e o charque, o seu principal produto, era consumido em todo o país. Os estancieiros gaúchos, porém, sofriam a concorrência dos países platinos – Argentina e Uruguai -, os quais, por produzirem o charque com mão-de-obra livre, o vendiam por preços mais baixos. O governo brasileiro hesitava em adotar medidas protecionistas a favor dos criadores brasileiros. Em 1834, um novo aumento de impostos para a província gaúcha propiciou o início da rebelião. Em 1835 o presidente da província, nomeado pelo governo central, foi deposto, e os rebeldes proclamaram a República Rio-Grandense. A revolução se prolongou por 10 anos, sendo que os rebeldes foram derrotados e um tratado de paz foi assinado. A Revolução Farroupilha é comemorada até hoje no Rio Grande do Sul, sendo o dia 20 de setembro considerado o Dia do Gaúcho. As comemorações da Revolução Farroupilha mobilizam todo o Estado do Rio Grande do Sul, desde Escolas até o governo estadual.

No dia 24 de abril de 1948 foi fundado o 35 CTG – Centro de Tradições Gaúchas, numa referência ao ano de deflagração da Revolução Farroupilha, em 1835. No boletim número 1 do 35 CTG são definidas as características e finalidades do 35:

O nome 35 se originou da revolução farroupilha. São as virtudes lendárias dos gaúchos da geração de 1835 que hão de nortear os nossos passos. A finalidade do 35, sob o aspecto cultural, é o estudo do folclore e da história do Rio Grande do Sul e sua divulgação através da palavra falada, ou escrita, da música, da dança, das artes, ou da prática campeira. Sob o aspecto político, o anseio do 35 é preservar a pureza da nacionalidade que se transfigura neste sufocante entrechoque de culturas estranhas à nossa formação social. É anseio do 35 fazer voltar todos aqueles que hoje habitam o Rio Grande do Sul ao ponto de partida comum, às raízes de nossa formação, para que – movidos por idênticas aspirações – possamos avançar irmanados e confiante, traçando as linhas do futuro sem esquecer as lições do passado. O lema do 35 – em qualquer chão, sempre gaúcho – anima, nesta fase, não o nosso espírito separatista; queremos apenas dizer que, onde quer que estejamos, haveremos de ter à frente a nossa alma crioula, e haveremos de fazer jus ao legado moral que nos deixaram os gaúchos de antanho” (apud Paixão Côrtes, 1994, p. 135).

No início, seus fundadores pretendiam que o centro fosse uma agremiação de, no máximo, trinta e cinco participantes, mas depois foi decidido que ela estaria aberta para todos os que dela quisessem participar. O grupo passou então a se reunir aos sábados, para tomar chimarrão e imitar certos hábitos do interior, como as charlas dos peões nos galpões das estâncias.

À criação do primeiro Centro de Tradições Gaúchas, seguiu-se a “criação” de várias tradições, a fim de retomar os hábitos e os costumes da região da Campanha e das estâncias, as quais os fundadores do movimento julgavam ser as “autênticas” tradições gaúchas. A esse respeito escreve Oliven que

Embora não quisessem constituir uma entidade que refletisse sobre a tradição, mas um grupo que procurasse revivê-la, era necessário recriar o que imaginavam ser os costumes do campo. Assim, a estrutura interna do 35 CTG não utilizou a nomenclatura que normalmente existe em associações, mas adotou os nomes usados na administração de um estabelecimento pastoril, já que os jovens queriam evocar o ambiente de uma estância. No lugar de presidente, vice-presidente, secretário, tesoureiro, diretor, etc. empregaram-se os títulos de patrão, capataz, sota-capataz, agregados, posteiros, etc. No lugar de Conselhos Deliberativos ou Consultivos, foi colocado o Conselho de Vaqueanos, e em vez de departamentos foram criadas internadas. De forma semelhante todas as atividades culturais, cívicas ou campeiras, receberam nomes que tivessem origem nos usos e costumes das estâncias gaúchas, tais como rondas, rodeios, tropeadas, etc. (1990, p. 15-16)

Depois da criação do 35 CTG houve, paulatinamente, uma proliferação de Centros de Tradições Gaúchas por todo o Estado do Rio Grande do Sul, em outros estados e no exterior.

Muitos anos depois da criação do primeiro CTG, em 28 de outubro de 1966, no XII Congresso Tradicionalista, realizado em Tramandaí, foi criado o Movimento Tradicionalista Gaúcho – MTG, o qual é um órgão que coordena as ações dos Centros de Tradições Gaúchas, dos Piquetes de Laçadores e das demais entidades do gênero¹⁵. Todas as entidades filiadas ao Movimento Tradicionalista Gaúcho são regidas pela Carta de Princípios do Movimento Tradicionalista Gaúcho, de autoria de Glaucus Saraiva, aprovada no VII Congresso Tradicionalista em 1961, sendo ela, portanto, anterior à criação do MTG.

É interessante chamar a atenção para o caráter pedagógico e sobretudo disciplinador do Movimento Tradicionalista Gaúcho e do tradicionalismo, já que esta maneira de ser gaúcho tem de ser aprendida por meio de diversas instituições e está balizada por diversas regras. Obviamente há diversas maneiras de ser gaúcho que não envolvem o

¹⁵ O MTG tem como filiados os Centros de Tradições Gaúchas, os Piquetes Nativistas ou de Laçadores, os Grupos Folclóricos ou de Arte Nativa e a Estância da Poesia Crioula. Ele também realiza anualmente o Congresso Tradicionalista, o Concurso Estadual de Prendas, a Convenção Tradicionalista, o Festival Gaúcho de Arte e Tradição, e coordena e dá assessoramento a eventos tais como rodeios, festas campeiras, festivais nativistas, concursos de prendas e artísticos.

tradicionalismo, e elas também têm de ser aprendidas. Mas o tradicionalismo, com todas as suas práticas institucionalizadas, funciona como uma instância privilegiada na qual se aprende a “ser gaúcho”, fixando uma determinada identidade. Podemos pensar nos CTGs, com todas as suas atividades como rodeios, fandangos, concursos de prendas, grupos folclóricos e de arte nativa, missas e casamentos crioulos, enfim, práticas que giram em torno do tradicionalismo e do seu discurso, como uma instituição altamente disciplinadora. Cabe observar, inclusive, que, em algumas cidades do interior, os CTGs são os únicos clubes existentes e várias atividades sociais realizam-se no seu âmbito. Também é importante ressaltar que, para se participar da maioria das atividades promovidas pelos CTGs, é necessário estar pilchado, o que impede a participação de diversos grupos sociais, uma vez que o valor da indumentária gaúcha é bastante elevado.

O primeiro CTG fora do Rio Grande do Sul foi fundado na cidade de Ponta Grossa, no Paraná, no ano de 1956, seguido de CTGs em São Miguel do Oeste, em 1959, e em Lages, em 1961, ambos em Santa Catarina. Em 1962 foi fundado o Movimento Tradicionalista Catarinense, que, na década de oitenta, passou a ser chamado de Movimento Tradicionalista Gaúcho de Santa Catarina.

Ainda de acordo com o levantamento realizado por Oliven (2006), existem, atualmente, nove federações tradicionalistas que representam Estados ou regiões do Brasil. São elas: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Planalto Central e Nordeste. Em Santa Catarina, no ano de 1988, foi realizado o I Congresso Brasileiro da Tradição Gaúcha, que possibilitou depois a criação da Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha (CBTG), da qual participam as nove federações.

Ressalto ainda a fundação, cada vez mais freqüente, de CTGs fora do Brasil, em países como os Estados Unidos, Holanda, Itália e Japão, além de países vizinhos como Argentina, Paraguai e Uruguai. Recentemente o jornal *Zero Hora* – dia 21.05.06 – publicou uma reportagem intitulada “Gaudérios invadem terras americanas”, cujo subtítulo é “Centros de Tradições Gaúchas (CTGs) nos EUA realizam megaencontro no próximo fim de semana”. A reportagem informa que este é o segundo encontro da Federação do Tradicionalismo Gaúcho e Brasileiro, entidade que congrega cinco CTGs em terras americanas – no dia 26.06. 06 está prevista a criação de mais um CTG, conforme a

reportagem. O encontro seria realizado na cidade de Newark, Estado do New Jersey; o primeiro encontro foi no ano de 2005, em Framingham, Massachusetts.

O evento, segundo a matéria do jornal, “seria bem ao estilo gaudério”, com churrasco, baile, apresentação da invernada mirim do CTG Saudades da Minha Terra, anfitrião do evento, além de competições de danças tradicionais e missa crioula na paróquia local (St. James). Ainda de acordo com a reportagem, dois dos trinta mil brasileiros que vivem na região são originários da região Sul do Brasil. O CTG, entretanto, não despertaria o interesse somente desse público, mas também dos americanos, que estariam aprendendo sobre a cultura gaúcha. Orlando Kessler, relações públicas do CTG Saudades da Minha Terra, afirma que os americanos “estão vindo aos bailes, apreciam nosso churrasco, tomam chimarrão. Lenta e gradualmente, estão sabendo mais do Brasil e já não falam mais que Buenos Aires é a nossa capital”.

Essa propagação cada vez maior e mais acelerada de CTGs pelo Brasil e pelo mundo coloca em circulação práticas do tradicionalismo gaúcho, dando visibilidade a essa identidade e ensinando a diversos grupos culturais as “coisas” do tradicionalismo e do gauchismo. Concordo com Oliven (2006) quando o autor observa que “não é descabido imaginar que no futuro haja mais CTGs fora do que dentro do Rio Grande do Sul” (p. 149).

Para se ter um idéia da dimensão que o Movimento Tradicionalista Gaúcho alcança no Brasil - fora do Rio Grande do Sul -, “se tomarmos o total de entidades tradicionalistas existentes no Brasil (2.342), 37% delas (866) estão fora do Rio Grande do Sul, num eloqüente exemplo de desterritorialização do culto da tradição gaúcha” (Oliven, op. cit., p. 145). O quadro abaixo demonstra os Estados nos quais se localizam as entidades tradicionalistas no Brasil em 2002:

Estado	Entidades tradicionalistas
Santa Catarina	446
Paraná	295
Mato Grosso	44
São Paulo	20
Mato Grosso do Sul	17

Distrito Federal	12
Goiás	11
Minas Gerais	07
Rio de Janeiro	05
Bahia	02
Tocantins	01
Roraima	01
Rondônia	01
Rio Grande do Norte	01
Pernambuco	01
Espírito Santo	01
Amazonas	01
Total	866

(Fonte: Oliven, 2006, p. 145)

Os CTGs são locais que congregam, além dos migrantes oriundos do Rio Grande do Sul, seus filhos e outras pessoas que vão aprendendo, no contato com os gaúchos e com a tradição presente nesses ambientes, também a simpatizarem, identificarem-se e, muitas vezes, passarem a se considerar gaúchas.

Tais aspectos do movimento migratório gaúcho e dos gaúchos serão retomados e aprofundados no capítulo quatro, quando forem feitas as análises do material recolhido. Antes de passar às análises, entretanto, julgo ser necessário caracterizar os gêneros discursivos, especialmente a entrevista e o seriado/documentário. Isso será feito no próximo capítulo.

Os gêneros do discurso: a entrevista e o seriado

“Todas as esferas da atividade humana , por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua”.

(Bakhtin, 1992, p. 279)

Valho-me do excerto de Bakhtin para iniciar este capítulo a respeito dos gêneros discursivos, destacando a importância de mencioná-los e de considerá-los nesse estudo, justamente pelo fato de eles estarem presentes e organizarem as interações sociais e os processos comunicativos. Início enfatizando que a noção de gênero é bastante antiga, tendo sido elaborada literariamente a partir de Platão – primeiramente - e depois de Aristóteles.

Essa abordagem mais tradicional dos gêneros os considera como sendo fixos, passíveis de constituírem categorias e subcategorias e podendo ser definidos por regularidades de forma e de conteúdo. Com base nessa visão, considera-se a existência de três gêneros: o épico, o lírico e o dramático. Já de acordo com a tradição retórica haveria cinco tipos textuais: a argumentação, a descrição, a narração, a explicação e o diálogo. Ocorre, entretanto, que tais classificações, mesmo sendo seculares, foram se desenvolvendo, se ampliando e reivindicando outros parâmetros de análise, de modo que, atualmente, a noção de gênero foi estendida e abrange toda a produção textual.

Bakhtin é considerado um teórico de extrema importância quando se estuda os gêneros do discurso, uma vez que “a teoria bakhtiniana foi talvez a primeira a formular uma definição baseada em critérios não-lingüísticos, mas enunciativos, ligados às condições sociais de produção” (Cunha, 2002, p. 61). Retomo o excerto de Bakhtin apresentado no início desse capítulo para marcar, de acordo com autor, que as diferentes esferas da atividade humana estão relacionadas com a língua e também se relacionam com um repertório de gêneros. A partir dessa perspectiva pode-se ter uma idéia de que a quantidade e a diversidade dos gêneros são praticamente inesgotáveis, já que a atividade humana também é inesgotável.

Bakhtin (1992) critica os estudos lingüísticos que relegam a função comunicativa da linguagem ao segundo plano e que consideram, no primeiro plano, a função formadora da língua, independente da comunicação. De acordo com o teórico, essa é uma avaliação equivocada da função comunicativa, uma vez que parte do pressuposto de que o locutor está sozinho - a língua, nessa perspectiva, é encarada como sendo necessária para que o indivíduo pense, mesmo estando só. Tal visão, ao considerar o locutor no centro do processo de comunicação, julga que o papel do outro, quando ele existe, é de um destinatário passivo, limitado a compreender o locutor.

Essa idéia é contestada por Bakhtin. O autor argumenta, nesse sentido, que o ouvinte não adota uma postura passiva, mas sim uma “atitude responsiva ativa”, ou seja, ele concorda ou discorda daquilo que foi dito/escrito, complementa, adapta, etc. O estudioso ressalta ainda que “a compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude *responsiva ativa* (conquanto o grau dessa atividade seja muito variável); toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se o locutor” (1992, p. 290). Bakhtin afirma também que essa atitude responsiva ativa se materializa no ato de uma resposta fônica subsequente. Tal resposta, no entanto, não é dada necessariamente logo após o enunciado fônico; ela pode, dependendo do gênero em questão, ser dada depois – a resposta a uma carta – ou ser dada através de um ato – a execução de uma ordem compreendida e acatada. Ocorre então que “o que foi ouvido e compreendido de modo ativo encontrará um eco no discurso ou no comportamento subsequente do ouvinte” (1992, p. 291).

Justamente por se inserirem nas mais diversas atividades humanas, os gêneros discursivos incluem uma variada gama de diálogos cotidianos bem como enunciações científicas, filosóficas, artísticas, etc. Bakhtin (1992) divide os gêneros do discurso em primários (simples) – da comunicação cotidiana – e secundários (complexo) – da comunicação produzida a partir de códigos culturais elaborados, como a escrita. O autor explica que os gêneros secundários do discurso, como o romance, o teatro, o discurso científico “aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica” (1992, p. 281). Ele ressalta ainda que os gêneros secundários, no processo de sua formação, absorvem e transmutam os gêneros primários, os quais foram constituídos em situações de

comunicação verbal espontânea. Conforme exemplifica Irene Machado (2005), um diálogo perde a sua relação com o contexto do cotidiano quando passa a fazer parte de um texto artístico, de uma entrevista jornalística, de uma crônica ou de um romance, adaptando suas características a esse novo contexto.

Um aspecto crucial quando se estuda os gêneros do discurso é considerar a natureza do enunciado, a sua diversidade nas variadas esferas da atividade comunicacional. Há que se levar em conta ainda o fato de que essas esferas do uso da linguagem são uma “referência direta aos enunciados concretos que se manifestam nos discursos” (Irene Machado, 2005, p. 156).

Os gêneros do discurso, nessa perspectiva, são constituídos nas diferentes esferas da comunicação, a partir de um locutor que possui um propósito de comunicação frente a outra pessoa. A escolha do gênero, portanto, é determinada de acordo com a especificidade da esfera na qual ocorre a comunicação – ou, nos termos de Bakhtin, a interação verbal – com a temática e com os participantes. Tal escolha leva em conta o contexto da enunciação. Bakhtin (1992) é categórico ao afirmar que

ignorar a natureza do enunciado e as particularidades de gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo lingüístico leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida. A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua (p. 282).

O enunciado é, segundo Bakhtin, a unidade da comunicação, enquanto que a oração seria a unidade da língua. Ainda no que se refere à questão da importância dos enunciados, Cunha (2002) destaca que “Bakhtin não se dedica à classificação dos gêneros, mas à descrição de cinco particularidades do enunciado ou gênero do discurso” (p. 61). Cabe aqui, neste momento, arrolar essas cinco particularidades do enunciado, conforme explicita Cunha.

Em primeiro lugar o enunciado caracteriza-se por possuir fronteiras claras, ou seja, ele é delimitado pela mudança de locutor, que pode ser uma réplica de um diálogo ou de um romance. Uma segunda característica é que o enunciado é acabado; ele tem um começo

e um fim. A terceira particularidade é que o enunciado é marcado pela expressão do locutor; por isso, por trazer a marca do locutor, não há possibilidade de neutralidade quando se fala de enunciados concretos. Em quarto lugar, e esta é uma característica que julgo de extrema importância, todo enunciado é um elo na cadeia de outros enunciados. Ele mantém relação com todos aqueles que o precederam e com os que estão por vir, respondendo, replicando, polemizando, ou concordando com outros enunciados a respeito do mesmo objeto. A quinta e última particularidade, de acordo com Cunha (2002), é que “o enunciado é voltado para o alocutário, trazendo assim a resposta presumida, as objeções, restrições do alocutário” (p. 61).

Maingueneau (2004) observa que os pesquisadores costumam classificar os gêneros discursivos a partir de vários critérios – lingüísticos, funcionais, situacionais, mas que, no âmbito da Análise do Discurso, geralmente os gêneros são classificados a partir de critérios situacionais. Fala-se, então, de gêneros discursivos tendo por base um programa de televisão, um jornal, uma conversa, uma dissertação, caracterizando-os a partir de elementos como os papéis dos participantes, suas finalidades, o tipo de organização textual que eles implicam, o enquadramento espaço-temporal, etc.

O autor distingue “dois regimes de genericidade”: o regime dos gêneros conversacionais e o regime dos gêneros instituídos. De acordo com Maingueneau, os gêneros conversacionais englobam, conforme o nome revela, toda gama de interações conversacionais. Já nos gêneros instituídos podem ser incluídos: o ensaio, a dissertação, o tratado, a revista, a entrevista, os debates televisivos, a consulta médica, o jornal impresso, etc. Nesse último regime, o dos gêneros instituídos, os papéis dos participantes são fixados *a priori* pelas instituições e são imutáveis durante o ato da comunicação. Maingueneau sublinha o fato de que, na sua perspectiva, os instituídos “são os que melhor correspondem à definição de gênero do discurso, visto como dispositivo de comunicação e definido em perspectiva sócio-histórica” (2004, p. 47).

Um outro aspecto discutido por Maingueneau (2001) é o que diz respeito à submissão dos gêneros discursivos a critérios de êxito. O autor enfatiza que os gêneros não são formas que estão disponíveis ao locutor para que ele ajuste seu enunciado a essas

formas, uma vez que os atos de linguagem estão submetidos a condições de êxito¹⁶, tais como:

- Uma finalidade reconhecida.

Todo gênero tem uma finalidade: escrever uma tese visa mostrar aptidões, passar por uma avaliação e obter um título; iniciar uma conversa tem por objetivo estabelecer e/ou manter laços sociais; a publicidade – cuja finalidade é considerada indireta – visa convencer para vender um determinado produto. Segundo Maingueneau, é indispensável que essa finalidade seja determinada corretamente a fim de que o destinatário possa se comportar adequadamente, de acordo com o gênero de discurso utilizado.

- O estatuto de parceiros legítimos.

Nos mais variados gêneros do discurso já é determinado de quem parte e a quem a fala ou a escrita é dirigida, sendo claros os papéis do enunciador e do co-enunciador. Uma aula, por exemplo, envolve um professor, munido de um saber, e um grupo de alunos - que supostamente não possuem esse saber – a quem a aula se dirige, assim como uma transação comercial envolve um cliente e um vendedor.

- O lugar e o momento legítimos.

Todo gênero pressupõe um momento e um lugar legítimos, sendo que isso não se trata, de acordo com Maingueneau, de uma coerção externa, mas de algo constitutivo do gênero. Sendo assim, seria de se estranhar se vissemos um padre rezando uma missa em praça pública ou um professor dando uma aula em um bar. Esses seriam locais, a princípio, inadequados para esses gêneros do discurso.

- Um suporte material.

Todo gênero discursivo possui um suporte material – seja ele oral ou escrito – e qualquer modificação do suporte material de um texto modifica o gênero do discurso. Dessa forma, de acordo com o exemplo dado por Maingueneau, “um debate político pela televisão é um

¹⁶ A título de exemplo, Maingueneau (2001) refere-se ao ato de prometer alguma coisa a alguém: para que isso seja feito, é necessário estar em condições de cumprir com o prometido, é preciso que o destinatário esteja interessado na realização dessa promessa, etc.

gênero de discurso totalmente diferente de um debate em uma sala para um público exclusivamente formado pelos ouvintes presentes” (2001, p. 68).

- *Uma organização textual.*

Esse é o último elemento ao qual Maingueneau se refere. Segundo o autor, todo gênero possui uma certa organização textual, isto é, determinados constituintes que são encadeados em diferentes níveis. Os modos de organização dos gêneros podem ser em alguns casos ensinados – como uma dissertação, uma resenha, etc. – ou aprendidos por impregnação – a conversa.

Todas essas classificações apresentadas aqui com base nas análises de Maingueneau são úteis para que se possa ter elementos que delineiem os gêneros do discurso. Eles não são, porém, estanques nem estáveis, muito pelo contrário; por corresponderem às mais variadas esferas da atividade humana e por se alterarem com o fluxo do tempo e com as mudanças sociais e culturais, eles possuem fronteiras fluidas, estando sempre abertos a mudanças. Mesmo possuindo regularidades que nos influenciam e nos conduzem a escolhas que não são totalmente livres, não podemos conceber os gêneros como “modelos estanques nem como estruturas rígidas, mas como formas culturais e cognitivas de ação social corporificadas de modo particular na linguagem” (Marcuschi, 2005a, p. 18).

Devido a isso, a tendência, atualmente, é analisar os gêneros considerando-os na sua forma dinâmica e processual, uma vez que eles se renovam e se adaptam de acordo com as mudanças sociais e culturais. Um exemplo bastante significativo são os *chats* e *blogs*, gêneros que até bem pouco tempo atrás não existiam, mas que, repousando em um novo suporte material, são derivados das conversas e dos diários. Frente a esse caráter mutável e fluido dos gêneros, assumo a perspectiva de Marcuschi (2005a), quando ele afirma que os gêneros

devem ser vistos na relação com as práticas sociais, os aspectos cognitivos, os interesses, as relações de poder, as tecnologias, as atividades discursivas e no interior da cultura. Eles mudam, fundem-se, misturam-se para manter sua identidade funcional com inovação organizacional (p. 19).

Irene Machado (2005) corrobora essa idéia ao postular que os gêneros são muito mais uma forma enunciativa que depende do contexto comunicativo e da cultura do que uma forma lingüística que depende da palavra.

Apesar de deverem ser considerados em sua forma maleável, Marcuschi (2005a) ressalta que a maioria dos gêneros presentes no cotidiano das pessoas são bastante fixos e estáveis, como é o caso dos documentos e formulários. O autor afirma ainda que qualquer pessoa, mesmo aquelas não letradas “em alto nível”, se utilizam, no dia-a-dia, de uma quantidade enorme de gêneros bastante regulados e padronizados.

Antes de passar à próxima seção, na qual vou me deter especificamente no gênero discursivo “entrevista”, cito Marcuschi (2005a), que tão bem explicitou e sintetizou alguns dos principais gêneros que circulam nas mais diversas esferas sociais:

Na realidade, existem gêneros que circulam necessariamente em toda a população como formas organizadoras da vida social. São eles os documentos em geral; as contas e notas; nomes de ruas; endereços; cédulas de dinheiro; atestados; formulários etc. Outros gêneros são próprios de certas esferas da vida social como os artigos científicos, os tratados, as resenhas, as notícias jornalísticas e assim por diante. Mas há um grupo que é menos necessário e surge por prazer como todos os gêneros do domínio literário (p. 31).

Passo agora a fazer algumas considerações a respeito da entrevista e logo a seguir do seriado televisivo – os quais são material de análise dessa tese - como gêneros discursivos que possuem as suas características e especificidades.

A Entrevista

“Pensar a entrevista como gênero discursivo é atender à situação comunicativa, seus interlocutores, o pacto de cooperação que se estabelece entre eles (mesmo quando seja para discordar), suas regras e suas infrações. Mas também é considerar os sentidos dessa

interação, os sistemas de valoração do mundo que são colocados em jogo, a relação com outras formas discursivas, o modo ao qual se articula ao contexto sociocultural”.

(Arfuch, 1995, p. 27)

Nesta seção debruço-me sobre a entrevista no sentido de caracterizá-la como um gênero discursivo específico. Iniciarei considerando os aspectos mais gerais do gênero em questão, para depois discutir elementos particulares relativos às entrevistas por mim realizadas em Mato Grosso.

Retomando a noção de que os gêneros são eventos comunicativos que se realizam nas interações verbais, há que se considerar a entrevista como um gênero que possui as mais diversas formas: entrevista jornalística, entrevista científica, entrevista de emprego, entrevista médica, etc. Justamente por apresentar diversas possibilidades de realização, ela manifesta estilos e finalidades das mais variadas.

O gênero discursivo *entrevista* caracteriza-se por ser eminentemente oral. Nesse sentido, Hoffnagel (2002) observa que a grande maioria das entrevistas – entrevista de emprego, entrevista com médico, entrevistas em programas de rádio ou televisão – consiste em interações orais. A autora menciona ainda o fato de até as entrevistas publicadas em jornais ou revistas serem feitas, de maneira geral, oralmente, para depois serem transcritas e publicadas. Esse é o caso das entrevistas feitas para essa pesquisa, as quais foram gravadas, transcritas e analisadas.

Apesar de as entrevistas apresentarem-se de diversas formas e possuírem múltiplas finalidades, elas se inserem em um “modelo canônico” comum, segundo argumenta Hoffnagel. Silveira (2002) corrobora essa idéia, ao afirmar que, “como gênero discursivo, a entrevista apresenta suas características; pode-se subvertê-las, questioná-las, ressignificá-las... mas tais regras são a sua referência e, de certa forma, sua garantia” (p. 125). Sendo assim, a entrevista geralmente é composta por pelo menos duas pessoas – um entrevistador e um entrevistado -, as quais possuem papéis específicos: o entrevistador é aquela pessoa responsável por fazer as perguntas e o entrevistado por respondê-las. Embora haja

entrevistas com mais de um participante, cada um respondendo a mesma pergunta, continuam existindo esses dois papéis.

Silveira (2002) chama a atenção para os jogos de poder e de controle oriundos desses papéis e que estão presentes nas situações de entrevista. A autora enfatiza que a entrevista acontece a partir de uma assimetria, já que

o uso do sufixo *-or* em *entrevistador* (indicativo de agente) e do participio passado *entrevistado*, sempre indicando ‘quem sofre a ação’, para usarmos o velho jargão da gramática escolar, etiqueta (ainda que não de forma definitiva) os papéis que a dupla envolvida deveria assumir (p. 125).

Tal característica insere-se naquilo que Marcuschi (2005b), ao analisar a conversação de maneira geral, denomina de diálogos assimétricos. Segundo o autor, nas entrevistas, nas interações em sala de aula e nos inquéritos policiais, um dos participantes tem o direito de “iniciar, orientar, dirigir e concluir a interação e exercer pressão sobre o(s) outro(s) participante(s)” (p. 16). Como estão, entretanto, envolvidos em jogos de poder e como nem tudo é previsível, o entrevistado também possui estratégias de resistência, exercendo seu poder – não respondendo a uma pergunta que lhe foi feita, respondendo evasivamente, enfatizando um aspecto da pergunta e ignorando outro, interpretando o que lhe foi perguntado de outra maneira, enfim, o entrevistado não está totalmente subjugado ao entrevistador. De acordo com Hoffnagel (2002), as perguntas podem ser abertas ou fechadas, diretas ou indiretas, mais ou menos polidas; perguntas abertas, segundo a autora, propiciam ao entrevistado falar livremente a respeito de um tópico, o que lhe confere mais chances de tergiversar, enquanto que perguntas fechadas limitam a resposta a uma afirmação ou negação.

Arfuch (1995) ressalta que as entrevistas são um tipo específico de conversação, ou seja, elas têm origem nos diálogos e nas interações verbais do cotidiano, apresentando características comuns a esse gênero. Assim como nas conversas cotidianas, há vários elementos que devem ser considerados e que compõem a entrevista: os olhares, os

silêncios, a maneira como acontecem as trocas de turno e como é tratado o tópico discursivo¹⁷.

Os turnos são elementos importantíssimos em uma conversação, já que eles funcionam como princípios ordenadores das interações. De maneira geral, os turnos se referem “a cada intervenção de um falante em uma troca lingüística, conversa, qualquer que seja sua extensão” (Silveira, 2002, p. 129). Os turnos têm a função de regular as trocas dos participantes na conversação, distribuir as intervenções feitas por eles, regular o tempo que cada participante fala, etc.

Em relação à questão dos turnos, Arfuch (1995) menciona que, nas entrevistas, as trocas de turno funcionam de maneira diferente do que na conversação. A autora afirma que tratar disso pode parecer irrelevante, uma vez que as trocas de turno, a princípio, se dariam a partir da conclusão de uma resposta, e que o ritmo da conversação fluiria através de um “mútuo consentimento”. Todavia, como as entrevistas muitas vezes são um campo de disputas, nos quais vários jogos de poder estão envolvidos, freqüentemente ocorrem disputas por espaço – espaço de fala -, desvios da narrativa e da resposta à pergunta, além de interrupções, agressões e toda série de estratégias que visam à tomada do turno.

Ainda no que concerne às características que gostaria de ressaltar em relação às entrevistas, Silveira (2002), em seu já citado artigo que trata das entrevistas como um importante instrumento para a área da Educação, ressalta os vários aspectos que o pesquisador deve levar em consideração ao se valer desse instrumento. Para a autora, que corrobora muito do que já foi argumentado até aqui, o pesquisador deve levar em conta os jogos de poder que estão envolvidos ao se proceder uma entrevista. Tal visão vai contra a perspectiva que busca encontrar, no material coletado a partir das entrevistas, a verdade sobre determinado tema, acreditando que seria possível, através de certos procedimentos no momento da coleta de dados, afastar as marcas de subjetividade, as hesitações, os subterfúgios discursivos, etc. Ainda de acordo com a autora, ao darmos relevância, como pesquisadores, a essa questão, ao considerarmos

a nossa condição de sujeitos culturalmente constituídos,
circunstancialmente situados, quer como entrevistadores, quer como

¹⁷ Tópico discursivo, de acordo com os especialistas em Análise da Conversação, é aquilo a respeito do que se fala.

entrevistados, podemos refletir sobre outras questões que não fidedignidade, imparcialidade, exatidão e autenticidade. Podemos pensar sobre jogos de linguagem, reciprocidade, intimidade, poder e redes de representações (p. 125).

Inspirada nas reflexões de Silveira, ressalto que levarei em conta o caráter constitutivo das entrevistas, no sentido de entender as narrativas produzidas a partir das entrevistas realizadas e analisadas nessa tese como produtoras de verdades sobre a identidade gaúcha e sobre o gaúcho, considerando que elas foram provocadas por um determinado questionamento, em um espaço onde havia uma intenção manifesta de um pesquisador. As narrativas aqui analisadas constroem histórias de vida atreladas ao gauchismo.

As entrevistas e seus personagens

“(...) a situação de entrevista – um jogo interlocutivo em que um/a entrevistador/a ‘quer saber algo’, propondo ao/à entrevistado/a uma espécie de exercício de lacunas a serem preenchidas... Para esse preenchimento, os/as entrevistados/as saberão ou tentarão se reinventar como personagens, mas não personagens sem autor, e sim, personagens cujo autor coletivo sejam as experiências culturais, cotidianas, os discursos que os atravessaram e ressoam em suas vozes”.

(Silveira, 2002, p. 139-140)

O título desta seção remete diretamente ao excerto de Silveira no sentido de tomar cada pessoa entrevistada como uma personagem que, ao narrar-se, cria e recria sua história, tecendo as tramas da sua vida. Assumo essa perspectiva entendendo que cada pessoa, ao ser entrevistada por mim, re-construiu a sua saga narrando sua história e sua experiência de enfrentar o desconhecido em um Estado distante do Rio Grande do Sul. No que concerne a essa idéia, de os entrevistados se tornarem e se narrarem personagens de suas histórias,

concordo com Arfuch (1995), quando ela argumenta que “se a novela apresenta seus personagens como reais, a entrevista faz seus sujeitos de ‘carne e osso’ viverem como personagens” (p. 71).

A partir dessas considerações iniciais, passo agora à apresentação dos entrevistados/personagens que contribuíram para que essa tese pudesse ser realizada. Pois bem, no período de 12 a 21 de junho de 2005 entrevistei cinco pessoas em Tangará da Serra e seis em Campo Novo do Parecis. O meu período de permanência na cidade não foi longo devido ao custo gerado por tal empreitada, mas, de toda forma, julgo que foi suficiente para que a coleta de dados tenha sido realizada de maneira satisfatória e atendendo àquilo que eu esperava¹⁸.

Das onze pessoas entrevistadas, sete atuam na área da educação, seja como professores, em Bibliotecas escolares ou na Secretaria Municipal de Educação de Tangará da Serra. Em alguns casos realizei entrevistas individuais e em outros preferi, devido às oportunidades surgidas, realizar uma espécie de “bate-papo” entre duas ou três pessoas, ocasião na qual os assuntos referentes ao gauchismo foram surgindo de uma maneira mais descontraída. No meu entendimento essa forma de conduzir as entrevistas foi bastante profícua, por possibilitar uma situação menos formal e uma atitude menos tensa por parte dos entrevistados, que já se conheciam.

Dentre as onze pessoas entrevistadas¹⁹, oito são mulheres – seis delas trabalham na área de Educação - e três são homens – apenas um deles é professor. A seguir farei uma breve identificação de cada um levando em consideração o sexo, a faixa etária e a profissão. Por se tratar de cidades relativamente pequenas, nas quais as pessoas se conhecem, percebi que qualquer detalhe mais específico levaria à identificação dos entrevistados; por isso, a opção por caracterizar cada um, a partir desses dados genéricos, os quais possibilitam que se tenha uma idéia a respeito do universo dos entrevistados. Ressalto ainda que não solicitei, no momento das entrevistas, que cada um deles elegeisse

¹⁸ Gostaria de ressaltar nesse momento que, sem o apoio e a ajuda da minha amiga e colega de grupo de orientação, a Ninha (Maria Helena Rodrigues Paes), professora da Universidade do Estado de Mato Grosso/Unemat, essa parte da pesquisa não poderia ter sido feita. Destaco a sua total presteza e empenho no sentido de fazer e de facilitar o contato com todas as pessoas entrevistadas, bem como me levar em todos os locais nos quais realizei as entrevistas, inclusive na cidade de Campo Novo do Parecis, distante 240km de Tangará da Serra, cidade na qual fiquei hospedada. Fica aqui, mais uma vez, o meu caloroso agradecimento.

¹⁹ Tanto o roteiro das entrevistas quanto o modelo do termo de consentimento informado, que foi assinado pelos entrevistados e estão com a pesquisadora, estão no final da Tese, em anexo.

um pseudônimo; resolvi então me utilizar de nomes de estrelas e optei por denominá-los com os nomes de algumas das cinquenta estrelas visíveis mais brilhantes. Eis aqui o perfil de cada estrela:

Capella

Sexo feminino

Idade entre 40-50 anos

Professora

Campo Novo do Parecis

Vega

Sexo feminino

Idade entre 35-45 anos

Professora

Campo Novo do Parecis

Sargas

Sexo feminino

Idade entre 35-45 anos

Professora

Campo Novo do Parecis

Sírius

Sexo feminino

Idade entre 35-45 anos

Professora

Campo Novo do Parecis

Alhena

Sexo feminino

Idade entre 35-45 anos

Professora
Tangará da Serra

Atria
Sexo feminino
Idade entre 40-50 anos
Professora
Tangará da Serra

Castor
Sexo masculino
Idade entre 40-50 anos
Professor
Tangará da Serra

Antares
Sexo masculino
Idade entre 40-50 anos
Tangará da Serra

Altair
Sexo masculino
Idade entre 15-25 anos
Estudante
Tangará da Serra

Polaris
Sexo feminino
Idade entre 40-50 anos
Empresária
Campo Novo do Parecis

Rigel

Sexo feminino

Idade entre 15-25 anos

Estudante

Campo Novo do Parecis

O Seriado e o Documentário

“(...) o presente trabalho explora a dinamicidade, a situacionalidade, a historicidade e a plasticidade dos gêneros para mostrar que eles não são classificáveis como formas puras nem podem ser catalogados de maneira rígida”.

(Marcuschi, 2005a, p.19)

Conforme observa Marcuschi no excerto acima, uma das principais características dos gêneros do discurso é o seu caráter fluido, que impede classificações rígidas e estanques, uma vez que os gêneros, além de estarem em constante rearranjo, também se mesclam, se interconectam e se misturam, o que torna ainda mais difícil fixá-los.

Partindo desse pressuposto, gostaria de assinalar que, no caso específico deste trabalho, o gênero seriado se apresenta sem fronteiras definidas, mesclando-se com o gênero documentário, ora com algumas características desse gênero, ora com elementos daquele. Optei, frente à impossibilidade de tratar de um gênero específico, por considerar os dois gêneros e estabelecer as suas relações com “A Conquista do Oeste” no sentido de apontar quais os aspectos de um ou de outro gênero que caracterizam o seriado²⁰.

Começarei discutindo algumas questões relativas ao documentário, para, a seguir, tratar do gênero seriado e apresentar “A Conquista do Oeste”.

²⁰ Mesmo entendendo que não se trata puramente de um seriado, vou me referir a “A Conquista do Oeste” como sendo um seriado.

Ao se discutir e tentar estabelecer fronteiras que delimitem o gênero documentário, surge justamente a dificuldade de se defini-lo. No que concerne a essa problemática, Da-Rin (2004), em seu aprofundado estudo a respeito do documentário, observa que tanto os verbetes enciclopédicos quanto o senso comum costumam opor o documentário à ficção. O estudioso assinala também que é corrente nos Estados Unidos a generalização dessa oposição, que se caracteriza pelo emprego bastante comum da expressão “*non-fiction film*” – filme de não-ficção – para fazer referência ao documentário. Segundo o autor, tal expressão cria “artificialmente uma oposição extrema entre campos que, na prática, são marcados por nuances e sobreposições” (p. 17). Esse é o ponto central quando se analisa se um filme é ou não um documentário, qual seja, a questão da ficção. Uma vez que não se pode considerar o documentário como um filme de não-ficção, quais parâmetros são usados para que algumas fronteiras sejam estabelecidas?

Da-Rin (2004) é categórico ao afirmar que documentário não é um termo que atribua uma essência a um tipo de material fílmico, a um conjunto de técnicas ou a uma abordagem específica. Não há como negar, todavia, a existência daquilo que o autor denomina “uma espécie de instituição virtual” que congrega diretores, produtores e técnicos, os quais produzem filmes reconhecidamente pertencentes a esse gênero, e toda uma estrutura que engloba distribuição, mostras especializadas, publicações, críticos e público a serviço desse gênero. O autor prefere, ao invés de tentar definir o documentário, referir-se a um “grande regime cinematográfico” chamado de um “domínio” do documentário. De acordo com Da- Rin

o domínio do documentário funciona como catalisador das questões historicamente partilhadas por uma comunidade de praticantes. Questões que, ao longo dos anos, receberam respostas contraditórias, não configurando um campo uniforme e contínuo. Ao contrário, periodicamente novos movimentos e escolas aí se confrontam, dando lugar a sucessivas configurações do documentário (2004, p. 21)

De fato, ao longo do século XX, vários movimentos e escolas surgiram experimentando maneiras diversas de se fazer documentários. O marco do cinema documentário foi o filme *Nanook of the North*, de Robert Flaherty, lançado em 1922. Ele é

resultado dos mais de dez anos de contato entre os Inuik, povo que habitava a região da Baía de Hudson, no Canadá, com o explorador norte-americano Robert Flaherty.

O filme se tornou um marco por ter aberto um campo de criação entre os filmes de ficção e os de viagem, esses últimos filmes bastante comuns e apreciados naquela época. Conforme escreve Da-Rin (2004), o caráter inovador desse filme estava em dar um tom dramático àquilo que foi por ele testemunhado, ou seja, Flaherty construiu personagens – Nanook e sua família - e um antagonista – a hostilidade do meio nos desertos gelados do norte. Apesar de estes serem elementos de filmes de ficção, Flaherty utilizava-se deles em um material que não fora inventado por um diretor ou escritor; além disso, não houve a participação de atores. O diferencial desse filme estava na utilização da montagem narrativa que resultou na dramaticidade do filme, na manipulação do espaço-tempo e na identificação do espectador com o personagem.

Até aquele momento, os filmes de viagem retratavam imagens de terras distantes e exóticas com o objetivo de apresentar informações sobre os lugares. Esses filmes eram centrados na figura do viajante/explorador e submetiam a imagem a uma perspectiva educativa, descrevendo a natureza dos locais visitados e a cultura dos povos. Além disso, a tradição dos filmes de viagem era organizar as seqüências de acordo com a cronologia do roteiro fisicamente percorrido. Em *Nanook of the North*, pela primeira vez, o material filmico era submetido a uma interpretação, isto é, era feita uma montagem cuja lógica não era percebida e que só podia existir a partir de um conjunto de detalhes sintetizados e articulados com muita habilidade.

Retomando a questão da narrativa, Da-Rin (2004) sublinha que o trabalho de Flaherty equipara-se ao dos etnógrafos. Para demonstrar, entretanto, o modo de vida daquele povo, ele não se utilizou da mera descrição ele se valeu de micro-narrativas, sem que houvesse entre elas uma ligação que conduzisse a um desfecho. É esta “narratividade frouxa”, segundo Da-Rin (2004), que dá consistência ao filme. O autor afirma que o mesmo abriu horizontes novos para um tipo de cinema preocupado com o registro da realidade. Ainda de acordo com Da-Rin (2004), é importante considerar “a contribuição original de Flaherty no sentido de criar um método de pesquisa, filmagem e montagem que inaugura uma narratividade documentária” (p. 53).

É justamente esse o ponto que gostaria de marcar no que se refere ao documentário: a narratividade. Ainda hoje as questões referentes à narrativa são um mote que preocupa cineastas. Rabiger (2005), ao problematizar a realização de documentários atualmente, afirma que “o problema, como eu o vejo, é produzir documentários que encontrem maneiras novas e individuais de contar histórias, com vigor em suas narrativas” (p. 54).

No caso de “A Conquista do Oeste”, todo o método de pesquisa, filmagem e montagem está associado à narratividade documentária, no sentido de que cada episódio concatena micro-narrativas que não conduzem a um desfecho, e os episódios ali narrados mostram uma preocupação com o registro de uma suposta realidade e com questões historicamente partilhadas pelos gaúchos. Nesse sentido, Jesus (2006) ressalta que a “autodenominação documentarista já estabelece uma ligação com as narrativas que recusam a mediação metafórica da ficção e pretendem referir-se diretamente ao mundo histórico” (p. 2). Destaco, mais uma vez, a importância da narrativa para o documentário e o papel desempenhado pelas narrativas na construção do mundo no qual nos situamos e da vida que vivemos, conforme foi explicitado no capítulo 2. Sendo assim, as narrativas construídas em “A Conquista do Oeste” constituem a experiência de diáspora dos gaúchos a partir de depoimentos e de histórias de alguns migrantes, experiência em que se sobressaem muitas qualidades dos gaúchos e as dificuldades por ele enfrentadas nessa saga migratória.

Outro nome de destaque no gênero é John Grierson. Ele foi o principal organizador e idealizador do movimento do filme documentário na Inglaterra a partir da década de 1930. Para Grierson o documentário constituía-se como um novo gênero cinematográfico, cuja proposta, de cunho eminentemente pedagógico, era difundir os valores liberais da sociedade inglesa. Da-Rin (2004), ao reportar-se a este importante período do cinema documentário, observa, em relação ao caráter pedagógico desse movimento, que Grierson estava certo de que os modelos tradicionais de educação não eram suficientes para enfrentar os desafios da sociedade de massa daquela época. Era necessário recorrer a novas técnicas de comunicação e persuasão para que o público pudesse compreender a complexidade do mundo, e o cinema, “com seus padrões dramáticos e sua capacidade de capturar a imaginação das platéias, possuía um grande potencial a ser explorado no campo da difusão de valores cívicos e na formação da cidadania” (p. 56). A partir desses pressupostos, Grierson dirige, no Departamento de Cinema do *Empire Marketing Board* – o mais

importante organismo estatal inglês dedicado à propaganda – vários filmes chamados de documentário. Este modelo griersoniano de documentário é chamado de modo expositivo de representação, o qual omite o processo de produção em busca de uma suposta objetividade científica.

Mais tarde, por volta de 1960, surgiu, nos Estados Unidos, o chamado cinema direto²¹, “uma utopia (...) que se propunha a reduzir ao mínimo a intervenção do cineasta e refletir a realidade tal qual ela é” (Di Tella, 2005, p. 73). O cinema direto foi desenvolvido por jornalistas que tinham interesse em agilizar os métodos de trabalho da reportagem.

Quase ao mesmo tempo surgia, na França, o *cinema vérité* - cinema verdade -, cuja figura principal é Jean Rouch, “um etnógrafo marcado pelo exemplo de Flaherty, que, como já vimos, não via o menor problema em misturar registro e re-criação nos seus documentários” (Di Tella, 2005, p. 76). O cinema verdade tem o pressuposto de que o documentário nada mais é do que o encontro entre aqueles que filmam e os que são filmados. Rouch considerava, conforme explicita Di Tella (2005), que “o que um documentário revela não é ‘a realidade’ em si, mas a realidade de um tipo de jogo que se produz entre as pessoas que estão à frente e atrás de uma câmera” (p. 76).

Ainda hoje discute-se até que ponto o documentário retrata a realidade como ela é, como defendem alguns teóricos e cineastas, ou de que forma o documentário é uma narrativa que, mesmo tendo como base fatos e acontecimentos que não são pura ficção, recria e reinventa “o real”. Alinho-me à segunda tendência, compreendendo que o documentário cria uma realidade, já que

filmar um evento é produzir uma realidade fílmica até então inexistente, que necessariamente transforma a matéria bruta registrada. Esta inexorável intervenção produtiva não pode deixar tranqüila a realidade dos fatos, mas lhe acrescenta – ou subtrai – algo.

Ao contrário de um testemunho mecânico dos acontecimentos, o documentário é sempre o produto de um processo de manipulação, envolvendo a cada passo um leque de alternativas metodológicas e técnicas, que afinal são opções estéticas (Da-Rin, 2004, p. 157).

²¹ Di Tella (2005) afirma que o surgimento do cinema direto e do cinema verdade só foi possível graças aos novos aparelhos portáteis, mais leves, que permitiam filmar com a câmera na mão e som sincronizado, com menos luzes artificiais e em qualquer lugar.

Nesse sentido “A Conquista do Oeste”, ao retratar as experiências de muitos gaúchos em vários Estados do Brasil, constrói a imagem de que os gaúchos são heróis desbravadores. Isso se deve ao modo como a câmera capta as imagens, à trilha sonora, à maneira como são feitas as entrevistas, enfim, há todo um processo de gravação, montagem e produção que monta tal imagem²².

Passarei agora a apresentar o seriado “A Conquista do Oeste” fazendo algumas considerações a respeito desse gênero discursivo. Para iniciar, julgo ser importante apresentar um resumo de cada episódio, considerando o local – ou os locais – onde cada um foi produzido e o tema abordado nos programas. Tal resumo foi extraído do site da RBS²³ a respeito do seriado. Segundo informa esse site, a série foi produzida por três equipes de reportagem, as quais viajaram durante 96 dias, percorrendo 32 mil quilômetros e entrevistando 155 gaúchos. O trabalho gerou mais de 210 horas de gravação, além de 1768 horas de edição, com 58 profissionais envolvidos. Os números apresentados marcam a grandiosidade da produção do seriado.

	Título	Data de exibição	Resumo
1º Episódio	Origem	05.06.2004	O primeiro programa da série mostra os motivos que levaram os gaúchos a partir rumo ao oeste do Brasil, as dificuldades que enfrentaram, a saudade da terra natal e a manutenção da cultura gaúcha nos CTGs.
2º Episódio	Santa Catarina	12.06.2004	Santa Catarina, a primeira parada dos gaúchos viajantes. Os pioneiros que saem para encontrar outros horizontes. Ao atravessar a fronteira

²² Mais detalhes sobre a construção de “A Conquista do Oeste” serão enfocados logo a seguir, quando me referir ao gênero seriado.

²³ O site é www.clicrbs.com.br/dvdaconquista/jsp/conquista_oeste.jsp

			passam a ser conhecidos como gaúchos.
3º Episódio	Paraná	19.06.2004	Para se manter no Oeste, era preciso mais que terras e vontade de trabalhar. Os gaúchos que conseguiram ficar em terras estrangeiras aprenderam a lutar e construíram importantes cidades paranaenses.
4º Episódio	Paraguai	26.06.2004	Na década de 70, os gaúchos ultrapassaram as fronteiras do país. O destino: Paraguai. Em menos de 20 anos, mais de 100 mil gaúchos se instalaram no país vizinho.
5º Episódio	Mato Grosso do Sul 1	03.07.2004	Mato Grosso do Sul: no centro do Brasil, o clima, os costumes e os hábitos ficam cada vez mais diferentes daqueles deixados nos pampas. Mas as dificuldades de adaptação são vencidas da forma mais simples possível: o casamento.
6º Episódio	Mato Grosso do Sul 2	10.07.2004	A ousadia dos gaúchos no Mato Grosso do Sul é o tema do 6º programa. A tecnologia no campo que faz do estado um recordista na produção de grãos, a coragem de investir em empreendimentos desconhecidos e a persistência ao fazer de cada negócio fracassado o ponto de partida para uma nova tentativa.

7º Episódio	Mato Grosso	17.07.2004	O medo, as mortes, as doenças e as perdas dos primeiros gaúchos a enfrentar a selva do Mato Grosso estão no 7º programa.
8º Episódio	Goiás	24.07.2004	Em Goiás, estado em que vivem quase 20 mil gaúchos, as tradições gaúchas são um próspero mercado de trabalho.
9º Episódio	A febre do ouro	31.07.2004	No garimpo, além do perigo da febre amarela, malária, hepatite, o risco é a febre do ouro. É uma espécie de busca alucinada e obcecada por esse minério amarelo capaz de transformar vidas.
10º Episódio	E o pago virou floresta	07.08.2004	Em Humaitá, no Amazonas, e em Ji-Paraná na Rondônia estão os gaúchos que, de uma forma direta e indireta, têm a selva amazônica como uma paisagem do seu dia-a-dia e tem a sua sobrevivência ligada intimamente à floresta.
11º Episódio	Abrindo caminhos na floresta	14.08.2004	A relação do gaúcho com a floresta, do migrante com o extrativismo. São gaúchos que trabalham suas terras preservando o meio ambiente.
12º Episódio	Os gaúchos desbravadores	21.08.2004	Esse programa mostra os gaúchos como fundadores de Estados.
13º Episódio	Os sonhos continuam	Inédito	A aventura dos gaúchos pelo Centro-Oeste brasileiro, que começou no início do século passado, continua. Os pioneiros construíram estados,

			grandes empresas e também abriam caminhos.
--	--	--	--

O seriado em questão é um tipo de narrativa televisiva seriada que preserva, nos vários episódios, a sua temática (Arlindo Machado, 2000) – a saga dos gaúchos rumo a alguns Estados brasileiros e ao Paraguai. No que se refere, entretanto, à estrutura de cada episódio, pode-se perceber uma regularidade na sua construção. De acordo com Arlindo Machado (2000), há, na televisão, basicamente três tipos principais de narrativa seriada: no primeiro tipo há uma única narrativa (ou narrativas paralelas entrelaçadas) que se sucede linearmente ao longo de todos os capítulos. Esse é o caso dos teledramas, telenovelas e de alguns tipos de séries ou minisséries. No segundo caso ocorre que cada emissão é uma história completa ou autônoma, com começo, meio e fim; o que se repete em cada episódio são os personagens principais e uma mesma situação narrativa. Esse é o caso dos seriados e dos programas humorísticos. Já o terceiro tipo, no qual está inserido “A Conquista do Oeste”, a única coisa que se preserva nos episódios é o espírito geral das histórias ou a temática.

Cada episódio apresenta, invariavelmente, o que denominarei de três séries discursivas: a primeira delas se refere aos depoimentos de pessoas que migraram, de filhos de gaúchos e de pessoas ligadas de alguma forma às tradições gaúchas; esses depoimentos ocupam a maior parte do programa e é a partir deles que giram os outros discursos.

A segunda série discursiva é a do narrador, concretizado através do ator Walmor Chagas²⁴. O narrador geralmente inicia o programa explicitando a região ou o lugar escolhido para aquele episódio que está sendo apresentado, bem como o assunto principal – o primeiro Estado colonizado, a conquista da Floresta Amazônica, as tradições gaúchas como uma atividade econômica rentável, etc. Sua função também é bastante importante no sentido de fazer comentários intercalados aos vários depoimentos, a fim de reforçar, esclarecer ou de dar ênfase àquilo que foi/está sendo dito pelas pessoas ou àquilo que é

²⁴ No primeiro episódio o ator ressalta o fato de ele também ser gaúcho e de ter saído do Rio Grande do Sul rumo aos palcos do centro do país em busca de oportunidades, aproximando-se, assim, dos gaúchos retratados na série.

mostrado pelas imagens. Aliás, segundo Abadía e Díez (1999), a função do comentário, ou, conforme denominam os autores, da “voz em *off*”, é “explicar o que a imagem não pode esclarecer por si mesma ao espectador” (p. 202). Ainda de acordo com os autores, o comentário seria um complemento do relato visual²⁵. Nesse sentido, Rose (2002) assinala que “normalmente, os dois modos, o visual e o verbal, irão contar a mesma história, pois essa é uma convenção na televisão” (p. 358). Os dois modos aos quais se refere a autora estão imbricados no sentido de construir uma narrativa sobre o gaúcho colonizador.

Na série em questão, o narrador também interfere quando é necessário introduzir um novo tópico, dando, assim, continuidade à seqüência narrativa e possibilitando o seu desenvolvimento.

A terceira série discursiva presente nos episódios é a dos especialistas: antropólogos, historiadores, escritores, folcloristas, professores, jornalistas, etc. Esse discurso possui um caráter legitimador e, além de trazer novas informações em relação a um determinado assunto que está sendo tratado, vem carregado de uma certa “autoridade”, uma vez não expressa uma opinião leiga, mas, sim, se apresenta como uma exposição de determinadas idéias feita por uma pessoa que possui conhecimento técnico/científico sobre aquele assunto. A partir desses três discursos que aparecem no seriado – o dos depoimentos, o do narrador e o dos especialistas – vai sendo construída uma rede discursiva²⁶ sobre o gaúcho diaspórico.

O seriado apresenta um ritmo bastante acelerado, e isso pode ser percebido pela profusão de imagens. Em certos momentos há, inclusive, uma sobreposição de determinadas imagens, para marcar a diferença entre o passado dos colonizadores gaúchos - representado como sendo difícil, incerto, sombrio – e o presente – no qual se colhem as benesses e se alcança o desenvolvimento, as riquezas e a fartura. Com tal intuito, geralmente no início de cada episódio aparecem fotos antigas, em preto e branco, imagens de selvas, matas, lugares ermos, estradas de terra, animais ferozes, para que então se

²⁵ Abadía e Díez (1999) atribuem ao comentário as seguintes funções: a) proporcionar dados ou informações que ajudem a tornar mais compreensível o desenvolvimento de determinado filme; b) propiciar um clima conveniente para introduzir ou ressaltar uma temática; c) guiar a atenção do público para ensinar-lhe aquilo que interessa ser destacado; d) servir como recurso de transição entre diferentes aspectos temático do relato fílmico.

²⁶ Utilizo o termo rede discursiva por entender que os vários discursos produzidos a respeito do gaúcho em sua experiência de diáspora se entrelaçam, como uma rede, a fim de formar um discurso hegemônico sobre o gaúcho diaspórico.

contraponham imagens de grandes lavouras, plantações, fazendas, rodovias asfaltadas, pontes, cidades, imagens essas que sugeririam que todos esses feitos teriam sido realizados pelos gaúchos.

No que se refere às imagens recorrentes em todos os episódios do seriado, destaco aquelas que retratam tudo aquilo que está relacionado ao tradicionalismo. Isso é marcado, por exemplo, pelo fato de mais da metade das pessoas que dão depoimentos aparecerem pilchadas, muitas delas tomando chimarrão. Também são mostradas cenas em CTGs – em cada episódio aparecem no mínimo duas cenas em CTGs, às vezes mais – danças, pessoas reunidas comendo churrasco, gaiteiros, enfim, a construção da imagem do gaúcho ligada ao tradicionalismo é muito forte e presente em todos os episódios. Esse fato é bastante significativo ao pensarmos no alcance que a pedagogia do gauchismo possui, uma vez que constitui gaúchos e gaúchas Brasil afora, naturalizando uma tradição formada há poucas décadas.

A música é outro elemento crucial na estrutura do seriado, apresentando as mais variadas funções e contribuindo com o desenvolvimento dos tópicos de cada programa. Segundo Abadía e Díez (1999), a música possui os mais variados atributos que contribuem com a apresentação de determinada obra ao espectador. Ela

ajuda a identificação com a trama, já que é um excelente veículo para a criação de climas convenientes. Sua intervenção dá fluidez ao desenvolvimento dos acontecimentos, e sua combinação com o narrador constitui uma forma clássica para ajudar a expressar um comentário. É muito eficaz como recurso para expor situações sem uma explicação verbal, para introduzir ou ressaltar uma exposição e para pontuar uma ação ou para marcar uma transição (p. 206).

Destaco a música instrumental tema do seriado, composta por Jean Presser, a qual, além de dar início a cada episódio da série, é utilizada para ajudar a dar ênfase a algum comentário do narrador, em cenas que mostram a grandiloquência do movimento de colonização – geralmente no momento em aparecem imagens relacionadas ao “progresso” e ao “desenvolvimento” de regiões antes consideradas inóspitas. Também se pode ouvi-la

quando há a introdução de um novo tópico, sendo freqüentemente executada após a exposição do narrador.

Considero, todavia, mais importante sublinhar a utilização de músicas gauchescas em dois momentos principais²⁷: o primeiro, quando são mostradas cenas de dança nos CTGs, e o segundo, ao se falar da saudade do Rio Grande do Sul. A própria execução de determinadas músicas – como a canção “Hei de voltar pro Sul”, composta por José Fogaça e Kledir Ramil e interpretada por Mônica Tomasi – cria um clima saudosista e sentimentalista, evocando a “saudade eterna” daqueles que migraram pelo seu pago. A temática da saudade se faz presente no final de todos os episódios e será um dos eixos da análise empreendida a seguir.

²⁷ Isso não significa que não sejam executadas músicas em outros momentos, elas o são, sim. O primeiro episódio, inclusive, encerra-se com a música “O Brasil de Bombachas” - composta por Ângela Marques, Ricardo Marques e Léo Ribeiro de Souza, interpretada pelo conjunto “Os Monarcas” -, numa clara alusão ao que será tratado nos episódios seguintes.

Uma cartografia discursiva da identidade gaúcha diaspórica

“Estava bastante cansada depois de algumas horas de avião entre Porto Alegre e Cuiabá. A estrada que nos levava a Tangará parecia infinita, com suas imensas retas; a vegetação, a terra vermelha e, sobretudo, o céu me davam, entretanto, uma sensação de muita familiaridade. Era a paisagem do Planalto, com a sua imensidão!”

(Diário de Campo, 13.06.2005)

A minha chegada em Tangará foi bastante emocionante; estava cheia de expectativas. À medida que nos aproximávamos da cidade, a ansiedade aumentava, curiosa que estava para conhecer uma região da qual havia tanto ouvido falar e que povoava a minha imaginação de paisagens, de imagens e de tipos humanos. Como serão os mato-grossenses? Será que há muitos gaúchos lá? Até que ponto vou encontrar elementos, pessoas e pontos em comum com aqueles apresentados no seriado? Que diferenças existirão entre aquilo que já vi no seriado e o que encontrarei? Essas eram apenas algumas das várias interrogações que passavam pela minha mente. Nesse momento de escrita da tese sou tomada por diversas recordações e por uma sensação de imensa satisfação, tanto pelas experiências que vivi e pelas pessoas que conheci, quanto pelo material que consegui recolher e que passo agora a analisar.

Desse material procurei investigar as recorrências e as rupturas existentes entre as narrativas que emergiram das entrevistas e aquelas procedentes do seriado, no sentido de mapear como se constituem as identidades desses gaúchos que vivem na diáspora. Justamente pelo fato de pertencerem a dois gêneros discursivos distintos, houve diferenças consideráveis no que tange ao registro das narrativas, mas muitas convergências em relação às temáticas.

O seriado, considerando-se o modo como foi filmado e editado, focaliza a grandiosidade da saga gaúcha, apresentando como personagem central o herói desbravador. Apesar de não ser o propósito dessa pesquisa fazer uma análise fílmica, a qual dê conta dos elementos que integram e que constroem o seriado, mas sim das narrativas que dele emergem, julgo importante ressaltar a diferença que existe entre tais narrativas: as do seriado foram feitas a partir de entrevistas realizadas por jornalistas para compor uma produção televisiva congregando som, música, imagens, planos, iluminação enquanto aquelas coletadas por mim tinham por objetivo uma pesquisa acadêmica. Tais diferenças são marcadas pelo próprio gênero discursivo.

Além disso, na maior parte dos casos, os excertos oriundos das entrevistas são narrativas, no sentido de serem constituídas de um enredo, personagens – o personagem principal geralmente é o narrador/entrevistado – uma situação inicial, uma transformação e um desfecho. Como, algumas vezes, as narrativas eram muito extensas, optei por reduzi-las, a fim de me deter naquelas partes mais representativas para a temática em questão, o que impossibilita que o leitor possa encontrar todos os elementos da narrativa nos excertos.

Em relação aos trechos retirados do seriado, não há a presença desses elementos, uma vez que o próprio gênero determina a edição das imagens e das entrevistas, não havendo a possibilidade de se depreender toda a história contada pelos entrevistados. No seriado, na maioria das vezes, o que aparece são depoimentos rápidos de pessoas que – pressupõem-se – foram entrevistadas, geralmente depoimentos que corroboram uma afirmação feita anteriormente pelo narrador ou por algum dos especialistas – historiadores, antropólogos.

Há que se considerar também que tais diferenças decorrem daquilo que, como já vimos, Maingueneau (2001) denomina de condições de êxito dos gêneros do discurso. O suporte material é um dos elementos que determinam as condições de êxito de um gênero, ou seja, qualquer modificação no suporte material de um texto – oral ou escrito – modifica o gênero. Nesse sentido, é notório que as entrevistas realizadas oralmente por mim e depois transcritas possuem um tipo de suporte material, enquanto que aquelas inseridas no seriado inscrevem-se em outro suporte, fator esse que influencia diretamente o gênero discursivo de cada uma delas.

Um outro aspecto concernente às narrativas diz respeito à seleção, por parte dos entrevistados, daquilo que deveria ou não ser narrado. Segundo Culler (1999), não é qualquer coisa que pode ser narrada; algum fato ou evento tem de ser relevante, contundente, importante, a fim de que seja narrável.

Além disso, como poderá ser observado nas entrevistas que foram realizadas simultaneamente²⁸ com mais de uma pessoa, as narrativas estabelecem uma certa intersubjetividade, no sentido de que “as histórias muitas vezes vêm em séries, ou pelo menos, que após alguém contar uma história, uma outra se segue imediatamente a ela. Em outras palavras, é comum que, após escutar uma história, o interlocutor conte outra” (Garcez, 2001, p. 199). Dessa forma, nas entrevistas em conjunto²⁹, os entrevistados ainda estabeleceram um grau de intersubjetividade que propiciou o contar de novas histórias relacionadas com o tema da narrativa inicial.

Para uma melhor organização, este capítulo está dividido em quatro partes, as quais apresentam as principais temáticas que surgiram das entrevistas e/ou dos depoimentos do seriado e que compõem uma grande narrativa a respeito do gaúcho que sai do Rio Grande do Sul para tentar a sorte e vencer em outros lugares. Tal divisão, contudo, apresenta um certo artificialismo, uma vez que todas as temáticas estão interligadas, sendo, por isso, uma tarefa complexa estabelecer limites entre elas. De toda forma, quatro eixos foram organizados: o primeiro, “A bravura dos colonizadores”, trata das dificuldades enfrentadas pelos colonizadores gaúchos nas novas terras; o segundo, “Os gaúchos e os outros”, explora como a identidade gaúcha é marcada a partir do outro, da contraposição frente a outros grupos culturais – nordestinos, mineiros, paulistas; “A força do gauchismo” é o terceiro eixo, o qual analisa como o gauchismo e sua pedagogia são determinantes para a construção da identidade gaúcha diaspórica; por fim, no quarto e último eixo, denominado “A saudade do pago”, são tratadas outras questões como a volta sempre adiada: mesmo que o Rio Grande do Sul seja apontado como o lugar de referência, quase um local sagrado, a perspectiva de voltar é praticamente desconsiderada.

²⁸ Três entrevistas foram realizadas simultaneamente:

- 1) Capella, Polaris, Atria e Rigel
- 2) Veja, Sírius, Sargas, Capella e Atria
- 3) Alhena, Antares e Atria

²⁹ Nas entrevistas realizadas só com uma pessoa, muitas vezes a entrevistadora exerceu esse papel de contar uma outra história relacionada com aquela inicialmente contada.

Antes de iniciar, ressalto que os depoimentos oriundos do seriado apresentarão apenas a indicação do episódio do qual foram retirados, com exceção dos comentários do narrador, os quais estarão indicados entre parênteses. No que se refere às entrevistas, em todos os excertos constará o apelido dos entrevistados.

1) A bravura dos colonizadores

Em todas as entrevistas³⁰ feitas com os gaúchos que migraram para Mato Grosso, perguntei a eles qual foi o motivo que os levou a se mudarem. A partir dessa pergunta surgiu a questão das dificuldades enfrentadas pela maioria das pessoas no início da colonização. Tanto nas entrevistas quanto nos depoimentos do seriado as pessoas não se cansam de narrar fatos e acontecimentos que buscam ressaltar a bravura dos colonizadores gaúchos e as características que lhes seriam inerentes e que lhes possibilitaram o sucesso: amor ao trabalho, coragem, persistência, espírito empreendedor, vontade de vencer, etc. Destaco a seguir alguns depoimentos:

Capella – Eu não vim assim pensando que eu ia encarar o que eu encarei, mas na hora que precisou, eu tava ali. Hoje eu penso assim, será que hoje eu teria aquele pique, porque hoje a gente tem uns azedumes que a gente acumula na vida, mas eu digo, é claro que a gente faria, você vai deixar as pessoas passando fome? E daí, imagina, nós tínhamos 30, 40 peões trabalhando dentro da fazenda, a única mulher era eu, não tinha um dinheiro pra uma máquina de lavar, então volta e meia eu via aquilo; eles compravam roupa e jogavam fora, os peões. Então dos mais próximos eu lavava tudo, mais dos meus filhos, mais o agrônomo, então você imagina, tudo no traque-traque. Aí fui passear pro Sul, meu pai vendo aquilo me deu uma máquina de presente, nossa, meu pai é um amor! Eu vim de lá me achando a última bolacha do pacote, nossa! E eu penso assim, eu nunca disse eu não vou fazer; eu tinha que acordar quatro, quatro e pouco e dormir onze, onze e meia.

³⁰ Ao realizar as transcrições, procurei utilizar um registro que fosse o mais próximo possível do ortográfico; porém, em relação à conjugação verbal da segunda pessoa do singular - tu -, por haver muitas variações nas falas dos entrevistados, optei por manter o modo como cada um conjugou os verbos na referida pessoa.

Entrevistadora - E assim vai indo.

Polaris - É. Por isso que eu digo, a gente já passou por tantos maus bocados, assim de crise, e vai de novo. Engraçado, que a gente arruma força, não sei da onde pra...

Capella - É. Mas é assim. A gente tem que se virar, porque senão...

Polaris - No começo quando eu cheguei ali, nossa! Eu digo: “Não sei o que eu vou fazer.” Porque o pessoal era muito diferente. Não era... não tinha gaúchos em volta. Tinha os gaúchos que passavam no restaurante, mas nós morávamos ali, nós dormimos naquele restaurante três meses. A meia-noite, todo dia, eu lavava um canto do salão pra botar um colchão pra nós dormir. Depois nós construímos no fundo dois quartos pra nós dormir, porque eu digo assim, eu não vou alugar uma casa lá no fundo e vim todo dia sem carro, sem nada. Porque era longe. Dava uns três, quatro quilômetros do centro ali. Eu digo... não, eu durmo aqui em qualquer lugar, me traz só meu colchão aí e boa. E meti ficha. Menina! Quando me lembro às vezes, eu digo: nós fizemos tanta coisa.

Atria - Uai, gente! É tudo começo. Eu cheguei em Tangará não tinha asfalto na avenida.

Capella - Nós chegamos também não tinha.

Polaris- Isso é outra característica daqui, Letícia.

Atria - Não tinha rodoviária, a gente descia no posto Tanaka.

Capella - Esse construir (inint) é uma característica. Por exemplo, quando emancipou Campo Novo, construíram a comunidade, pessoas da comunidade, proprietários, enfim, pessoas que ajudaram a fundar, doar-se para a administração pública. Então, houve três mandatos ou dois, de senso comum, pessoas indicadas da comunidade pra... Então, isso foi uma característica, o espírito de construção da comunidade pra comunidade. Então, não é mesmo isso assim, bacana?

Polaris - É verdade. E todos que trabalharam hoje estão esquecidos, né?

Atria - É verdade.

Capella - Isso que eu estava falando agora há pouco, que as pessoas que vieram de pára-quedas depois, muitas vezes, elas não querem nem ficar ouvindo, elas acham isso uma tremenda abobrinha, enchimento de saco e balela, né? Mas isso tem uma importância muito

grande na história, tanto que, diferente dos municípios, aqui explodiu. Tem dezessete anos e você vê coisas assim... Agora, o Fulano de Tal tinha uma terra lá, um x, doa, põe lá a delegacia. O outro dá seu caminhão pra fazer isso, não é? Ou pra levantar. Cada produtor deu tanta soja para fazer a escola agrícola...

Atria - Uai, a escola agrícola não foi o seu M que deu a terra? A escola agrícola aqui foi seu M, era do seu M.

Capella - Mas então, eu penso.. é, tanto que tem o nome dele, né? Mas aquela coisa assim, de um dado ano, não lembro bem que ano, cada produtor deu tantas sacas de soja pra ajudar o município, não é?

Atria - Quem não tinha soja dava madeira e quem não tinha madeira dava...

Polaris - É.

Capella - Dava gado.

Atria - Punha peão pra ajudar a fazer alguma coisa.

Polaris - Isso!

Capella - A Igreja foi levantada assim.

Atria - Espírito coletivo.

Um dado importante em relação aos gaúchos nas cidades pesquisadas é o fato de que muitos membros de uma mesma família – sogros, irmãos, cunhados - migraram para Tangará da Serra e Campo Novo do Parecis³¹. Por isso, nas entrevistas, geralmente o “nós” se refere ao marido ou aos familiares, e, outras vezes, o “nós” abarca “nós, os gaúchos”.

Nesses primeiros trechos das entrevistas é forte e marcante uma “narrativa de coletividade”, o espírito de ajuda, seja na família – “meu pai vendo aquilo me deu uma máquina de presente” – seja na comunidade – doação de terras para construir a delegacia, produtores doando sacas de soja para a construção da escola agrícola, doação de gado, madeira e cessão de mão-de-obra – “punha peão pra ajudar a fazer alguma coisa”. Dessa forma, uma das maneiras de os gaúchos superarem as dificuldades teria sido através da

³¹ Na família de Capella migraram o sogro, o cunhado e a irmã; na de Polaris, os sogros e cunhados; na de Sírius, dois irmãos e, na de Alhena, a prima.

ajuda mútua; além do trabalho realizado com a ajuda da família, havia todo um “espírito coletivo”.

Vega - Na época que a gente chegou tinha asfalto em Itamaraty, por ali, né?

Sírius - Quando nós chegamos tinha só no terreno mais elevado, né?

Vega - O Itamaraty era setenta Km, aí era só poça d'água, né? Eu vim na época da chuva, dezembro, meu Deus! Onde que a gente tá indo?

Atria - Eu também, quando cheguei, era só poça d'água.

Vega - Minha mãe que veio pra cá conhecer. Daí veio primeiro pra daí comprar, ver se comprava aqui ou em Tangará, também vinha de camioneta. Meu irmão disse: oh, se preparem porque provavelmente nós vamos.. é um atoleiro atrás do outro. Aí ela já se preparou com chimarrão, com (inint). A água diz que batia pra cima do farol assim na carreta. Pousaram na estrada, porque atolaram e não tinha o que fazer até chegar aqui.

Atria - Eram filas e filas de carretas, né?

Vega - Nossa Senhora!

Atria - Carreta e carro, né?

Vega - Não sei qual que era o pior, porque na época do pó... a maioria dois carros não tinha ar, né?

Atria - Não, aqui não dava ar. Mas não tinha ar eu acho, também.

Vega - Estragava tudo. Mas se tivesse não adiantava o ar, estragava tudo. Você ligava o ar e entrava poeira. Não sabia como, mas entrava poeira tudo nos carros.

Sírius - E quem conta lá no sul da poeira nossa aqui acha que a gente está mentindo. Quando eu fui a primeira vez pra lá e contei pro pai que dava três dias de pó e depois vinha o frio, o pai achou assim uma tremenda mentira. O pai disse assim: “minha filha, eu não te criei assim, o que que aconteceu? Por que tá mentindo tanto? Não te ensinei a mentir”. Aí, eu disse: não pai, mas um dia o senhor vai estar lá pra ver, né? E um dado dia ele estava ali em casa e ele viu.

Entrevistadora - Ele veio na época?

Sírius - Ele veio. Ele disse que realmente não fazia idéia. Agora ele acredita.

Sargas - Mas chegava assim a fazer nuvens de pó além do chão, nuvens de pó de tampar as casas.

Vega - Cobria a cidade inteira.

Sargas - Ficava três dias fechado tudo. Dava até uma impressão de fim de mundo, assim.

Sírius - É, e quando dava aqueles redemoinhos, né? O dia que eu fui sair, fui fazer minha unha lá, e daí cheguei em casa o pai tava ligando: “onde é que tu foi?” Fui fazer minha unha. “Mas aonde, que eu não tô vendo?” Sumiu!! Era preto, só tinha pó.

Vega - Na época desse vendaval, aqui na prefeitura, ...

Sírius - Nós tínhamos o mérito de ser chamados de encardidos, porque o pó era em tudo.

Vega - Eu me lembro quando eu trabalhava na prefeitura. Então, todos setores era tudo ali na prefeitura as secretarias, né? Era tudo bem reduzido. Aí quando alguém já ouvia o barulho de vento ou enxergava lá fora pela janela ou pela porta, todo mundo corria e gritava: fechem as janelas! Fechem as janelas! E daí cobria a cidade inteira. A gente não conseguia nem abrir as janelas e porta. Não tinha como sair na rua. Chegava a escurecer assim a cidade.

Capella - Uma vez eu vim fazer uma palestra, era um curso, não me lembro, foi lá na creche, foi bem em setembro, a época das primeiras águas. Porque antes vinha aquelas ventanias, né? Nossa Senhora! A gente olhava pra fora e não enxergava Campo Novo, mas depois também veio um chuvão, né? Aí leva telha, leva tudo, né?

Sírius - Ah! É pertinho lá. Então, a gente é praticamente dos desbravadores aqui dessa região. Na época a gente sofre com a infra-estrutura, né? Compras a maioria era em Tangará. Era o problema da falta de energia, a água. As onze da noite desligavam os motores do gerador de energia, a geladeira descongelava toda noite, daí seis da manhã eles ligavam de novo o motor gerador. A água vinha bem fraquinha, acho que era um poço artesiano só, né? Pra atender a população. E aí tinha que pôr uma caixa d'água embaixo coma bomba d'água pra subir. Quando a minha filha nasceu, em 1991...

Sírius - Era hospital municipal ali, hoje é polícia militar no prédio. Aí a energia elétrica era só até onze horas. Chegava onze horas ficava no escuro, daí era vela. A minha sogra...

Entrevistadora - No hospital!

Sírius - No hospital. Nos casos de emergência podia ligar o motor do gerador do hospital, mas o que não tinha emergência era só a luz de vela. Aí, era uma meia-noite, depois que acabou a energia, minha sogra estava lá comigo, me cuidando, aí começaram a bater

palma lá na frente. Ela disse: o que que é isso aqui? É hospital ou a gente tá no mato? Onde é que a gente tá? Não tinha campainha, nem poderia ter, né? O pessoal chegando no hospital e batendo palma pra poder ser atendido.

Vega - Pois é, e não faz tanto tempo. São quatorze anos só.

Sírius - Houve casos ali de mães que precisavam dar a luz e tiveram que improvisar luz de gerador.

Vega - Eu mesma fui pro hospital na escuridão no dia que eu ganhei nenê.

Sírius - Tinha muita gente que fazia parto a luz de velas e com motor gerador.

Vega - E o hospital era ali onde era o Pequeno Mundo. Ali tinha dois quartos, uma sala de cirurgia, a salinha do médico na entrada, e depois... Quem fazia assim, o almoço, refeições pra gente era a mulher do médico mesmo.

Uma das marcas do início da colonização é a falta de infra-estrutura, das condições “civilizadas”, digamos, da contemporaneidade – é difícil conseguir água, não há asfalto, energia elétrica, rodoviária -, a qual determina as condições precárias enfrentadas por esses colonizadores. Um exemplo disso é a situação do hospital, que funcionava com luz de velas – somente os casos de emergência eram atendidos com a luz de um gerador. A falta de asfalto e de calçamento também demonstra as condições difíceis enfrentadas pelos colonizadores, as quais causariam, inclusive, situações inusitadas, como a descrença do pai de Sírius em relação às nuvens de pó e aos redemoinhos que cobriam a cidade – “não te ensinei a mentir”/“porque o pó era em tudo”/“E daí cobria a cidade inteira. Chegava a escurecer assim a cidade”.

As mesmas condições climáticas adversas que, aliadas à falta de asfalto e de calçamento, causavam essas nuvens e redemoinhos de poeira, também eram responsáveis pelas chuvas, que levavam telhas e enchiam a cidade de lama e de poças d’água – “Aí leva telha, leva tudo, né?”/“é um atoleiro atrás do outro”. Nos depoimentos do seriado também é recorrente a referência às condições precárias e até primitivas encontradas pelos colonizadores:

“O gaúcho é um desbravador” (3º episódio).

“Desbravamos a mata”.

“Tive de abrir 2 km de estrada”.

“Construímos escolas, enfrentamos selva e mato, é uma aventura, só não fizemos o asfalto, o resto fizemos tudo”. (4º episódio)

“Muito sofrido, o início é difícil. Os gaúchos não devem pensar que vão encontrar salame dependurado”. (5º episódio)

“Por isso é que venci. É vontade de vencer”.

“Os gaúchos transformaram a persistência em oportunidades; foi preciso enfrentar safras perdidas, negócios sem mercado ou escolhas erradas; mas, para muitos gaúchos que moram no Mato Grosso do Sul, cada fracasso foi considerado ponto de partida para um recomeço”. (narrador, 6º episódio)

“Necessidade, doença, sucuri, jacaré, onça berrando, cerrado, mata, selva, feras, gente morrendo de malária”.

“Quem não viveu não pode imaginar o que é dirigir uma migração dessas para uma região desconhecida”.

“Graças à persistência, os pioneiros venceram e conseguiram construir o sonho da própria terra, do trabalho e de uma vida melhor” (narrador, 7º episódio)

Todas essas narrativas que ressaltam as dificuldades enfrentadas pelos colonizadores, sobretudo devido às condições precárias dos lugares para os quais eles migraram, vão construindo uma imagem heróica dos gaúchos – aquele que vence qualquer obstáculo, que persiste, que não desiste nunca. Arfuch (1995) reporta-se à figura do herói, que muitas vezes aparece no gênero discursivo da entrevista. A autora, com base em Bakhtin e Savater, argumenta que existem dois tipos heróicos mais comuns: no primeiro tipo prevaleceria a imagem mítica do herói épico; o segundo tipo seria o herói do cotidiano, com virtudes familiares e qualidades como ser bom e honesto. Segundo a autora, os personagens das entrevistas desenvolvem estratégias de auto-representação, as quais, no caso dos heróis, têm como primordial a característica da produção, no sentido de criar, de esforçar-se, de construir, de trabalhar intensamente, de chegar a algum lugar. Dessa forma,

nos tipos heróicos que surgem das entrevistas, geralmente “a intrepidez e valentia parecem ser substituídas pela audácia e a iniciativa, associadas à eficiência e ao rendimento” (p. 68). Ressalto o fato de esse discurso a respeito da bravura e do heroísmo geralmente fazer parte da rede discursiva de migrantes, de pessoas em situação de diáspora, que migraram e enfrentaram dificuldades, não sendo a bravura e o heroísmo, portanto, características somente dos gaúchos. Ocorre, entretanto, que, ao narrarem suas adversidades, os gaúchos constroem uma imagem particular a respeito de si e da sua bravura.

No que concerne ao tipo heróico gaúcho, características como a audácia, a iniciativa, a eficiência e o rendimento são destacadas sobretudo quando surge o tema trabalho. A disposição para o trabalho, a necessidade de não desperdiçar o tempo e de procurar sempre uma ocupação seria um grande diferencial dos gaúchos, conforme explicitam alguns excertos abaixo:

Capella - Então eu não tive assim dissabores de encontrar algo que me desagradasse, só muito trabalho, mas isso não tem problema.

Entrevistadora - Você veio em busca do desconhecido, porque você não sabia o que ia encontrar.

Capella – Eu acho que é isso, mas a gente não pensa, porque a gente coloca o futuro sempre distante, então serei feliz um dia, terei tal coisa, então você não cuida da vida, é só trabalhar, trabalhar, trabalhar. Meu esposo chegava a ficar assim pra cuidar dos funcionários, dormir, quando dava tempo, embaixo da caminhonete lá na rua, na lavoura, comer na marmitta, então, o que os filhos podem levar é exemplo de trabalho, é determinação, porque senão nós estávamos todos passando fome.

Entrevistadora – Mas assim como eles, vocês também vieram pra cá pra trabalhar?

Polaris – Ah! Sim. Quem vem pra Campo Novo não pense que vai se divertir muito não, a única diversão que tem é tomar uma cervejinha, eu no trabalho ainda. Agora, todo mundo que vem pra cá vem pra trabalhar, porque aqui acho que não tem outra coisa pra fazer, agora que apareceu mais diversão na cidade.

Polaris - Ontem eu falei isso pro H de noite. Eu digo: “você não...” “porque eu estou cansado dessa vida!” Eu digo: “mas você não sabe viver. Você só sabe trabalhar”. Ele não sabe fechar. Nós fechamos na segunda-feira aqui, ele fica procurando serviço.

Rigel - Mas a mãe também é assim. Termina aqui, ela não consegue sair. Agora que ela está fazendo uma hidro e tal, indo caminhar de vez em quando, passeia. Mas é raro. Ela vai procurar uma coisa pra fazer, ela vai procurar fazer sobremesa, ela vai procurar lavar roupa, passar.

Polaris - Tu sempre tem o que fazer. Adianta. Adianta.

Rigel - Ela não consegue ficar parada.

Polaris - Olha o que a inteligência foi fazer. Dia da Páscoa, em vez de você se jogar no sofá e descansar, peguei o jatinho e fui lavar as calçadas. Eu tinha quatro cachorros, agora tenho só três. Então, eu lavei toda aquela calçada. Porque eles fazem xixi por tudo, cocô por tudo. Eu digo: “vou limpar essas calçadas já que o jatinho está aqui”. Porque o jatinho fica lá em cima, né? Mas eu não terminei na Páscoa, eu terminei na segunda.

“O gaúcho tem espírito trabalhador, é empreendedor, na dúvida, pega o caminho e muda”. (2º episódio)

“O gaúcho tem mais garra, mais coragem”. (3º episódio)

Esse discurso, o qual confere tais características aos gaúchos, de sujeitos incansáveis, trabalhadores, que desbravam, que persistem e que vencem está inserido em uma rede discursiva mais ampla, a qual associa essas qualidades gaúchas à sua ascendência européia. Aliás, conforme já foi explicitado anteriormente, os enunciados não ocorrem em um “vácuo discursivo”; todo enunciado é um elo na cadeia de outros enunciados, ele mantém relação com todos aqueles que o precederam e com os que estão por vir (Bakhtin, 1992). Em relação a esse tópico, destaco os seguintes trechos de entrevistas:

Capella - Alemães. Eu sou alemã purinha.

Capella - A minha mãe só fala o seguinte: casou, tem que seguir o marido. E vai fazer o que? Isso é do Sul.

Polaris - Filhos tem um futuro. É cultura européia.

Capella - É européia.

Polaris - Característica do sul mesmo.

Capella - Então, às vezes, “ah, mas tu não sente falta da tua filha?” “Sentir eu sinto, mas se ela está melhor lá, o que eu vou fazer? O que é melhor pra ela, ela tem que ir atrás”. É a compreensão. Quer dizer, a gente sofre aqui, trabalha muito, tem muitos problemas também... Nós, na verdade, estamos repetindo a cultura deles, vinda dos nossos antepassados, vindos de outros países. Italianos, alemães,...

Entrevistadora - A tua família é descendente de alemão?

Capella - A minha sim, a do esposo é italiana. Então, as duas têm descendência européia. Então, o que os nossos antepassados fizeram, nós estamos fazendo, saindo do Sul pra cá.

Polaris - Mas comparar a nós também não é fácil, nós somos um saco, se você analisar. Nossa cultura é um saco, porque a gente nunca chega, a gente sempre quer mais, sempre está se adiantando pra amanhã continuar adiantando. Mas a gente não sabe o amanhã. A gente está muito nesse futuro.

Capella - Sempre o que fez, acha que poderia ter feito melhor.

Polaris - Apurar hoje pra amanhã estar mais adiantado.

Entrevistadora - Ah, sim!

Polaris - Mas eu acho que isso tem a ver também com questão de cultura mesmo, de descendência.

No primeiro episódio da série “A Conquista do Oeste”, intitulado “Origem”, o narrador, Walmor Chagas, relembra o fato de o Rio Grande do Sul ter sido colonizado, a partir do século XIX, por imigrantes europeus, os quais fundaram várias colônias no Estado, movidos por sonhos de terra e de fartura. Esse sonho, segundo o narrador, se tornou frustrante para muitos, uma vez que, nas condições atuais, não há terras e nem

possibilidades de emprego para todos. Teria começado então um novo momento de migração rumo ao centro oeste brasileiro. Conforme é narrado no primeiro episódio, “quem migra são os descendentes [daqueles colonos europeus], mas eles não migram mais como europeus, migram como gaúchos”. De acordo com um depoimento apresentado neste primeiro episódio, eles, os migrantes, teriam “sangue europeu, sangue meio agressivo, a gente buscou novos horizontes”.

Essa analogia, entre os traços positivos conferidos aos gaúchos e a sua ascendência européia nem sempre ocorreu. Se hoje em dia ser descendente de europeus é símbolo de “status”, agregando características forjadas no campo de significação que encerram positividade (amor ao trabalho, limpeza, organização, dedicação, honestidade), no século passado, quando houve o início da imigração, os imigrantes eram “objeto de um processo negativo de estereotipia”.

Ao chegarem ao Rio Grande do Sul no século XIX, os imigrantes, de forma mais expressiva italianos e alemães, foram estabelecidos em terras que não fossem ocupadas por áreas onde houvesse pecuária, fundando núcleos onde se dedicavam à agricultura, baseada na pequena propriedade familiar. Segundo Teixeira (apud Maciel, 2000) “no início, em relação à pecuária, a agricultura chegava a ser considerada degradante e era sentida uma situação socialmente inferior do “colono” em relação aos habitantes mais antigos, os “gaúchos” (p.89). O próprio termo *colono*, segundo o autor (apud Oliven, 1990) “significava, sobretudo, carência de certos atributos positivamente considerados. Colono remetia à noção de pessoa com carência de ambição, de traquejo social, de elegância, de postura corporal e comportamental, de senso de oportunidade e de progresso, de arrojo, de perspicácia, de sagacidade” (p. 19).

Naquela época os “gaúchos” eram vistos pelos imigrantes como um tipo social superior, por estarem ligados à pecuária e pelo fato de o seu símbolo principal ser o cavalo, considerando que, segundo Oliven (1990),

na Europa, este animal era apanágio e marca de distinção da aristocracia rural; uma das primeiras providências dos colonos ao chegarem ao Brasil era adquirir esta montaria, assim que tivessem condições para fazê-lo. A identificação do “colono” com o “gaúcho” significava, portanto, uma forma simbólica de ascensão social (p.20).

Com o passar do tempo, os imigrantes aumentaram a sua participação na economia do Rio Grande do Sul, passando da atividade de subsistência para a produção e comercialização de excedentes, contribuindo, assim, para a criação da indústria regional, e ampliando sua participação no cenário político do Estado³². Hoje em dia o fato de ser descendente de “colonos” não é mais motivo de vergonha, podendo, inclusive, constituir um capital cultural bastante rentável, conforme alguns dos depoimentos colhidos, os quais ressaltam justamente essas características.

A partir desses depoimentos, considero necessário ressaltar o alinhamento desses discursos ao discurso colonial e ao colonialismo. Castro-Gómez (2000), ao analisar o assim denominado “projeto da modernidade”, destaca dois processos estreitamente relacionados, os quais são cruciais para o que o autor chama de a “invenção do outro”: a formação dos estados nacionais e a consolidação do colonialismo.

Em relação à formação dos estados nacionais, cabe apontar que a idéia de nação “pertence exclusivamente a um período particular e historicamente recente. Ela é uma entidade social apenas quando relacionada a uma certa forma de Estado territorial moderno, o ‘Estado-nação’; e não faz sentido discutir nação e nacionalidade fora desta relação. Além disso, com Gellner, eu enfatizaria o elemento do artefato, da invenção e da engenharia social que entra na formação das nações” (Hobsbawn, 1990, p.19). A construção da idéia de nação³³ e a sua materialização também está ligada à episteme moderna. Ainda segundo Hobsbawn (1990), “o sentido moderno da palavra [nação] não é mais velho que o século XVIII, considerando-se ou não o variável período que o precedeu” (p. 13).

De acordo com Castro-Gómez (2000), o surgimento dos estados nacionais não é um processo isolado, mas um processo que possui uma contrapartida estrutural: a consolidação do colonialismo europeu. Segundo Bhabha (1998), o processo principal do espaço colonial é a fixação do outro, necessária para a constituição da identidade, uma vez que identidade e diferença não podem ser vistas separadamente, mas sim fazendo parte de uma relação, a qual, ao marcar a diferença, constrói o sentido identitário. Edward Said (1990) mostra como

³² Para aprofundar a questão da participação política dos imigrantes ver PESAVENTO, Sandra. O Imigrante na Política Rio-Grandense. In: DACANAL, José Hildebrando (org.). *RS: Imigração e colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.

³³ Para um panorama a respeito da formação das nações no seu sentido moderno ver HOBBSAWN, Eric. *Nações e nacionalismo* e BALAKRISHNAN, Gopal. *Um mapa da questão nacional*, Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

o Oriente foi inventado pelo Ocidente, e, sobretudo, como a idéia de Oriente e a sua identidade foram cruciais para a construção da idéia de Ocidente e da sua respectiva identidade. Da mesma forma, o historiador Albuquerque Jr. (1999) analisa o processo de construção imagético-discursivo da região Nordeste do Brasil, entendendo-o como atrelado ao processo de construção do Sul e em contraposição a ele, sendo a região Nordeste “o exemplo do que o ‘Sul’ não deveria ser. É o modelo contra o qual se elabora a ‘imagem civilizada do Sul’” (p. 61).

Este processo de fixação do “outro” operado pelo espaço colonial faz com que a modernidade seja “uma máquina geradora de alteridades que, em nome da razão e do humanismo, exclui do seu imaginário a hibridação, a multiplicidade, a ambigüidade e a contingência das formas de vida concreta” (Castro-Gómez, 2000, p. 145).

Ao inventar e fixar o outro, “a espoliação colonial é legitimada por um imaginário que estabelece diferenças incomensuráveis entre o colonizador e o colonizado” (2000, p. 153). O colonizado é visto, de acordo com Castro-Gómez, como o “outro da razão”, aquele que possui todas as características negativas em relação ao colonizador. Dessa forma, o colonizador se constitui a partir da imagem do outro – negativa, do colonizado. Sendo assim, “a maldade, a barbárie e o descontrole são marcas identitárias do colonizado, enquanto que a bondade, a civilização e a racionalidade são próprias do colonizador. Ambas as identidades se encontram em relação de exterioridade e se excluem mutuamente” (2000, p. 153).

Assim, os gaúchos vão se construindo, a partir do contato com o outro, como superiores, mais aptos, mais capacitados, devido, em grande parte, à sua ascendência européia, uma vez que, segundo Shohat e Stam (2006), “a cultura colonialista construiu um sentimento de superioridade ontológica da Europa em relação às raças inferiores degradadas” (p. 45). Os autores, ao estudarem o eurocentrismo, analisam como, ainda hoje, o pensamento eurocêntrico e colonial está presente no mundo ocidental. Esse sentimento de superioridade do qual tratam os autores, é um elemento constitutivo da identidade dos gaúchos. Tal aspecto será aprofundado a seguir, na seção que trata da relação entre os gaúchos e os outros.

2) Os gaúchos e os outros

Um outro aspecto importante a ser destacado é que os gaúchos, ao partirem para a “conquista do oeste”, constituem-se a partir desse discurso do colonizador e da imagem que possuem do outro, já que a identidade não é o oposto da diferença, “a identidade *depende* da diferença” (Woodward, 2000, p.40). Se considerarmos especificamente o caso das identidades nacionais e regionais – caso dos gaúchos -, a afirmação de certos traços e características advém da negação de traços e de características de um outro; eu sou aquilo que o outro não é. A fim de corroborar tal afirmação, cito o estudo de Barker e Galasinski (2001) sobre o “ser polonês” em uma pequena cidade do sudoeste da Polônia, quase na fronteira com a Ucrânia. De acordo com os autores, “se a polonesidade tiver certos traços, estes normalmente são descritos em termos do não ser ucraniano. A etnicidade sempre é construída através da diferença e da oposição, em vez de [constituir] uma característica atemporal de determinado grupo” (p. 132). Nessa relação constitutiva da identidade e da diferença, essa última pode ser tomada como negativa, o que causaria a exclusão e a marginalização do diferente. Por outro lado, a diferença pode ser celebrada como positiva, enriquecedora, por propiciar a diversidade e o hibridismo culturais. Especificamente no caso da identidade gaúcha em diáspora, pode-se notar a predominância da primeira forma mencionada de se tratar o outro nessa relação – na qual o “nós”, os gaúchos, são positivamente encarados quando se referem ao outro, negativamente posicionado na relação.

A seguir destaco três depoimentos do seriado “A Conquista do Oeste”; o primeiro depoimento é de um gaúcho residente no Amazonas, o segundo no Paraguai e o terceiro em Roraima:

“Povo acomodado, lento, difícil conviver, porque não querem trabalhar”. (4º episódio)

“A sociedade é diferente, nós estamos adiantados uns 50 anos, eles estão atrasados”. (10º episódio)

“Aqui tudo que se produz se vende, porque é diferente de lá. A gente sempre tem uma horta, tem gente aqui que não conhece brócolis!” (12º episódio)

Conforme é explicitado nesses relatos, a imagem do gaúcho trabalhador, incansável, que aproveita qualquer oportunidade – inclusive o seu pequeno terreno para plantar uma hortinha e vender a produção – é formada a partir de e em contraposição à imagem do outro, “atrasado, acomodado, lento”, aquele que não quer trabalhar e que, portanto, não progride. Ressalto, mais uma vez, o fato de esse discurso estar inserido em uma formação discursiva maior, aquela do discurso colonial, o qual atribui características positivas ao colonizador e negativas ao colonizado³⁴. Haesbaert (1997), em seu estudo sobre a rede³⁵ gaúcha na região de Barreiras (BA), destaca o fato de que, aliado ao discurso da superioridade sulista está o do sulista trabalhador. Conforme ressalta o autor, “além de ‘mais trabalhador’, o sulista seria também ‘mais competente’. A crença nesta superioridade sulista chega ao ponto de explicar as dificuldades de empresas locais pela ‘incompetência’ da gestão ‘nordestina’” (p. 173). Abaixo são explicitados trechos das entrevistas, alguns deles bastante longos, que tratam dessa questão:

Atria – Lá do Sul é tudo gaúcho, né? Veio muito gaúcho.

Capella – É veio muito sulista, assim, do Rio Grande, eu acho, do Paraná e Santa Catarina. Daí teve uma época em 93, a gente fez um trabalho na escola pra Feira de Ciências, 95, eu vim transferida pra cidade, dei aula no posto, vim transferida pra cidade, e daí a gente fez um levantamento populacional, porque a gente tinha a nítida impressão de que o Sul era tudo aqui. Sabe quem que era? O maior número era de nordestinos, trabalhador braçal. Em número, maior número era de nordestinos, mas não o que parecia. A surpresa da pesquisa foi o número de nordestinos!

Atria - Mas então era pra lavoura.

³⁴ Hardt e Negri (2003), ao se referirem à constituição da identidade colonial européia, destacam justamente esse aspecto da exclusão daqueles que são diferentes: “A identidade colonial funciona antes pela lógica maniqueísta da exclusão. Os colonizados são excluídos dos espaços europeus não apenas em termos físicos e territoriais, e não somente em termos de direitos e privilégios, mas até em termos de pensamento e de valores. O sujeito colonizado é construído no imaginário metropolitano como o outro, e, dessa maneira, tanto quanto possível, o colonizado é posto fora das bases definidoras dos valores civilizados europeus” (p. 141).

³⁵ De acordo com Haesbaert, a “rede regional é uma rede que geralmente (e não de maneira exclusiva) proporciona solidariedade ao grupo social a que se refere, tentando reterritorializá-la dentro do movimento (ou ‘rede’) desterritorializador” (1997, p. 245). Ainda segundo o autor, “os sulistas, inseridos em outras malhas territoriais muito complexas, acabam mesmo promovendo uma rede onde o elemento básico sem dúvida a manutenção, em diferentes graus de intensidade, de uma identidade regional forjada sobre um espaço de referência simbólica comum” (1997, p. 244).

Capella – Pra lavoura, canavieira, de soja, o serviço menor era nordestino.

Atria – Mas a cultura deles não aparecia, a que aparecia era a gaúcha!

Capella – Exatamente. Eles eram, coitadinhos, pra lavoura canavieira, que é difícil, e pra serviços menores. Se existia, por exemplo, um trator com uma tecnologia mais avançada, era um funcionário do Sul. Agora, pra alimentar, por exemplo, catar raiz, tudo que era mais braçal, eram os nordestinos. Então você vê hoje, paulistas, mineiros, cariocas, assim, pouco.

Entrevistadora - A gente sabe que, como vocês mesmo disseram, que a maioria é paranaense, gaúcho, mas tem mineiro, tem nordestino. Vocês observam se nas outras descendências eles são assim também ou são mais descansados?

Polaris - São mais descansados. Porque no dia que eles dizem que não vão trabalhar, não vão trabalhar e não vêm..

Capella - O mineiro e o paulista têm bastante do sulista. O mineiro é muito trabalhador, é muito determinado.

Polaris - O mineiro é trabalhador.

Capella - O paulista também é determinado. Ele é determinado, ele trabalha.

Polaris - Ele tem compromisso, seja no emprego, seja... O paranaense, ele é mais descansado.

Capella - Eles dizem que eles já passaram dois estados e que já estão cansados.

Polaris - Ele é na realidade assim, por qualquer gripe ele fica em casa, qualquer dor ele fica em casa. Ao menos foi o que eu notei aqui dos paranaenses que trabalham aqui.

Capella - O sul-matogrossense, bem lá da divisa do Paraná, é quase semelhante ao nordestino. O sul-matogrossense até Dourados ali. Eles aqui, eles têm um comportamento assim, meio cuiabanos. Cuiabano sim, tem uma cultura totalmente às avessas da nossa.

Entrevistadora - Eu já ouvi falar.

Polaris - Só que tem uma coisa...

Capella - Nós somos tudo na correria sempre. Cuiabano começa a trabalhar depois das nove e meia e pára às quatro. E ele trabalha tranqüilamente naquele período e produz. Só que daí vai um gaúcho lá pra ser atendido às quatro e cinco, “querido, volta amanhã.” Então, o cuiabano vive mais a vida.

Polaris - O cuiabano... é que isso também não depende de raça, tem em todos. Mas têm uns cuiabanos muito bons de serviço. Eu conheci uma cuiabana em Tangará, aquela mulher, nossa! Como era trabalhadeira. Mas era muito tranqüila.

Capella - Eles não são como nós. Nós temos uma característica de stress, tudo pimentinha, tudo pavio curto. E eu noto isso bastante do sul. Explosivo!

Entrevistadora - Vocês não pensaram muito não pra vir pra cá?

Polaris - Não, o X fechou a sapataria, pegou o ônibus e veio embora. E eu fiquei fazendo os trinta dias, daí deixei a casa alugada, vendi o carro e vim o embora. De mala e cuia. Eu não conhecia nada aqui. O dia que eu cheguei, nunca vou me esquecer, três horas da tarde, eles tiveram que fazer almoço no restaurante pra mim. Tiveram que esquentar tudo, ajeitar, né? Porque nós chegamos tarde. A guria pediu as contas na hora, uma das gurias.

Entrevistadora - Por que era fora de hora?

Polaris- Não, ela veio e pediu as contas. Não pelo fora de hora, porque ela olhou que eu seria a patroa. E a minha sogra tinha chegado um mês antes e estava cozinhando. Tinha a minha sogra e o meu sogro que ajudavam também vieram junto. E ela estava cozinhando, e quando ela chegou, ela olhou a cozinha e tinha umas mesas enormes de madeira maciça e ela lavou a cozinha inteira com soda. Lavou aquelas mesas, porque aquilo diz que era uma gordura, uma sujeira. E ela lavou a cozinha inteira com soda. A guria, quando ela olhou que eu sentei, eu estava arrumadinha, ajeitadinha. A gente vem do sul, a gente é mais arrumada. Aqui a gente não se preocupa tanto com isso. E ela me viu assim, sentada na mesa almoçando, ela entrou na cozinha: “seu X, eu vou embora”. E não veio trabalhar, não veio mais. Diz ela: “se eu agüentei aquela mulher até agora, lavando e limpando do jeito que fez, essa aí vai acabar de matar a gente”.

Capella - Isso é uma coisa que aqui quando você chega, com essa nossa forma de trabalho, pra ficar perto os caras não agüentam.

Capella - A mão-de-obra aqui também é muito assim, intensa mas com pouca qualidade pro acabamento. Pra polidez de trabalho aqui é deficiente em todas as áreas.

Polaris - Se tu visse o estado do salão... o pintor foi lá pintar com tudo... deixamos papelão pra botar pra não respingar, porque o piso lá é poroso. Onde pinga tinta, como é que tu

vais tirar tinta dos buraquinhos? Mas ele me fez uma lambrequeira na porta do banheiro lá, que eu disse: “eu vou matar ele”. Serviço porco. Eu nunca vi. Mas vai fazer o quê? Daí tu te quebra depois, o que que tu vais fazer? Tu manda funcionário e ele não limpa, tem que ir você. Ele não faz, ele passa por cima, “a tinta está aí”, mas não faz nem força.

Capella - Eu nunca vou esquecer, porque ela veio com sete anos, ela estava na segunda série. Aí como eu cheguei assim, eu não conhecia nada, eu botei ela lá na Vila Macaca na escola. Eu não sei nem como é que é o nome da escola. Daí eu levei ela na escola no primeiro dia. Chegamos lá, ela olhou pra mim, olhou pra frente, virou pra mim: “mãe, quanta gente feia”.

Polaris - Imagina o nome do lugar.

Capella - Só tinha menina e menino preto. Só preto, preto, preto. Gente do céu! Daí eu olhei pra ela e expliquei, eu disse: “filha, as pessoas não é pela cor”. Porque lá no sul não tem, é muito difícil. Daí eu disse: “minha filha, não é pela cor, é pelo coração”, expliquei pra ela. Ela ficou um ano naquela escola e era o exemplo da escola, porque ela veio de um colégio de freiras. O caderno dela era impecável. Daí o caderno dela saía da segunda série e ia até a quinta, sexta, sétima e oitava, pra mostrar como é que eles queriam que as crianças fizessem no caderno pra caprichar.

Entrevistadora - Era o modelo.

Capella - Era o modelo.

Nos trechos acima destacados, pode-se notar como a imagem do gaúcho trabalhador vai se constituindo a partir de vários “outros”: o nordestino - tomado como uma grande massa, sem se considerar se eles são sergipanos, cearenses, baianos, etc. – parece ser, na opinião dos entrevistados, o mais desqualificado – “eles eram, coitadinhos, pra lavoura canavieira, que é difícil, e pra serviços menores. Se existia, por exemplo, um trator com uma tecnologia mais avançada, era funcionário do Sul. Agora, pra alimentar, por exemplo, catar raiz, tudo que era mais braçal, eram os nordestinos”. Esse excerto marca bastante a contraposição existente entre o funcionário do Sul, capaz de lidar com uma tecnologia mais

avançada, e o nordestino, um “coitadinho”, para quem são destinados os serviços menores, o trabalho mais difícil, braçal.

Dessa figura do outro, mais “descansado”, também fazem parte os sulmatogrossenses e os cuiabanos. Além deles, também são citados os paranaenses – “eles dizem que eles já passaram dois Estados e que já estão cansados” -, os quais, curiosamente, estão inseridos na categoria “sulistas”. A exceção parece ser em relação aos mineiros e aos paulistas, também considerados trabalhadores – “o mineiro e o paulista têm bastante do sulista” -, não por alguma característica a eles atribuída, mas por possuírem características dos sulistas.

Os gaúchos também constroem sua imagem positiva frente aos outros a partir de categorias como a aparência física: eles seriam, conforme fica explícito nas entrevistas, mais arrumados – “a gente vem do sul, a gente é mais arrumada” – e mais bonitos – “mãe, quanta gente feia”. A organização é uma outra característica atribuída aos gaúchos, como no caso do caderno que servia de exemplo para as crianças de várias séries da Escola: “O caderno dela era impecável. Daí o caderno dela saía da segunda série e ia até a quinta, sexta, sétima e oitava, pra mostrar como é que eles queriam que as crianças fizessem no caderno pra caprichar”.

A limpeza (dos gaúchos) X a sujeira (dos outros) também é uma oposição que vai reforçar as características positivas dos gaúchos – “ela olhou a cozinha e tinha umas mesas enormes de madeira maciça e ela lavou a cozinha inteira com soda. Lavou aquelas mesas, porque aquilo diz que era uma gordura, uma sujeira”. No que concerne a essa questão, Lane (1992), em seu estudo a respeito das comunidades surdas norte-americanas, faz um paralelo entre determinadas características que seriam atribuídas aos africanos na literatura colonialista e aquelas atribuídas aos surdos na literatura profissional: há coincidências marcantes, sobretudo em relação a características consideradas socialmente negativas. A sujeira se destaca nos dois grupos. De acordo com o que observa o autor, “as inconsistências das características atribuídas e o seu aspecto negativo devem levar-nos a suspeitar que estamos a lidar, nos dois casos – o da psicologia do nativo e o da psicologia do surdo – não com descrições objetivas mas com estereótipos” (p. 48). Ainda segundo Lane, tais atribuições revelam muito mais coisas a respeito das autoridades coloniais, das entidades ouvintes e dos contextos sociais em que elas funcionam do que dos povos

colonizados e das comunidades surdas. Em face disso, pode-se considerar também que todos os estereótipos atribuídos aos outros revelam muitas das características dos gaúchos.

A oposição limpeza X sujeira também pode ser percebida em entrevistas que tratam da questão das empregadas domésticas da região, as quais, além de não agüentarem o serviço, não saberiam desempenhá-lo a contento, não sendo caprichosas como as gaúchas, conforme as narrativas a seguir:

Vega – (ininteligível) falando é a questão das domésticas que trabalham nas casas. Houve uma época até que estava um pouco recriminado, queriam empregada doméstica mas que fosse do sul. Foi uma polêmica até uma época.

Sírius - E não existia essa mão-de-obra também, não existia. Por isso que a gente foi pras cantinas, porque não existia mão-de-obra.

Vega - Até hoje a gente vê essa diferença assim, se é uma pessoa de lá ela vem disposta a trabalhar mesmo. O pessoal daqui já...

Sargas - Então, eles têm outros costumes.

Entrevistadora - Mais tranqüilo?

Capella - Mais tranqüilo, não vai, daí já parece que a gente já não... então, é melhor a gente botar a mão na massa do que...

Vega - Meu tio tem uma funcionária, dispensei ela ontem. Ela é do povo daqui. Ela chegou pra mim falando que ela estava necessitada de trabalhar, que ela nunca tinha trabalhado de doméstica, mas que ela precisava. O marido dela ficou em Tangará sete meses sem emprego, foram pegando empréstimos, foram só se endividando. Vieram pra cá, ele arrumou trabalho na Usina. E aí não é suficiente o que ele ganha porque eles pagam aluguel aqui. E ainda pagar os empréstimos. Eu disse então: “beleza, dona Y. A senhora precisa trabalhar, precisa do seu ganho e eu preciso do seu trabalho. Então, eu acho que vai dar certo”. Só que infelizmente não deu.

Entrevistadora - Não deu?

Sírius - A gente é muito exigente, eu acho.

Vega - Não, porque a gente contribuiu com tudo que ela queria. Ela queria uma máquina de lavar, eu tenho uma grande lá, uma Brastemp, e ela disse que não conseguia trabalhar

com aquela máquina e pediu pra comprar uma simplesinha que ela ia dar conta. Então, eu vou comprar uma máquina porque daí eu não vou me preocupar com roupa. Consegui uma máquina boa, usada, mas bem boazinha. Ela lavou roupa duas vezes, eu acho. Aí eu pensei: o dia que não tem roupa você faz uma limpeza bem feita, passa roupa. Ontem eu cheguei e olhei assim: não, mas eu acho que ela não limpou a casa. Cheguei às 11:00 e ela já não estava mais. Aí fui olhar atrás da geladeira e do fogão...

Capella - Tudo sujo! Essa mão-de-obra nós temos deficiência tremenda.

Vega - Por favor! Aí fui olhar na sala, a estante assim da parede, bichinho que vem da luz, tudo ali, nem varreu. Só varreu onde passou. Meu marido dizia: “tu vais pagar 200 reais pra ela?” Eu falei: “eu combinei 200 reais”. “Tu vais continuar pagando 200 reais?” Aí ele começou a me desafiar, né? Se valia a pena mesmo. Peguei e disse: “não, pode deixar que eu vou ligar pra ela pra ela não vir mais”. E ela me questionou: “mas como? Não agradou o meu serviço?” Eu disse: “infelizmente, dona Y, a senhora deixou muito a desejar”. Porque aqueles 200 reais que eu ia favorecer ela, eu tô deixando de comprar alguma coisa pra mim, pra minha família, porque era a contrapartida, ela ia trabalhar pra mim, e eu ia, né? Ficar mais tranqüila. Mas não aconteceu. Infelizmente.

Entrevistadora - E ela é daqui da região?

Vega - Da região. E ela é uma pessoa que precisa, né? Mas não...

Entrevistadora - Não vem mão-de-obra do sul também pra este tipo de serviço? O pessoal quase não vem, né?

Vega - A gente tinha uma muito boa. Minha mãe até tentou ligar de volta, convencer ela a voltar.

Entrevistadora - Ela voltou pro sul?

Vega - Ela voltou pro sul. E daí com essa crise a minha mãe disse: “provavelmente, quem sabe agora, ela...” Aí ligou oferecendo de novo “vê se tu volta. Nós damos um jeito. “Ah, mas eu não sei”, ela disse, “porque agora nós arrumamos um... Acho que nós vamos ficar por aqui mesmo”. A mãe disse: “mas a hora que você quiser...” Porque era daquelas assim, gaúcha daquelas... Mas uma maravilha! Mas ela não retornou, acho que se acomodou por lá mesmo.

Sírius - Eu mesma estou sem. Eu me viro na semana no comércio, meu marido produz na chácara, vende aqui. Aí nós temos escritório e tal. Minhas crianças de manhã, estudam de

tarde, cuidam do escritório e eu que faço. Porque a gente é muito exigente. A gente que veio, né? A gente não se contenta com coisa assim. Eu prefiro ir daqui até ali e fazer bem feito, do que ser aquele por cima.

Vega - Do que ficar olhando alguém, pagar alguém, ainda pra não fazer.

Capella - Exatamente.

Sírius - E outra, o pessoal não agüenta o serviço que nem a gente, né? Parece. E é bom, porque daí as crianças se acostumam do jeito da gente, a pegar valendo, né?

Capella - É verdade.

Vega - Eu trabalho o dia todo e chego e faço. Eu tive um problema de coluna, então eu tenho que evitar certos movimentos, certos esforços. Mas... é difícil aqui.

Capella - Tem que pegar no tranco, né?

Sírius - Essa questão assim, dessa mão-de-obra, ainda é... A Ação Social estava propondo ali cursos pra empregada doméstica. Quem sabe daqui a alguns meses a gente...

Capella - Precisa mesmo formar.

Entrevistadora - Ensinar, né?

Aliada à questão da limpeza vem a do grau de exigência em relação ao trabalho: os outros não seriam tão exigentes, por isso não seriam capazes de desenvolver as atividades de uma maneira satisfatória para os gaúchos. O grau de exigência dos gaúchos é, segundo os entrevistados, muito mais alto – “A gente é muito exigente, eu acho”/“Porque a gente é muito exigente”.

Sublinho também o fato de que, ao mesmo tempo em que os gaúchos ressaltam sua superioridade e suas qualidades em relação ao trabalho, marcando os defeitos dos outros, parece haver um certo deslizamento dessa noção de trabalhador quando analisamos uma espécie de queixa e de reclamação que também emergem das entrevistas: uma vez que os trabalhadores de outras regiões não dão conta daquilo que lhes é solicitado, o gaúcho tem de realizar o trabalho sozinho, ficando assim sobrecarregado – “então é melhor a gente botar a mão na massa”/“Eu trabalho o dia todo e chego e faço”/“Eu me viro na semana no comércio, meu marido produz na chácara, vende aqui. Aí nós temos escritório e tal. Minhas crianças de manhã, estudam de tarde, cuidam do escritório e eu que faço. A gente não se

contenta com coisa assim. Eu prefiro ir daqui até ali e fazer bem feito, do que ser aquele por cima”.

Apesar de os gaúchos também serem migrantes e de terem ido para o Mato Grosso buscar trabalho e melhores oportunidades, eles se narram como diferentes, marcando uma posição de superioridade. Além disso os outros são apresentados como uma massa homogênea. Tal fato também foi observado pelos pesquisadores Barker e Galasinski (2001) em relação aos poloneses e aos ucranianos. De acordo com os autores, “não há indivíduos ucranianos que odeiam os poloneses, mas uma entidade em massa. É, de fato, como a história de conflitos étnicos nos conta repetidas vezes: é fácil abusar de um objeto inanimado ou de uma massa indiferenciada, do que de uma pessoa individual” (p. 130). Moita Lopes (2002), ao estudar a narrativa como um processo de construção da identidade social de raça, afirma que o narrador geralmente se posiciona, mesmo de forma implícita, apresentando uma visão positiva de si mesmo, conforme fica claro nas narrativas de Capella, Polaris, Sírius, Vega e Sargas.

Ainda no que tange à questão do outro, Cléria Costa (1994), em um estudo sobre as representações da identidade e etnia de trabalhadores rurais de um assentamento de Indaiá, localizado em Mato Grosso do Sul, sublinha as dificuldades de convivência existentes entre sulistas e nordestinos, pelo fato de os sulistas se considerarem superiores e mais preparados para o trabalho. De acordo com a autora

nas representações imaginárias dos sulistas estes são, supostamente, mais preparados para o trabalho da lavoura e os nordestinos percebidos como menos qualificados para o trabalho com a terra. (...) O principal argumento para não considerar os nordestinos como iguais diz respeito à terra: para os sulistas, os nordestinos não sabem e nem querem ‘cuidar da terra’ e tampouco gostam do trabalho. (p. 11)

A autora também ressalta um aspecto que foi analisado na seção anterior, qual seja, o fato de que a suposta superioridade dos sulistas seria “por sua condição de descendentes de imigrantes [alemães, italianos e polacos], diferentes de uma outra categoria definida como nordestinos” (1994, p.11).

Essa marcação da identidade gaúcha em situação de diáspora a partir da exaltação de características que tornariam os gaúchos superiores em relação aos mato-grossenses e a outros migrantes - sobretudo os nordestinos - aparece também no seriado, a fim de creditar a prosperidade, o progresso e o desenvolvimento de alguns Estados, regiões ou até de um país, à presença e ao trabalho dos gaúchos nesses lugares:

“O Mato Grosso é o maior produtor de soja do Brasil; isso nós devemos ao gaúcho”. (1º episódio)

“Basta caminhar nas ruas para ver o quanto o gaúcho foi fundamental para o desenvolvimento dessa região [oeste de Santa Catarina]”. (2º episódio)

“Os gaúchos são responsáveis por mais da metade das riquezas que produz o Paraguai”. (4º episódio)

“A vinda [dos gaúchos] contribuiu para o incremento do comércio local [Dourados – MS]”.

“A modernidade que trouxemos tirou o 38 da cintura pra botar o celular”. (5º episódio)

“Os gaúchos tornaram este Estado [MS] um dos maiores produtores de grãos do país”.

“É de responsabilidade dos gaúchos boa parte do progresso tecnológico do campo”. (narrador, 6º episódio)

Cabe ressaltar aqui a maneira como certos aspectos da identidade gaúcha vão se construindo frente aos outros, tanto outros migrantes quanto as pessoas oriundas dos lugares para os quais os gaúchos migraram. Ao se narrarem de forma positiva, as narrativas instituem uma imagem na qual os gaúchos seriam uma espécie de colonizador, portando-se de maneira semelhante aos colonizadores europeus que chegavam ao Novo Mundo para dominar e para civilizar os povos por eles considerados inferiores. Nesse sentido, não efetuando uma transposição direta do conceito, mas tomando dele alguns dos aspectos apontados por Pratt (1999), também considero os locais onde houve colonização gaúcha como sendo “zonas de contato”, ou seja, “espaços sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam, se entrelaçam uma com a outra, freqüentemente em relações

extremamente assimétricas de dominação e subordinação – como o colonialismo, o escravagismo, ou seus sucedâneos ora praticados em todo o mundo” (p.27).

Não é possível afirmar, no meu entendimento, que há, entre os gaúchos e os outros, relações extremamente assimétricas de dominação e subordinação, uma vez que entendo as relações de poder a partir de uma perspectiva foucaultiana, conforme assinaléi no início desse trabalho, isto é, as relações de poder funcionam de forma circular, sempre havendo resistência. Embora não tenha realizado entrevistas com pessoas que não fossem gaúchas, pude notar, na minha estada em Tangará da Serra, a profusão de piadas³⁶ que circulam ridicularizando os gaúchos, numa clara maneira de resistência. Ao mesmo tempo em que se consideram superiores, os gaúchos são o alvo principal de brincadeiras e de chacotas por parte dos outros. Destaco aqui também um excerto do meu diário de campo, o qual trata dessa resistência e até de uma certa indignação frente a essa atitude de superioridade dos gaúchos:

“Hoje pela manhã fomos até a Unemat (Universidade do Estado de Mato Grosso) conhecer a Universidade e lermos e-mails. Depois da visita, sentamos na Cantina e, aos poucos, foram surgindo alguns professores. A., sexo feminino, natural de Goiás e morando há anos em Mato Grosso; J., sexo masculino, paranaense, filho de gaúchos, morando há 20 anos em Mato Grosso e F., sexo masculino, de Passo Fundo, mas morando em Mato Grosso desde os cinco anos de idade. O assunto gauchismo logo esquentou a roda, pois, assim que souberam do meu tema de pesquisa, começaram a contar histórias e a emitir opiniões. De maneira geral o grupo é bastante crítico em relação à presença dos gaúchos na região.

A. me pareceu ser a mais enfática, afirmando que os gaúchos “são uma praga para o meio-ambiente”. Tal afirmação engloba não somente a questão ecológica – ligada à destruição do meio-ambiente por causa das lavouras de soja – mas também a sua visão de que os gaúchos seriam uma praga pela sua arrogância e preconceito. J. levantou a questão de os gaúchos terem trazido o desenvolvimento e o progresso, mas “isso dentro da ótica deles”, ou seja, somente a ótica do capital. A., J. e F. lembraram a época do início da

³⁶ Geralmente são piadas que colocam em dúvida a masculinidade ou a honestidade dos gaúchos. No meu entendimento, a análise desse material – piadas e brincadeiras em geral – constituiria uma pesquisa extremamente rica e interessante.

cidade, ressaltando o fato de o CTG ser um centro agregador, local onde as pessoas iam para dançar e se divertir. Sublinharam, porém, que só as pessoas que têm dinheiro podem/podiam freqüentar o CTG, pela exigência da pilcha e por ela ser muito cara.

F. comentou o fato de as pessoas contarem piadas sobre a fama de caloteiros dos gaúchos, pelo fato de eles pegarem empréstimos e não pagarem e de terem de sair fugidos da polícia. Essa seria a causa de os gaúchos não terem mais a influência que eles tinham antigamente em Tangará: tiveram de sair fugindo para Rondônia. Mesmo assim, segundo F., eles ainda se acham os melhores”.

(Diário de campo, dia 14.06.2005)

Além desse trecho do meu diário de campo, destaco, a seguir, um excerto de uma entrevista, que trata da arrogância de uma professora gaúcha que, na época do ocorrido, tinha chegado há pouco tempo em Tangará da Serra:

Atria - Uma vez eu fui coordenadora da escola agrícola lá em Tangará, há um bocadinho de tempo, e uma vez teve um concurso público e entrou uma professora que veio de Cruz Alta. Eu conheço Cruz Alta, sei que realmente é bonitinho, tem um centro cultural, com a casa do Érico Veríssimo, aquelas coisas lindas, realmente, muito lindo. Aí a mulher veio pra dar aula de educação física na escola agrícola que não tinha quadra. O que aliás era muito comum antigamente, né?

Capella - Não era J essa professora?

Atria - É. Aí, né? Já identificou fácil.

Entrevistadora - Já sabe quem é.

Atria - Aí ela vem dar aula de Educação Física. E Tangará, na época, nenhuma escola tinha quadra com cimento, era chão batido, né?

Capella - As crianças vinham pra casa que eram uns tatus.

Atria - É. É, verdade. Aí a mulher foi dar aula inclusive na escola agrícola lá em Tangará. E daí os vizinhos do lado cederam um pedaço de pasto pra limpar pra fazer um campo de futebol, porque ainda era só terra. E era lá que fazia Educação Física. E eu era

coordenadora dessa escola, e essa mulher todo dia reclamava, porque isso aqui era um potreiro, porque lá em Cruz Alta a minha... Era desse jeito. Porque lá no Sul, porque lá em Cruz Alta, porque tem duas quadras cobertas...

Capella - Eu já viro e digo: tá fazendo o que aqui? Volta pra lá! Se veio aqui é pra encarar como é.

Entrevistadora - Claro!

Atria - Olha, ela falou tanto, tanto, tanto, sabe? Que um dia eu falei assim: olha, J! É o seguinte, quando eu vim pro Mato Grosso em 87, eu saí de Londrina. Eu falei assim: Londrina! Não é nenhuma Cruz Alta, não é uma Cruz Alta. Eu saí de Londrina, cheguei aqui não tinha asfalto, não tinha nem rádio AM, mas eu vim porque eu não tinha mais condições de sobreviver lá. Eu vim pra ganhar, pra sobreviver, e eu como, bebo e durmo desse lugar. Agora, quem tem oportunidade, eu falei bem assim, quem tem oportunidade de ficar no Sul, tem mais é que ficar. Agora, quem veio igual eu que, ou vinha pra cá ou morria de fome, porque eu sabia as condições que eles tinham vindo, né? Quem veio pra cá igual eu, ou morria de fome lá ou vinha e hoje é aqui em Tangará tem que ficar. Agora, quem não quer tem que voltar e ir embora. Nunca mais reclamou.

Capella - Nunca mais.

Atria - Porque no Sul, porque... volta pro Sul, caramba!

As pesquisas de Haesbaert (1997) e de Kaiser (1999) sobre a migração gaúcha também convergem, em certos aspectos, para esse ponto, o da resistência das populações locais frente ao comportamento de superioridade dos gaúchos. Haesbaert argumenta, em consonância com a afirmação de A., que a modernização proporcionada pela presença dos gaúchos na região de Barreiras (BA), a qual é geralmente associada à inteligência do sulista, tem revelado um outro lado: a ocorrência de sérios problemas ecológicos causados pelo esgotamento do solo e do potencial hídrico, além da crescente erosão. O autor assinala o fato de que a suposta “ignorância” de muitos camponeses nordestinos da região talvez revele uma relação muito mais harmônica com os frágeis ecossistemas locais.

Assim como em Tangará da Serra, a resistência de vários segmentos da população local à cultura gaúcha também apareceu na pesquisa realizada por Kaiser (1999) em Buritis

(MG). O autor relata que as relações entre os gaúchos e os mineiros são permeadas por um tipo de boicote e até uma certa violência³⁷. Segundo o autor, “na quase totalidade dos casos pesquisados os gaúchos são vistos por outros grupos como agressivos, arrogantes, mandões” (p. 86).

Nesse sentido Haesbaert (1997) afirma que os conflitos existentes no oeste baiano entre sulistas e nordestinos constituem um processo complexo, uma vez que, “ao mesmo tempo em que tenta se impor, a identidade gaúcha provoca múltiplas reações na sociedade local, desde a desestruturação de laços culturais tradicionais até a reafirmação ou mesmo (re)definição de uma identidade cultural e territorial” (p. 159). Essas disputas pela afirmação das identidades e também por bens materiais e simbólicos acontecem pela possibilidade de contato entre diferentes grupos culturais. A proximidade do outro, do diferente, em uma situação de migração - tanto para quem migrou quanto para quem recebe os migrantes – torna-o, em certo sentido, uma ameaça.

3) A força do gauchismo

Uma marca muito forte encontrada nas narrativas dos entrevistados e em depoimentos do seriado é a que atrela a identidade gaúcha aos elementos e aos sistemas simbólicos do gauchismo e do tradicionalismo. Ser gaúcho fora do Rio Grande do Sul parece ser conservar e/ou passar a dar importância a hábitos e a comportamentos que, ou não tinham tanta relevância no Estado de origem ou simplesmente não eram considerados para a constituição identitária das pessoas envolvidas – esses hábitos geralmente fazem parte do universo do gauchismo, como frequentar Centros de Tradições Gaúchas, participar de grupos de danças tradicionalistas, ouvir música gauchesca, etc.

³⁷ Reproduzo aqui um excerto destacado por Kaiser (1999) em sua pesquisa, o qual considero extremamente relevante no que diz respeito a um tipo de resistência apresentado pela população de Buriti:

“Como Miriam é loura – os alunos a chamam de ‘Espiga de Milho’ – às vezes alguém a confunde com uma gaúcha. Ela fica irritada:

- Deus me livre.

Ela conta que já xingou, com aspereza, alunos seus, mineiros, que foram ao CTG:

-O que você está fazendo, ‘imundície’! Tua cultura é o forró!” (p. 111)

Toda gama de práticas culturais e de discursos do gauchismo produz um determinado tipo de gaúcho constituído a partir do campo semântico gauchista e tradicionalista. Nesse sentido, considero o gauchismo como sendo uma forte pedagogia cultural, ou seja, como “qualquer instituição ou dispositivo cultural que, tal como a escola, esteja envolvido – em conexão com relações de poder – no processo de transmissão de atitudes e valores” (Silva, 2000, p. 89). Ao transmitir certos valores e formas de comportamento, a pedagogia do gauchismo atua em diversas esferas da vida social, não somente no Rio Grande do Sul, mas também em lugares nos quais haja a presença de gaúchos; nesse último caso, me parece, de uma maneira mais incisiva, já que, na presença do outro, há um recrudescimento da identidade regional, fortemente marcada pelo gauchismo.

A força que a pedagogia do gauchismo possui nas cidades onde houve migração apresenta-se de várias maneiras: desde manifestações mais discretas, como a visibilidade de alguns elementos simbólicos do gauchismo – sobretudo a presença do chimarrão em lojas e em instituições comerciais como bancos e lojas – até a presença de todo o aparato gauchista dentro de Escolas da região de Tangará da Serra e de Campo Novo do Parecis, o que lhe confere um caráter bastante abrangente. Devido a essa abrangência, considero de extrema relevância que, conforme argumentam Steinberg e Kincheloe (2001), como educadores, devemos examinar tanto a pedagogia escolar quanto a cultural, uma vez que a pedagogia cultural “enquadra a educação numa variedade de áreas sociais, incluindo mas não se limitando à escolar” (p. 14). A seguir destaco alguns depoimentos que demonstram a força que o gauchismo possui nas comunidades de migrantes:

“Onde tem um gaúcho é uma semente que tá plantada no tradicionalismo”. (2º episódio)

“[Em Capanema – PR] a tradição é cultivada de maneira mais forte que no Rio Grande do Sul”. (3º episódio)

“Aqui [CTG 20 de Setembro, Manaus –AM] tradição é lei de estado e saudade se chama Rio Grande”. (11º episódio)

“O gaúcho que não for gaudério não é gaúcho”.

“O movimento gaúcho é quase que uma epidemia, vai contagiando”. (narrador, 11º episódio)

Entrevistadora - Ah, é?

Altair – To começando um programa gaúcho na rádio. Porque os programas gaúchos que têm aqui eu fico louco de ouvir.

Entrevistadora - Tem muitos programas aqui?

Altair - Tem bastante. É interessante porque a gente vai fazer uma coisa totalmente nova. A gente vai juntar a cultura com entretenimento, música, né? Música, e ao mesmo tempo a cultura. A gente vai, por exemplo, hoje a gente vai falar sobre, vamos dizer, indumentária gaúcha.

Entrevistadora - Ah, tá! Vocês vão trabalhar e falar sobre isso.

Altair - Vamos trabalhar isso junto. Um debate, uma mesa-redonda, e passando o que é para os ouvintes. E ao mesmo tempo escutando as músicas. Já até falei: só nativista. Não vale...

Altair - Tá louco! A gente dormia até no bagageiro do ônibus pra não sair do CTG.

Entrevistadora - Pra não sair do CTG?

Altair - Pra não sair porque era bom.

Atria - Curtir até o último minuto.

Entrevistadora - O último momento.

Altair - Até o último sair de lá. Mas era muito bom lá. Lá o CTG é fenomenal. Maravilhoso! Grande! Muito grande.

Entrevistadora – Em Sorriso?

Altair - É. Se não me engano, é o maior CTG do país. Porque é onde é o centro, o CTG, é o parque de exposições também. Então, é tudo junto. Por isso que é grande daquele jeito. E eles estão comprando mais um sítio embaixo. Muita gente.

Entrevistadora - Deve congrega um monte de gente.

Altair - É. Mas Sorriso é uma cidade que tem muito gaúcho.

Atria - Lá é a cidade fundada por gaúcho.

Altair - Lá é grande. As Invernadas de lá ganham todos os (inint).

Entrevistadora - São muito bem organizados então?

Altair - São, muito. E muito dedicados.

Altair - Ele é jurado sempre. Ele passa bastante informação pro pessoal que está tentando entrar também junto. Só que tem muitas pessoas gaúchas ali dentro que estão ali mas não sabem porque que eles usam a bombacha, porque eles usam a bota. Eles usam, mas não sabem.

Entrevistadora - Usam por que é moda?

Altair - Porque é bonito. Porque é bonito. Já que eu tô no CTG, aqui é lugar de usar isso. O D chegou lá, pegou o microfone e começou a passar tudo. E ele até falou assim: “vou chamar agora o Altair pra ele complementar aqui”. Aí falava mais um pouco, terminava. Aí o pessoal ficou sabendo. Aí o pessoal: “não. Agora eu vou vir. Vou vir. Não vou mais vir com bota de couro. Agora eu sei a origem da bota e vou vim com as primeiras botas. Vou lá no sul e vou comprar. Com couro de burro, couro... vou lá e vou fazer. Vou lá na campanha, meus parentes lá, colonos, fazem”. “Tá bom. Tá bom. Então, tu faz lá”. E eles aparecem lá.

Atria - No fundo, no fundo, você acaba assumindo uma função de ensinar as pessoas sobre o gauchismo, o tradicionalismo.

Altair - Meus amigos não gostam de conversar comigo por causa disso. Tocam no assunto “não toca no assunto, pelo amor de Deus”. Se toca no assunto eu vou começar. Aí eu começo a falar e eu não páro mais. Aí eu vou ensinando, ensinando, ensinando. Eu gosto de ensinar.

Entrevistadora- E você lê muito também?

Altair- Leio bastante. Mas eu não leio livro. Por exemplo, tem que ler livro de direito, tem que ler livro de conto. Eu não gosto. Me dá um livro de cultura gaúcha pra ver o que eu faço. Eu leio umas dez vezes ele.

Atria - Ah, sim! Então é naquela época aqui que eu aprendi a tomar chimarrão, eu tinha vestido de prenda. Não tinha baile de CTG que a gente não fosse. Lá na T, pra hora do intervalo, eu preparava a cuia pros professores chegarem e a cuia estar pronta e eles

perderem menos tempo. Mas ali, naquela época era muito. Nas festas juninas a gente apresentava a dança do pezinho.

Atria - Pra ter uma idéia, quando fundou o CTG, não havia galpão. Aí, ali onde é a Caixa Econômica hoje, era um terreno baldio, era só terra. E era ali que era feita a Semana Farroupilha, era ali...

Altair - Ficavam acampados a semana toda.

Atria - Acampados ali, eles faziam ali.

Entrevistadora - Ah, é? E hoje em dia tem acampamento ainda ou não?

Altair - Só quando vai pra outro CTG assim, ou outro Festival. Aí o pessoal acampa.

Entrevistadora - Ah, tá. Mas aqui, por exemplo, não se faz mais.

Altair - Não tem mais.

Atria - Não tem nem mais aquela cavalgada do fogo crioulo?

Altair - Tem, tem.

Atria - Tem, né? Ainda tem.

Capella – Não, e você não sabe fazer um chimarrão sem oferecer. Eu falo assim, eu me considero frustrada se eu não viciar um cuiabano, porque cuiabano não tem, você trabalhou comigo, convive comigo e eu não te convenci a tomar chimarrão, eu to frustrada!

Entrevistadora – Você pelo jeito convenceu muita gente?

Capella – Muita, muita! Mas é assim, você vai me visitar, eu tô aqui há 19 anos, eu tenho lá as xícaras todas bonitinhas, mas eu não tenho nenhum hábito, então a pessoa chega e a primeira iniciativa é mandar ela sentar e pôr água pra esquentar. Lá na minha mãe, como lá tem fogão à lenha, a cuia fica pronta no canto do fogão, quente o dia todo.

Atria – Então, quando eu vim pro Mato Grosso, que daí eram só gaúchos lá em Tangará, mas muito gaúcho mesmo, que eu fui aprender o hábito do chimarrão. Na Escola onde eu trabalhava era tudo gaúcho, todos os professores gaúchos, os filhos, quer dizer, os alunos eram filhos de gaúchos, então a cuia era comum, era uma, duas, três cuias que ficavam em cima da mesa dos professores. E eu era coordenadora, o recreio era curtinho, pro professor vir pro recreio, até ele fazer a cuia, pra tomar e fazer a roda não dava tempo, então eu aprendi a armar a cuia, pra deixar pronta.

Conforme alguns trechos dos excertos acima, fica clara a dimensão pedagógica, a preocupação de ensinar os hábitos gaúchos por parte de alguns dos entrevistados. Dessa forma, os elementos simbólicos do gauchismo vão configurando o que Marisa Costa (2005) denomina de currículo cultural, do qual fazem parte as “representações de mundo, de sociedade, do eu, que a mídia e outras maquinarias produzem e colocam em circulação, o conjunto de saberes, valores, formas de ver e de conhecer que está sendo ensinado por elas” (p. 116).

O historiador Albuquerque Júnior (1999), em seu aprofundado estudo a respeito da invenção imagético-discursiva da região Nordeste do Brasil, afirma que o Nordeste é tomado como uma invenção “pela repetição regular de determinados enunciados, que são tidos como definidores do caráter da região e de seu povo, que falam de sua verdade mais interior” (p. 24). O autor analisa como a região em questão foi construída a partir de uma visibilidade e de uma dizibilidade, ou seja, “a região se institui, paulatinamente, por meio de práticas e discursos, imagens e textos que podem ter, ou não, relação entre si, um não representa o outro. A verdade sobre a região é constituída a partir dessa batalha entre o visível e o dizível” (p. 46).

Apesar de, conforme argumenta Albuquerque Júnior, nem sempre o visível e o dizível se articularem, considero que, no caso do gauchismo, ocorre tal articulação. Ao mesmo tempo em que existem discursos que definem uma identidade gaúcha a partir de certos princípios do gauchismo, há toda uma gama de sistemas simbólicos que são postos em cena e que se articulam com esses discursos, constituindo o que chamaria de uma identidade imagético-discursiva do gaúcho. Essa identidade se configura, em grande parte, pela visibilidade que os sistemas simbólicos do gauchismo adquirem, como por exemplo o chimarrão – “e você não sabe fazer um chimarrão sem oferecer” -, a indumentária – “eu tinha vestido de prenda”/“Agora eu sei a origem da bota e vou vim com as primeiras botas” – os eventos dos CTGs – “A gente dormia até no bagageiro do ônibus pra não sair do CTG”/“Não tinha baile de CTG que a gente não fosse” – e muitos outros – destacados em vários trechos de entrevistas e em alguns depoimentos do seriado nos quais essa visibilidade do gauchismo se apresenta de maneira bastante clara:

“Pode se afastar o tanto que for geograficamente, mas isso [chimarrão] a gente não deixa”. (9º episódio)

“Nós temos orgulho de sair e mostrar que nós estamos ali, mostrando a tradição gaúcha”. (12º episódio)

Entrevistadora - É esse grupo que está se mobilizando pra fundar esse CTG?

Altair - Exatamente!

Entrevistadora - E quem são essas pessoas? São teus amigos?

Altair - São meus amigos. Eu sou o mais novo. É tudo já casado, filhos, tudo, né?

Entrevistadora - Todos gaúchos?

Altair - Não. Um é catarinense de Curitiba.

Entrevistadora - Mas também tradicionalista?

Altair - Esse veste. Ele foi... agora terminou a gestão dele. Ele foi Secretario de Eventos do MTG do Mato Grosso, se não me engano. E ele adora. Ele é maluco, fascinado por isso, né? Tem um de Santiago, veio morar aqui há quatro anos. Ele é veterinário. Está trabalhando no frigorífico. E um de Três Coroas. Ele também mora aqui há pouco tempo. E a mulher dele é de Pelotas, as filhas de São Lourenço do Sul.

Entrevistadora - Tudo veio de lá.

Altair - Tudo de lá. E aí a gente se une ali e vira a noite inteira, né?

Entrevistadora - Nossa Senhora!

Altair - A gente faz bastante reuniões. Até semana passada teve uma reunião nossa que era pra registrar mesmo o CTG no cartório, pra ver como é que faz. E mês que vem já vamos ter mais um rodeio. Há dois meses atrás fizeram um rodeio e eu não participei, mas mês que vem eu vou participar no próximo rodeio. Vêm pessoas do estado inteiro. Isso que a gente não divulga em televisão.

Castor - Ah, mas aqui teve no bosque, como que chamava aquela...

Atria - A mateada.

Castor - É da Semana Farroupilha. A primeira foi muito bonita.

Atria - Teve já três.... tem três anos, né?

Castor - Três ou quatro. A primeira eles fizeram uma missa crioula muito bonita.

Entrevistadora - Ah! Que legal! No bosque também?

Castor - É. No bosque ali, é. Aí tinha um...

Atria - Tem padre aqui que reza missa crioula, é?

Castor - Os padres aqui são todos gaúchos.

Atria - Os padres daqui são todos gaúchos quase. Todos lá do Seminário de Viamão.

Castor - De Viamão.

Atria - Eles tinham um chá da manhã, não era?

Entrevistadora - Como?

Atria - De manhã tinha um desjejum deles lá, não tinha?

Castor - Tem um café.

Atria - Um café da manhã. Eu sei que era convidada a população toda. O que eu comi de cuca naquele café. Nossa Senhora!

Castor - Tem mais coisa. O seu AP, o velho que faleceu, ele só andava pilchado e ele tinha as poesias dele. E a gente editou o livrinho que tinha as poesias dele, né? Muito bonitas as poesias.

Antares - Então, voltando um pouquinho na história, antes de ter CTG em Tangará nós já tínhamos um grupo de dança. Tinha um professor que morava aqui em Tangará, ele voltou para o RS depois, mas ele trabalhava numa empresa e ele se dedicava assim, extra, a ensinar o pessoal a dançar as danças folclóricas do RS. Nós dançávamos dentro de uma sala de aula num colégio aqui. Aí nós ia lá, tirava todas as carteiras pra fora, pra poder ter espaço. Aí a gente ensaiava, e nós formamos lá um grupo de dança “Alma Nativa”. E aí a gente tinha o grupo, e o pessoal não faltava.

Antares - Hoje nós somos diretores artísticos do CTG e inclusive também da região. A sexta região, nós somos diretores artísticos até da sexta região que engloba hoje, aqui, oito ou nove municípios, né? Nós somos diretores artísticos da sexta região. Mato Grosso tem seis regiões, né? Já explicaram pra ti, né?

Entrevistadora - Sim, sim.

Antares - Então, tem o coordenador e tal. E nós fazemos parte da equipe de diretores artísticos da sexta região também, até hoje. A gente nunca abandonou aquilo lá. Embora

assim, dançamos muito tempo no grupo de dança, até minha esposa foi a primeira prenda do CTG. A primeira prenda do CTG, depois a primeira prenda do estado do Mato Grosso. Porque na época não tinha regiões.

Alhena - Foi assim, só tinha duas regiões tradicionalistas: a primeira e a segunda. E daí nós participamos. Então, em 88 teve a Primeira Semana Farroupilha. Foi ali no local onde tem o Banco Sicredi hoje. Ali foi a Primeira Semana Farroupilha. Nossa! Muito boa. Todo mundo participou.

Entrevistadora - Isso que eu ia perguntar, e mobiliza muita gente assim?

Antares - Todo mundo participa.

Entrevistadora - Tem desfile que nem a gente faz lá?

Antares- Tem desfile a cavalo. Vem lá da Pedra Solteira.

Entrevistadora - A Chama Crioula, vocês acendem?

Alhena - Acendem. Dia 12 pra 13. Amanhecer dia 13, acende a Chama Crioula. Antigamente, quando começou isso aí, eles faziam uma caminhada de aproximadamente 50Km.

Antares - O último encontro que eu participei, que nós participamos, enquanto CTG, representantes e tal, a nível de estado foi em Diamantino, né? Que a gente participou lá também. Então, aconteciam esses encontros. Aí, posterior a isso, a gente participa assim... até teve uma época, uns quatro, uns cinco anos atrás, fundou... Hoje tem no CTG Invernada Adulta e Invernada Mirim, né? Dentro da parte artística. Mas há uns cinco anos atrás nós também iniciamos com o grupo de Invernada Veterana, só adultos. Só que daí, em função dos compromissos, dos casais, dos trabalhos, tudo, e filhos, e tal, acabou assim que... ensaiamos e tal, retomamos e tudo, mas não deu continuidade.

Alhena - E hoje a gente está querendo fazer um trabalho bom aqui, sabe? Porque nós temos o nosso instrutor de dança. Ele é instrutor de dança e gaitero. E canta também. Canta, toca e ensina. Então, nós teríamos que ter duas pessoas, nós temos uma que faz por duas. Graças assim, ao convênio do município com a Secretaria da Educação e Cultura, a gente tem amigos que trabalham lá dentro, o Secretário de Educação, e tal...

Antares - Que investe em cultura também.

Alhena - Entendeu? Então, a gente conseguiu que a Secretaria de Educação pagasse um x pra um gaitero pra nós, um instrutor de dança.

Entrevistadora - Que legal!

Alhena - Então, nós fizemos uma parceria. O clube paga uma porcentagem, o município paga mais tanto...

Antares - E o Modelo também entra com uma outra partida.

Atria - O mercado da cidade que ajuda com cesta básica pra ele, sabe?

Entrevistadora - Ai, que ótimo!

Alhena - Então, graças a isso aí, a essa parceria, a gente está conseguindo que o costeiro fique ali, nosso instrutor. Porque se não, não tem condições. O clube não sobrevive hoje pra manter um instrutor desse destacado. Então, ele ensaia pra nós, hoje, dois grupos de dança, né? E a gente está querendo montar mais um ainda. Então, não consegue pagar sozinho o CTG, né?

Antares - Então, ali vai acontecer esse Festival de Pesca, né? Então, nesse momento a Invernada Artística também vai se apresentar lá e o gaitero vai fazer um “show” de gaita também, lá no dia 02. O festival é dia 02 e dia 03. Então, assim, sempre que precisar o CTG tá... Esses dias atrás também teve um evento no CTG, que foi o encontro de juizes do Estado do Mato Grosso. Aconteceu no CTG.

Alhena - Ah, é verdade! Primeiro Encontro de Juizes e Magistrados do Estado do Mato Grosso.

Antares - Ele teve um início no Fórum, aí teve palestra não sei onde e aí o jantar e a recepção, nossa lá do CTG, foi lá em cima. Inclusive todos nós estávamos pilchados a caráter, né? Recepcionando todo mundo. O CTG foi decorado de uma forma que eu nunca vi um troço daqueles, né? Porque tinha os maiores do Mato Grosso, desembargadores...

Entrevistadora - Imagino. Imagino.

Atria - Deve ter sido uma festança linda.

Antares - Nossa! E o jantar? Ai! E aí nós lá. Eles gostaram muito, adoraram. Aí eles pediram uma apresentação do grupo de dança.

Entrevistadora - Me parece que o CTG aqui é bem representativo, né? Assim, tem muita importância dentro do Estado.

Antares - Tem. É um dos melhores CTGs do Estado. Qualquer informação que os CTGs do Estado querem, eles sempre procuram a informação aqui primeiro. Contratar um conjunto, geralmente eles ligam aqui pra patronagem daqui: “tal conjunto já tocou pra vocês em Tangará?” “não tocou” “você tem alguma informação” “não, não tenho” “tocou” “presta ou não presta?”, entendeu?

Entrevistadora - Contrato ou não?

Antares - É, contrato ou não? Porque, pra variar, o CTG de Tangará é um dos primeiros do Estado também.

Atria - É, é isso que ia falar. Mais antigo, mais experiência.

Antares - Mais antigo. O Z foi que construiu muito, comandou. Foi o primeiro. Ele que fundou o MTG do Mato Grosso, o Movimento Tradicionalista do Mato Grosso.

Entrevistadora - Ah, é? E onde é a sede do MTG aqui?

Antares - Hoje ela está em Lucas do Rio Verde.

Conforme fica claro nos trechos acima destacados, os CTGs são uma instituição crucial para que os sistemas simbólicos do gauchismo se tornem visíveis, através de eventos, rodeios, desfiles, promoções, grupos de dança, competições de declamadores, etc. Nesse sentido, Canclini (2001) postula que as tradições, para serem legitimadas, devem ser colocadas em cena, constituindo o que o autor chama de “ritualização cultural”. Além das comemorações normalmente realizadas pelos CTGs, como as comemorações da Revolução Farroupilha, nas quais são realizadas mateadas e missas crioulas – “os padres aqui são todos gaúchos” – e os rodeios – “e mês que vem já vamos ter mais um rodeio” -, há outros eventos, não relacionados diretamente com o gauchismo, que são organizados pelo CTG ou contam com a participação de seus membros. Como exemplo disso são citados o Festival da Pesca – “nesse momento a Invernada Artística vai se apresentar lá e o gaiteiro vai fazer um *show* de gaita também” – e o Primeiro Encontro de Juizes e Magistrados do Estado de Mato Grosso, cuja recepção foi realizada no CTG – “Inclusive todos nós estávamos pilchados a caráter, né? Recepcionando todo mundo. O CTG foi decorado de uma forma que eu nunca vi um troço daqueles, né? Porque tinha os maiores de Mato Grosso, desembargadores”. Esse último trecho do depoimento de Antares sublinha a projeção social

das pessoas que participaram do Encontro e, conseqüentemente, do evento, e ressalta a visibilidade que o gauchismo adquiriu, já que o CTG sediou a recepção, o grupo de dança se apresentou e juízes e desembargadores foram recebidos por pessoas pilchadas.

A força e a importância do gauchismo também se fazem visíveis através da mobilização em torno do instrutor de dança – que também é gaiteiro, canta, toca e ensina, possuindo diversas qualidades e habilidades. Para que ele pudesse permanecer em Tangará, tanto o CTG quanto a Secretaria de Educação disponibilizaram uma quantia em dinheiro para pagá-lo, e o Mercado Modelo fornece a ele uma cesta básica.

Além de estarem presentes e visíveis no cotidiano das pessoas, nos eventos e comemorações, o gauchismo e sua pedagogia também circulam nas Escolas da região. Considero como fundamental o papel que a Escola exerce no desenvolvimento das identidades e, no caso específico desse estudo, na constituição de uma identidade regional gaúcha. Além de tomar o currículo escolar como um espaço de circulação de narrativas, as quais produzem subjetividades e constroem identidades, considero também a função exercida por todos os rituais e festas presentes no cotidiano escolar, entendendo-os como mecanismos de produção de sentidos identitários.

Vários estudos, em diversos espaços, já assinalaram a importância das festas e das comemorações no ambiente escolar. Nesse sentido, Olorón (2000), ao investigar as celebrações patrióticas escolares na Argentina, analisa as transformações por que passou este “repertório de cerimônias formais que desde seu início pôs a escola pública a funcionar, “buscando ‘consagrar’ a pátria argentina” (p. 79). Souza (1998) afirma, em relação às festas escolares no Brasil, principalmente em São Paulo, no início do século XX, que “elas tornaram-se momentos especiais na vida das escolas e das cidades, momentos de integração e de consagração de valores – o culto à pátria, à escola, à ordem social vigente, à moral e aos bons costumes” (p. 259).

Destaco alguns excertos que tratam da presença dos sistemas simbólicos e da pedagogia do gauchismo no ambiente escolar:

Entrevistadora - E me diz uma coisa assim, a partir desse convênio vocês conseguem, por exemplo, o CTG consegue levar isso pras escolas? Fazer algum trabalho?

Antares - Espera aí, esse é o detalhe. A Secretaria de Educação está sempre requisitando um grupo de dança. Até agora, semana passada, sexta-feira pra festa.

Alhena - Uma festa junina.

Antares - Isto. Houve uma apresentação do grupo ali. E onde a Secretaria de Educação solicita pro CTG, a gente desloca, vamos. Qualquer lugar. Qualquer lugar. Interessante, porque aí divulga. E outra, a imprensa tem bastante destaque, tem televisão, tem rádio. Nós estamos hoje com dificuldades porque nós estamos com 15 prendas pro grupo de dança adulto e nós estamos com 9 peões. Só que são muitas prendas. Podiam ser 10, 12 por aí. Só que está faltando peão pra nós. O trabalho que a gente faz na cidade tem uma colocação grande. Tem pessoas que nunca foram no CTG e estão procurando, querem aprender a dançar, querem ir lá. Porque eles se apresentam em praça pública, se apresentam em festa junina nos colégios.

Capella – Eu vou daqui pra lá, lá em Tangará, eu tenho um kit, eu levo, mas só eu levo, nós estamos numa turma de que, 30, 50, 50. A hora que eu faço o chimarrão, é aquela gritaria, “me dá um, me dá um”. Se eu duvidar, de uma térmica eu tomo só um ou dois! É uma coisa legal.

Entrevistadora – Lá na Universidade!

Capella – Na Universidade todo mundo toma.

Atria – Então, eu achava que chimarrão, as danças gauchescas, era só lá no território, mas quando eu fui pra Tangará e eu era coordenadora escolar, nas épocas de dança, de festa junina, folclore, as danças que apareciam eram danças gauchescas. Eu aprendi a dança do pezinho, a dança do pé de fita, pra ensinar para as crianças pra fazer apresentação.

Entrevistadora – Na escola?

Atria – Na escola.

Atria – Então, mas na Escola, o que ajuda a manter essa questão da tradição, a própria escola, porque sendo os professores a maioria vinda do RS, eles acabam sempre falando

do RS como o lugar, como a tradição, falam com o maior carinho, ensinam as músicas, não é isso?

Capella – Só que nós temos um embate nisso tudo, porque nós não cultivamos a cultura mato-grossense, então nossos filhos não são 100% tradição gaúcha – os nossos são porque a gente convive -, mas a terra que a gente adotou a gente não cultiva, que é linda também. A gente tem isso como uma lacuna.

Entrevistadora – E a tradição mato-grossense é forte?

Capella – É forte, sim, só que ela é bem do cuiabano, ela é bem, não vou dizer fechada, ela é desconhecida, e a gente não tem muita facilidade de entrar. Eu acho que isso é meio do gaúcho, não é resistência, a gente é meio duro, xucro, sabe? Mas aqui na nossa região ela é quase que inexistente.

Entrevistadora – E na Escola tem mais tradição gaúcha do que mato-grossense?

Capella – É claro!

Atria - Uma coisa que interessa bastante para ela é essas manifestações que acontecem dentro de escolas. Claro que, no geral.

Castor - Na escola onde eu trabalho tem bastante a dança da fita, essa aí sempre teve. Tem dança...

Entrevistadora - Mas em outras escolas também?

Castor - Têm danças típicas gaúchas com traje e tudo. Ainda hoje tem.

Entrevistadora- Agora, em festa junina ou na semana farroupilha isso aparece também?

Castor - Tanto na festa junina quanto na semana farroupilha existe.

Entrevistadora- Ah, é?

Castor - É. Inclusive a minha escola tem uma menina que dançou há poucos dias, inclusive na abertura da palestra dos magistrados. Então lá inclusive tem um grupo de crianças que dança e vão representar. Agora quando teve um encontro da magistratura aqui, dançaram na abertura e tudo.

Entrevistadora - E esse grupo ele é ensaiado dentro da escola?

Castor - Dentro da escola.

Entrevistadora - E quem é que cuida? Quem é que ensaia?

Castor - *Eu não posso te assegurar assim, com certeza, mas pra mim é a professora de Educação Física.*

Castor - *Eles têm um grupo de danças, são crianças, inclusive se apresentavam na escola que eu tinha, onde dei aula.*

Entrevistadora - *O CTG?*

Castor - *É. A turma do CTG. O grupo de dança aqui do município teve uma vez, que era de gaúcho, lembra?*

Atria - *Sim. É, é bem característico a cultura gauchesca. Hoje já diminui muito, mas antigamente, né?*

Castor - *É difícil você chegar numa escola que não tenha uma cuia de chimarrão na mesa. Difícil, difícil, muito difícil.*

Castor - *A família deles é bem tradicional. Até hoje, os filhos dele, a maior parte deles,....*

Entrevistadora - *Cultuam e vão?*

Castor - *Eles usam a roupa tradicional, pilchados direto.*

Entrevistadora - *E o que é interessante, é que assim, que os mais jovens nasceram aqui, né? Não são mais gaúchos, mas continuam se considerando, continuam...*

Castor - *É. Continuam.*

Entrevistadora - *Continuam se vestindo, continuam dançando, continuam aprendendo.*

Castor - *Continuam. Eles são bem tradicionalistas mesmo. As festas nas escolas particulares, todas têm apresentação deles assim.*

Entrevistadora - *Tradicionalistas?*

Castor - *É, tradicionalistas. Sempre que tem alguma coisa tem a quadrilha normal, e tem a apresentação de uma dança gaúcha.*

Entrevistadora - *Ah, é?*

Castor - *É. As escolas particulares são mais do que o Estado. Bem mais.*

Entrevistadora - *Isso é interessante saber.*

Castor - *A nossa escola lá também oferece bastante, porque a nossa é diversidade. Lá tem gente de todo lado. Tem uma escola do município, lá na Vila Horizonte, que tem bastante. Bem interessante.*

Entrevistadora - E a tua escola é estadual?

Castor - A que eu trabalho hoje é estadual. Ela que tem esse grupo.

Entrevistadora - Não está no currículo?

Castor - Não está no currículo, mas...

Entrevistadora - É presente, é forte.

Castor - Presente, forte. Pega as fotografias do município, dos aniversários do município, você vai ver. Se você for na Secretaria de Educação, você pede pra ver as fotografias dos aniversários da cidade. Você vai ver a colonização, inclusive no final do desfile quase sempre eles fechavam com a cavalgada. É bem tradição mesmo. Hoje diminui um pouco porque aumentou a população e veio de outros lugares, mas sempre teve. Se você for na Secretaria de Educação ver as fotografias você vai se impressionar.

Canclini (2001), ao discutir a importância dos ritos e das festas para a legitimação das tradições, considera o fato de que é através da teatralização do patrimônio que a tradição é colocada em cena, justamente por meio de comemorações, de festejos, dos monumentos e dos museus. O autor enfatiza a idéia de que

A escola é um palco fundamental para a teatralização do patrimônio. Transmite em cursos sistemáticos o saber sobre os bens que constituem o acervo natural e histórico. Ao ensinar geografia fala-se o que é e onde termina o território da nação; no estudo da história, são relatados os acontecimentos em que se conseguiram fixar esses limites em luta contra os adversários externos e internos (2001, p.164).

Os ritos do gauchismo e do tradicionalismo, como as danças e as comemorações de datas como a Revolução Farroupilha, presentes nas Escolas da região, inserem-se no calendário escolar e em eventos das cidades – “Na Escola onde eu trabalho tem bastante a dança da fita”/ Têm danças típicas gaúchas com traje e tudo”/“Tanto na festa junina quanto na semana farroupilha existe”/“Inclusive a minha escola tem uma menina que dançou há poucos dias, inclusive na abertura da palestra dos magistrados”.

De acordo com o que argumenta Canclini (2001), os significados produzidos pela escola não se dão somente através dos conteúdos curriculares, mas “são motivo de celebrações, festividades, exposições e visitas a lugares míticos, de todo um sistema de rituais no qual se organiza, rememora e confirma periodicamente a ‘naturalidade’ da demarcação que fixa o patrimônio originário e ‘legítimo’” (p. 165). Uma das principais características dos ritos é justamente esta, a de rememorar e de periodicamente confirmar a “naturalidade” e a “autenticidade” do patrimônio histórico e dos sistemas simbólicos que marcam as identidades. Aliás, conforme afirma Vianna (1995), “o autêntico é sempre artificial, mas, para ter ‘eficácia simbólica’, precisa ser encarado como natural, aquilo que ‘sempre foi assim’” (p. 152).

Cerri (1998), em sua pesquisa sobre as festas cívicas da paulistanidade no cotidiano escolar, aponta nesta mesma direção, tratando destes ritos não como “uma suspensão do cotidiano, um momento especial e qualitativamente diferente, mas sim uma situação em que os elementos triviais da cotidianidade aparecem como símbolos” (p. 11). Ao serem, portanto, colocados em cena, os sistemas simbólicos do gauchismo naturalizam uma determinada identidade que passa a ser considerada legítima e única, ensinando que ser gaúcho é ser apegado às tradições do gauchismo.

O gauchismo também circula nas Escolas e Universidades de maneira mais sutil – porém não menos importante – seja através da presença do chimarrão em sala de aula, seja mesclando-se com manifestações culturais de outros grupos, conforme mostram os trechos abaixo:

Altair - É, aos poucos eu vou colocando. Não vai ter jeito. Os meus professores ficavam malucos na sala. Pediam pra fazer uma redação, elas davam o tema, e eu não conseguia fazer sobre aquele tema. Aí eu falava: “professora, eu posso fazer uma redação com o tema que eu inventar?” “Pode”. Aí eu fazia qualquer outra coisa no meio gaúcho. Sempre, sempre, sempre.

Altair - O S leva na faculdade.

Entrevistadora - É?

Altair - Leva. É que ele também é um maluco igual a gente. Em sala de aula, ele está dando aula e a cuia tá rodando.

Capella - Aqui onde tem um curso, alguma coisa, a térmica não falta. Ah, é. Pode faltar o instrutor, mas a térmica é a primeira a chegar. A térmica é a primeira a chegar. Muita gente daqui aprendeu também a tomar chimarrão.

Entrevistadora - Vocês todas são professoras, né? Todas deram aula? E vocês levavam isso pra sala de aula, comentavam com os alunos? Tinham muitos alunos do sul? Como é que era?

Vega - Tem experiência, como que é de região pra região, inclusive eles também ,né? Relatavam. A gente levava e trocava.

Entrevistadora - Acabava sendo conteúdo de sala de aula?

Vega - Exatamente.

Entrevistadora - O tradicionalismo, né?

Vega - Comparava, né? O que tem de diferenças, o que não tem.

Atria- E os que não eram gaúchos que estavam na sala de aula acabavam sendo envolvidos.

Vega - Aprendendo também.

Sírius - Eu até tinha na faculdade uma professora também que ela é do sul, os pais moram até no Uruguai. Ela adora aquele chinelinho. E daí ela começou a comentar e todo mundo dizia: ai, professora! Eu queria conhecer! – espera que amanhã eu venho com ele pra vocês. Aí ela veio com o chinelo. Ela adorava usar aquele calçado.

Sargas - Alpargatas também.

Entrevistadora - A gente estava falando de escola, tem algumas práticas, por exemplo, de danças, ou mesmo alguma outra manifestação da cultura gauchesca que acaba sendo incorporada à rotina da escola? Tipo: as danças ou as músicas são comuns?

Vega - Sim. Apresentam até, né?

Sírius - Como a cidade aqui... o Brasil inteiro é fácil de apresentar aqui, né? Então, todo tipo de cultura, né? Agora tem o CTN³⁸ dos nordestinos. Então, tem vários assim, né? E tudo é muito respeitado, as tradições.

Vega - Inclusive até a culinária, por exemplo, até eles apresentam a culinária como eles fazem coisa assim, é bem aceito aqui, né?

Entrevistadora - Então a cultura gauchesca também é bastante presente na escola?

Vega - Cada um respeitando a cultura do outro e incorporando.

Sírius- Nas festas juninas tem aquelas danças folclóricas.

Entrevistadora - Na festa junina sempre tem dança gauchesca também? Pezinho, aquelas tradicionais?

Sírius - Com outras danças.

Atria - Gaúcha junto com as outras, ou é mais gaúcha? Como é que é?

Vega - É diversificado, bem variado.

Sírius - Mas agora nas festas juninas a gente já observa uma coisa, que durante muito tempo entendia-se a dança gaúcha por uma coisa pertinente a festa junina, e hoje já tem o discernimento, quadrilha é quadrilha, roupas e coisas gaúchas são coisas gaúchas.

Vega - Estão fazendo as roupas típicas. Estão usando roupas típicas.

Entrevistadora - Roupa de caipira, e não mais...?

Sírius - Diferente da tradição gaúcha, né? Mas igual, alguns grupos se apresentam, que nem na escola Nossa Senhora Aparecida, que é uma das escolas grandes do ensino fundamental aqui. Eles fazem um pouco da cultura de cada um, desde a alimentação até a roupa, pra manter viva de todos, né?

Entrevistadora - Mas pelo que vocês estão falando então, teve um tempo que as festas juninas eram a manifestação mais...

Sírius - Eram confundidas. Assim, por exemplo, a roupa típica ia mais com a roupa gauchesca.

Vega - Gaúcho e prenda, bombacha. Até mesmo por conta do grande número de gaúchos que tinha, até os professores, na grande maioria, eram gaúchos, né? Então, acabava envolvendo isso nesse sentido.

³⁸ Centro de Tradições Nordestinas.

Esse último trecho apresenta um aspecto que merece ser destacado: apesar de apresentar uma certa hegemonia, o gauchismo, muitas vezes, convive com manifestações culturais de pessoas provenientes de outros Estados brasileiros e de mato-grossenses. Sua força, entretanto, é notável, e o que pude observar no período em que estive na região corrobora a afirmação de Kaiser (1999) em relação aos gaúchos em Buritis (MG): eles “têm uma diferença importante em relação à maioria dos outros grupos em estudo hoje no Brasil: pertencem ao campo sociologicamente majoritário, são dominantes dentro da organização social, têm poder político-econômico” (p. 150).

Outra característica muito forte que emergiu dos depoimentos do seriado e das entrevistas é o sentimento de extremo orgulho que os gaúchos possuem pela sua condição de serem gaúchos e por possuírem, segundo suas narrativas, tradição e cultura. A seguir alguns exemplos que explicitam o orgulho de ser gaúcho:

“Não existe nada igual no mundo inteiro, nada como o Rio Grande, pode ter certeza disso”. (2º episódio)

“Dizem que somos arrogantes e nos orgulhamos, porque temos história”. (3º episódio)

“Não usamos a tradição da bombacha, mas aquilo não sai da gente, tá no sangue”. (11º episódio)

“Quando me perguntam: gaúcho? – [respondo] graças a Deus, porque se não fosse pedia pra ser, me orgulho demais de ser gaúcho”.

“Tenho orgulho de ser gaúcha”. (12º episódio)

O orgulho de ser gaúcho está relacionado com as narrativas que constroem o gaúcho de maneira positiva, conforme foi analisado nas seções anteriores. É importante perceber que, ao mesmo tempo em que essas qualidades do gaúcho são imputadas à sua ascendência européia, os sistemas simbólicos utilizados por essa identidade hegemônica são aqueles associados ao gauchismo e ao tradicionalismo, em um processo que marca os traços híbridos dessa identidade gaúcha. No Rio Grande do Sul, segundo assinala Luís Augusto Fischer (2004), “o maior número de CTGs se localiza na região norte do Estado, justamente

aquela que conta com população majoritariamente de origem européia recente (alemães, italianos, polacos, etc.), e não no sul, que porém teria, se se tratasse de uma tradição contínua desde a origem, mais CTGs do que a outra metade” (p. 123). Em relação a esse aspecto, Haesbaert (1997) observou o fato de que

o “gaúcho” seja reconhecido nos cerrados nordestinos por sua imagem que conjuga, ao mesmo tempo, traços do gauchismo do Pampa (vestuário, hábitos como o churrasco e o chimarrão) e dos imigrantes da “Colônia” (a ética do trabalho, a disciplina e traços físicos ítalo-germânicos). Talvez a síntese mais próxima da imagem que os baianos moldaram seria a de um descendente de alemães “pilchado” e montado a cavalo como o gaúcho (luso-brasileiro) da Campanha (p. 77).

Sendo assim, o gaúcho colonizador constitui-se, também, a partir de imagens e de símbolos associados ao gauchismo – “temos história”. Kaiser (1999) ressalta que “a categoria colono faz parte do *ethos* gaúcho na diáspora. Um *ethos* que tem como representação um tipo humano branco de origem européia, com antepassados pioneiros na família e uma história recente que justifique a capacidade pessoal empreendedora e a liderança do processo civilizatório” (p. 90). Nesse sentido, Canclini afirma que as identidades não são um conjunto de características que se possa considerar como sendo “a essência de uma etnia ou de uma nação, mas sim uma série de operações de seleção de elementos de distintas épocas articulados pelos grupos hegemônicos em uma narração que lhes dá coerência, dramaticidade e eloqüência” (1999a, p. 85).

Constituir-se gaúcho a partir do contato com outro, experimentando uma situação de diáspora, mobiliza, portanto, traços diversificados dos discursos a respeito do ser gaúcho – o discurso do gauchismo e o do colonizador descendente de europeus -, ao mesmo tempo em que constrói uma narrativa em torno dessa identidade, a qual lhe confere coerência e atua a partir daquilo que é narrado nesses diversos discursos, constituindo identitariamente gaúchos que se fixaram em locais distantes do Rio Grande do Sul.

Passo agora à análise de um ponto que considero bastante curioso dentro da formação discursiva que remete ao orgulho de ser gaúcho: o fato de esse sentimento de

orgulho ser tomado também por aquelas pessoas que não são gaúchas³⁹. Esse “exercício” da identidade gaúcha se dá, no mais das vezes, permeado pelos elementos simbólicos ligados ao tradicionalismo. Antes de continuar, busco a contribuição de mais alguns – muitos, aliás – depoimentos e trechos de entrevistas relacionados com este tópico:

“Gaúcho é a pessoa que se diz gaúcha e que cultua as tradições”.

“Sou paranaense naturalizado gaúcho dentro deste CTG”.

*“Os filhos [dos gaúchos] ganham de herança o amor sem fim pelo Rio Grande do Sul”.
(narrador)*

“O amor [pelo Rio Grande do Sul] seduz e fascina nova vizinhança: os que não nasceram, mas adquiriram a alma rio-grandense”. (narrador, 1º episódio)

“Sou catarinense, mas o coração é gaudério”.

“Pra ser gaúcho não precisa ter nascido no Rio Grande do Sul, é só querer; ser gaúcho é um estado de espírito”. (2º episódio)

“[Em um CTG no Mato Grosso] Tem muito sócio que não é gaúcho, 70% dos sócios são de outros Estados”.

“Tenho orgulho de ser filho de gaúcho, queria ter nascido no Rio Grande do Sul, que os documentos dissessem isso”. (5º episódio)

Atria – Você sabe, eu sou nascida no Paraná, você sabe o L, aquele que ensaiava o grupo? Então, na época, nos anos 90, eu quase fiz parte da invernada artística, só não fiz porque eu comecei a dar aula à noite e não tinha horário pra ensaiar, mas eu quase fiz parte da invernada, e eu não sou nascida no Rio Grande do Sul.

Capella – Mas no grupo de dança dos veteranos tem muita gente que não é gaúcha, mas é sulista.

Atria – Acaba se fazendo gaúcho, né?

Entrevistadora – Porque toma chimarrão, porque dança, porque vai lá.

Capella - E é super bem-vindo no grupo, gaúcho é muito receptivo daí pra essas coisas.

³⁹ Estou considerando aqui gaúcho como aquela pessoa que nasceu no Rio Grande do Sul.

Capella – Mas tem um detalhe, tem muitos gaúchos adotados, isso a gente faz muito. Meu filho, por exemplo, ele faz parte do grupo de dança, ele compra disco de música gaúcha, ele se identifica, e eu fico feliz porque eu penso, aí tá vivo, e os amigos dele já vão, por exemplo, no CTG, e nós temos no CTG não só filhos de gaúchos, nós temos nordestinos no CTG, eles começam a adotar.

Vega - Só que assim, de tanto a gente falar do sul, os filhos adoram o sul. Contam os dias pra viagem , pra tudo. Adoram lá. Voltam contando: lá eu fiz isso, fiz aquilo. Porque é totalmente diferente.

Entrevistadora - E eles se sentem gaúchos?

Veja - Sim, sim, sim. Com certeza! O meu filho até hoje não se conforma porque que eu não fui pra ele nascer lá. Dez anos ele tem. Ele fala assim: você é gaúcha, o pai é gaúcho, porque você não deixou que eu nascesse lá também? Ele me cobra. Porque a gente fala que eles são mato-grossenses, os dois. Eu falo: vocês são filhos de gaúchos, mas são mato-grossenses. “É, mais eu queria ser igual a você e o pai, gaúcho também. Que negócio é esse? Só eu e a maninha..”.

Entrevistadora - Mas eles vão ao CTG, essas coisas todas ou não? Vocês não têm o hábito?

Vega - Não. Mas eles gostam muito. Assim, da tradição, tudo, né? A gente conta.

Altair - 90% não é.

Entrevistadora - Ah, é?

Altair - 90% não é gaúcho. Mas os pais são.

Entrevistadora - Não é gaúcho de ser nascido, mas que...

Altair - Os pais são gaúchos. Eles são nascidos aqui ou em outro estado, né? Mas eles se consideram gaúchos. Eu mesmo não sou gaúcho, mas eu me considero um gaúcho, porque eu cultivo muito mais, eu vejo que eu cultivo muito mais a cultura gaúcha do que os próprios gaúchos. Tem muito gaúcho que.... meu pai é gaúcho e ele saiu do sul e não conhecia a cultura gaúcha. Ele nem sabia que existia isso. Aqui no Mato Grosso que ele foi conhecer. Aí que ele começou.

Altair - Eu tenho amigos que não sabiam o que era a poesia gaúcha, não sabiam nada. Depois que eu comecei a me apresentar eles gostavam daquilo. Só que tem algumas palavras que eles não entendem, então eles perguntam: “que que é tal palavra?” Passava pra eles. Aí eles se interessaram bastante por isso. Tem muito... tem até um cuiabano, ontem estava aqui em casa, ele estava até comigo lá, aquele com a camisa do São Paulo. Ele é cuiabano, o pai dele é cuiabano, mas adoram a cultura gaúcha. Quando tem lá alguma coisa no CTG eu não preciso nem ligar, ele vai lá e pega a primeira mesa.

Talvez esse tenha sido o tópico a respeito do qual encontrei o maior número de depoimentos. Eles nos fornecem várias pistas que possibilitam relacionar o “ser gaúcho” com o tradicionalismo. Viver e cultivar determinadas tradições, aquelas mobilizadas pelo discurso do gauchismo, talvez possa definir o que seria “sentir-se gaúcho”, e o que determinaria o “estado de espírito” que diferenciaria um gaúcho. Vianna (1999), ao escrever sobre a relação existente entre os CTGs e a reinvenção das políticas de identidade, afirma:

O sertão está em toda parte. Os gaúchos também estão em toda parte: em Roraima, em Rondônia, no Ceará, em São Paulo. Eles arrumam um jeito de permanecer gaúchos, tomando chimarrão, mantendo sua ‘tradição’, em qualquer lugar, mesmo no meio do mundo do Urucuaia, a 5 km do posto do Ibama que assinala o início do Parque Nacional Grande Sertão: Veredas. Os gaúchos inventaram uma rede de CTGs, ou Centro de Tradições Gaúchas, como máquina poderosa para a replicação de seu código ‘tradicionalista’ e seu peculiar ‘modo de vida’. Não há nada parecido, nem tão eficaz, em outros movimentos culturais brasileiros. Não há, por exemplo, um CTC, Centro de Tradições Cariocas, ou Cearenses.

As tradições, com todo o seu sistema simbólico e artefatos – indumentária, música, poesia, CTGs, danças, lendas, narrativas heróicas – atuam pedagogicamente, ensinam o que é ser gaúcho e constituem identitariamente não só aquelas pessoas nascidas no Rio Grande do Sul, como também quem se sentir interpelado por tais discursos e artefatos.

Dessa forma, para se ser gaúcho, não é necessário nascer no Rio Grande do Sul, basta ter o sentimento de ser gaúcho e/ou o estado de espírito, uma vez que, ainda de acordo com Vianna, como a Carta do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), documento que tenta regulamentar as ações dos CTGs, não define precisamente quem é gaúcho, então, em princípio, qualquer pessoa pode se associar a um CTG e reivindicar sua identidade de gaúcho.

Mais do que reivindicar a identidade gaúcha, a opção por cultivar as tradições e assim ser/tornar-se gaúcho mostra toda a força que o gauchismo possui no sentido de interpelar as pessoas e de manter uma certa unidade em relação à identidade gaúcha. Os exemplos recolhidos são a mais contundente prova dessa força que o gauchismo apresenta:

“Meu pai era gaúcho, e, felizmente, a gente pegou todo esse sotaque. Acredito que quem é filho de gaúcho se considera, porque gaúcho é um estado de espírito, independe do lugar onde tu nasce”.

“Nunca fui ao Rio Grande do Sul, sou uma pessoa que vive as tradições, mas nunca tive a oportunidade de conhecer o Rio Grande do Sul”.

“Não sou de lá, mas, de certa forma, eu me considero gaúcha, gosto muito da roupa, da cultura, pesquiso muita coisa, conheço letra de música, coisa que muitos gaúchos não fazem”. (12º episódio)

“Mesmo não nascendo no Rio Grande do Sul eu me sinto um gaúcho”. (13º episódio)

Antares - Tem o pessoal das rádios, das emissoras aqui... o pessoal me liga: “Antares, você tem tal música?” Eu falei: tenho. “Então, me empresta o CD”. Os caras vão lá em casa. Tem os apresentador de programa gaúcho aqui, eles vão lá em casa pra fazer seleção de música às vezes. Eu gosto.

Entrevistadora - É respeitável sua coleção.

Antares - Embora aquilo que eu te falei, eu sou catarinense. Mas me entreguei.

Entrevistadora - Se considera gaúcho.

Antares - Eu tenho muito mais bombacha do que muitos gaúchos por aí.

Antares - Não, porque normalmente filhos de tradicionalistas, filhos de gaúchos, mesmo não tendo nascido lá têm esse sentimento de amor ao Rio Grande.

Alhena - Sim.

Entrevistadora - Começou por ti.

Antares - É. Começou por mim. Porque eu já não sou de lá e gosto, né? Agora o G usa bombacha. Toda semana farroupilha ele quer....

Alhena - A bombacha dele não serve mais. Tenho que comprar uma pra ele esse ano.

Entrevistadora - E ele sabe o que é a semana farroupilha, essas coisas?

Antares - Ele sabe, ele sabe tudo. Ele sempre cobra a gente. A semana farroupilha a gente sempre tem os programas, os folhetos, a programação da semana farroupilha. Quando ele vê a gente com aqueles troços na mão ele: “e a minha bombacha? E a bombacha? E a bombacha?”

Entrevistadora - E ela também se veste de prenda?

Antares - Veste, veste. Só não é aquela coisa assim, que nem a gente estava falando, né? Não dançam no grupo de dança, mas gostam de...

Alhena - Pelo fato de ter que dançar com um menino ela diz que tem vergonha, não quer dançar.

Entrevistadora - Tomam chimarrão e tudo?

Alhena - Tomam. Quando eu tô em casa de manhã que eu faço, eles tomam comigo. E o Antares chama, mas nem com ele ela quer ir dançar lá. É tímida. É diferente.

Atria - Mas isso eu acho muito interessante, como os filhos de gaúcho conseguem se conservar e se sentir... e cultivar as tradições e serem gaúchos, né? Sem ter nascido lá.

Antares - Eles gostam, né? Às vezes têm dias que eu vou... eles gostam de ir muito comigo, mas vou jogar bola, por exemplo, “onde é que tu vai jogar bola?” “vou no CTG” “ah, então eu não vou porque não tem...” Geralmente não vai criança lá pra jogar bola. Agora, no dia que fala assim: “não, vamos que tem gente que vai brincar.”

Entrevistadora - Aí ele vai?

Antares - Vai, vai.

Entrevistadora - Tem grupo mirim, né?

Alhena - Tem. Invernada mirim.

Antares - Não, mirim não. É juvenil.

Entrevistadora - E esses jovens são gaúchos ou são filhos, na sua grande maioria, que nasceram aqui ou em outros lugares?

Antares - A maioria nascido aqui. Maioria nascido aqui.

Alhena - Ali tem filhos de gaúchos e filhos de outros estados, de outras origens. Ali têm pessoas assim... tinha uma época, até nem sei se continua freqüentando, um japonês que fazia parte do grupo.

Antares - Não. Ele não está mais.

Alhena - Não está mais, né? Mas tinha. Tinha um japonês que fazia parte do grupo de dança. Tem assim de todos... pessoas que nasceram aqui, pessoas que não são gaúchas e tal, mas que gostam e cultivam a tradição, participam. Então, o grupo de dança é bem mesclado. Não é formado só por tradicionalistas, só por pessoas descendentes de gaúchos. Não. Ele é bem diversificado.

Entrevistadora - E os filhos mantêm esses costumes que vocês tinham desde lá do sul, do chimarrão?

Sírius - Com certeza. A minha filha toma bastante chimarrão.

Entrevistadora - Participam das danças de CTG?

Vega - Os meus ainda não.

Entrevistadora - Mas os de vocês costumam ir no CTG?

Sírius - As danças no CTG sim, né?

Sargas - Não tenho, tenho sobrinho só.

Capella - (ininteligível) eles, pra que eles entrem pra essa coisa de chimarrão. Porque eu sempre digo que o chimarrão tem uma coisa bacana, o chimarrão envolve, cria laços.

Sírius - Você precisa parar pra tomar.

Vega - Então você, nesse momento, cria relações.

Entrevistadora - Troca, né?

Sírius - Eu tenho, por exemplo, a minha menina tem 16 anos. Eu digo: filha, faz um chimarrão pra mãe. Ela faz chimarrão e toma. Meu menino que não é de tomar, tem 15.

Entrevistadora - E nasceu aqui tua filha?

Sírius - Os dois aqui. Mas eles, por exemplo, no domingo de manhã a gente levanta, toma chimarrão. Eles tomam junto com a gente também. Não tomam igual a gente, mas que tomam, tomam.

Atria - E ouvem música gaúcha também no domingo?

Sírius - Gostam até de ouvir, porque nós temos programas de rádio, e eles até dançavam. Eles procuram dançar.

Capella – Então isso é interessante como isso se esvai na cultura. Então eu penso assim, os filhos dos meus filhos, se a gente não se mantiver nessa ligação com o CTG permanente, ir lá no dia do baile, eu deixo o meu marido sozinho em casa em dia de baile e vou, porque ele não gosta, ele não sai, mas eu vou a tudo que é festa, dança, o que quer que seja, mas o CTG é uma coisa que eu cuido muito, porque vão todas as famílias com os seus filhos, independente de idade, a dança, lá é uma festa familiar. A minha irmã, o meu cunhado, pra ir no baile nós vamos todos.

A partir dessas entrevistas chamo a atenção para uma outra questão, a que se refere à preocupação dos pais no sentido de que as tradições gaúchas sejam mantidas e se conservem através dos seus filhos, para que haja uma continuidade das mesmas. Chamo a atenção para o fato de que a idéia de transmissão de valores e de tradições para as novas gerações é o que sempre deu sustentação a qualquer empreendimento educativo. Se por um lado existe o interesse de uma grande parte dos filhos de gaúchos pelas tradições – “ele cobra a gente”/“e a minha bombacha?” -, por outro percebe-se que há, em muitos casos, um incentivo dos pais para que tal interesse se manifeste – “então eu penso assim, os filhos dos meus filhos, se a gente não se mantiver nessa ligação com CTG permanente, ir lá no dia do baile(...)”.

Um outro aspecto a ser levado em consideração quando se reflete sobre a identidade gaúcha formada diasporicamente diz respeito à aparente contradição entre, de um lado, o recrudescimento de todos os sistemas simbólicos mobilizados pelo gauchismo – frequentar CTGs, utilizar a indumentária gaúcha, tomar chimarrão, etc. – e, por outro lado, todo o contexto mundial da globalização, o qual, de acordo com o que foi discutido anteriormente,

propiciaria a construção de identidades mais globalizadas, inseridas nos padrões da modernidade-mundo.

Pois bem, autores como Hall (1997b), Canclini (1999) e Woodward (2000) argumentam que, frente a todo esse processo de formação de uma sociedade com características globais, a relação entre o local e o global se processa a partir dos mais diferentes arranjos. Segundo Canclini, “a globalização, mais do que uma ordem social ou um processo único, é o resultado de múltiplos movimentos, em parte contraditórios, com resultados abertos, os quais implicam diversas conexões ‘local-global’ e ‘local-local’” (1999, p. 47).

Uma das possibilidades de conexão entre o local e o global nesse cenário é a reafirmação das identidades locais. No caso da identidade gaúcha, esse recrudescimento pode ser justificado tanto pela sua relação com o global – “Não existe nada igual no mundo inteiro, nada como o Rio Grande, pode ter certeza disso” (2º episódio) – quanto pela sua relação com o outro – também local -, em um processo contínuo de novos arranjos e de novos posicionamentos identitários. Nesse sentido, Woodward (2000) afirma que a globalização “produz diferentes resultados em termos de identidade. A homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e à cultura local. De forma alternativa, pode levar a uma resistência que pode fortalecer e reafirmar algumas identidades nacionais ou locais ou levar ao surgimento de novas posições de identidade” (p. 21).

Oliven (2006) também argumenta que a problemática das nações e da tradição permanece sendo atual, no contexto da globalização, sobretudo pelo fato de as pessoas continuarem a nascer em um determinado país ou região, falarem a sua língua e se identificarem com alguns símbolos e valores nacionais e/ou regionais. Segundo o autor, “a criação de manifestações culturais mundializadas não significa que as questões locais estão desaparecendo. Ao contrário, a globalização torna o local mais importante do que nunca” (p. 206).

Dentro desse cenário, o gaúcho, ao sair do Rio Grande do Sul, posiciona-se de maneira a mobilizar os sistemas simbólicos do gauchismo, recrudescendo uma identidade regional e orgulhando-se da sua tradição.

4) A saudade do pago⁴⁰

Como o Rio Grande do Sul é, para os colonizadores gaúchos que se orgulham da sua origem, um lugar quase sagrado, a saudade que as pessoas sentem do Estado é tema recorrente no material coletado. Em praticamente todos os episódios da “Conquista do Oeste”, bem como em várias entrevistas, está presente o discurso da saudade do Rio Grande do Sul e da possível volta à terra natal, a retomada da vida no lugar que foi deixado para trás e que é motivo constante de saudade. Tal volta, todavia, é sempre adiada. Esse é um dos aspectos que caracterizam a experiência da diáspora, a vivência do sentimento de exílio e de perda, a esperança de um retorno redentor e o entendimento “do enigma de uma chegada sempre adiada” (Hall, 2003, p. 415). Destaco, a seguir, alguns dos depoimentos sobre a saudade do Rio Grande do Sul:

Vega - Tinha um irmão mas ele voltou. Ele fez um pé-de-meia, economizou. Ele encarou com a família. Só a família, né? Investiu ali, toda a família se dedicou nesse trabalho e ele foi comprando lá as coisas. Comprou chácara....

Entrevistadora - Ele trabalhava aqui e investia lá?

Vega - Comprava terreno. Daí tem dois anos que ele voltou. Montou um mercado lá e tem chácara. Daí levou a nossa mãe pra morar na chácara dele. Realizando o sonho dele. Essa chácara tem ao fundo o Rio Ijuí. Então, ele está realizado, está feliz.

Entrevistadora - Teu irmão?

Vega - Meu irmão. E a gente ficou.

Entrevistadora - Tu pensa em fazer como ele, não?

Vega - Eu quero voltar, mas não exatamente lá naquela região. Assim, que eu possa dizer: hoje eu vou na minha mãe. Pegar o carro, o ônibus e ir no mesmo dia. Aqui são três dias...

Vega - Sempre quando dá a gente vai, se possível, uma vez por ano. Porque é dois mil e poucos Km. Dois dias de viagem.

⁴⁰ Pago refere-se ao lugar de nascimento de uma pessoa, o seu lar.

Atria - Quase três. É dois mil e bastante Km, né? Quase três mil Km.

Entrevistadora - É longe, né?

Vega - É longe.

Atria - De ônibus são quase cinqüenta horas de viagem.

Vega - A saudade do povo quer que a gente vá direto, né?

Sírius - Ah, mas a emoção quando a gente senta pra conversar, lembrar, né? Nossa época lá. Eu lembro com saudade. Eu não desprezo o sul, apesar de estar vivendo crise maior que a nossa crise aqui, né?

Sargas - Com certeza.

Sírius - O povo está sofrendo, né? Mudanças climáticas.

Sargas - É, está bem difícil.

Atria - Tá complicado.

Vega - Principalmente pra quem planta, tá bem complicado.

Entrevistadora - Mas também não troca mais, né? Aqui por lá?

Sírius - Eu, o dia que eu não depender de ganho, que eu me aposentar e tiver um estrutura boa, eu pretendo voltar.

Entrevistadora - Tu também não pensa em morar lá?

Altair - Eu penso. Eu penso não, eu falo que eu vou morar lá. Só terminar a faculdade, eu vou pra lá. Aí eles pensam: “mas vai fazer o que lá?”

Entrevistadora – Por que tu tem essa vontade de ir pra lá, assim?

Altair- Tá louco! Eu fico louco quando assisto os festivais e eu não tô. Eu escuto na rádio e eu não tô lá pra assistir, não tô participando. Sabe? Os CTGs lá. Eu fico louco! Fico maluco!

Altair - E eu tô louco. Quando terminar aqui eu vou pra lá e vou morar lá. Meu pai: “ah, você não vai ganhar dinheiro, porque o pessoal tá saindo de lá porque não tem campo de trabalho mais”. Eu falei: “e daí? Quem falou que eu quero ganhar dinheiro?” Quero é ser feliz! Eu falei: “dando pra comprar a carne e comer ali junto com os gaúchos, ali junto no CTG, pra mim está ótimo!” É isso que eu quero. Não quero fazer mais nada além disso. Eu quero morar ali, ficar ali no meu cantinho e ir nos festivais. Quero ir pra Palmeira, quero

ir pro Minuano em Santa Maria, quero ir pra Califórnia, quero ir pra Uruguaiana, pra tudo quanto é canto ver os festivais. Porque é dali que as músicas que eu ouço saem.

Entrevistadora - É. Dali que elas vêm.

Altair - Saem todas dos festivais. Dali, né?

“A partida, o desconhecido e a construção de um mundo novo requerem um grande sacrifício; talvez o maior deles seja ter que suportar a saudade”. (narrador, 6º episódio)

“[Muitos] fizeram da tradição um trabalho e o jeito de aplacar a saudade”. (narrador, 8º episódio)

“O pampa vale ouro, é difícil não sentir saudade do seu pago” (9º episódio)

“Vou voltar. Um dia, se eu morrer aqui em Rondônia, é com a cabeça virada pro Rio Grande” (10º episódio)

Esse último depoimento marca, primeiramente, a esperança da volta, de um retorno redentor, para, a seguir, levar em consideração a possibilidade de não voltar. Porém, mesmo se o destino não reservar ao entrevistado a possibilidade do retorno ao Rio Grande do Sul, nem com a morte a ligação com o pago se quebrará – “se eu morrer, é com a cabeça virada pro Rio Grande”⁴¹. O entrevistado parece considerar justamente aquilo que Hall (2003) chama de uma chegada sempre adiada, até o momento em que não seria mais possível voltar – com a morte.

Conforme os depoimentos, apesar da saudade declarada, a grande maioria das pessoas entrevistadas não vislumbra a possibilidade de voltar, sabe que o retorno é praticamente impossível, uma vez que uma nova vida foi construída em um outro lugar, uma outra cidade, um outro Estado e que, nesse processo, além de a pessoa ter também se constituído a partir da cultura daquele lugar que a recebeu, ela adquiriu bens e geralmente se encontra em uma situação financeira muito melhor do que aquela que possuía no Rio Grande do Sul. Altair é uma exceção, já que o seu grande sonho é morar no Rio Grande do Sul – ele não nasceu no RS -, não lhe interessando a questão econômica: “Quem falou que eu quero ganhar dinheiro? Quero é ser feliz! Dando pra comprar a carne e comer ali junto

⁴¹ A afirmação do entrevistado faz referência àquilo que é dito em relação aos cavalos, os quais, ao morrerem, voltam a cabeça para o pago.

com os gaúchos, ali junto no CTG, por mim está ótimo”. Altair possui um amor pelo tradicionalismo e pelo Rio Grande do Sul – mesmo sem conhecer o Estado -, tendo sido totalmente interpelado pelo gauchismo e sua pedagogia; isso talvez explique a sua vontade idílica de morar no Rio Grande do Sul, bastando, para isso, somente poder comprar carne e comer junto com os gaúchos no CTG.

De maneira geral, no entanto, o migrante talvez saiba que a volta é, muitas vezes, impossível, por uma escolha própria, e ele já ter sido capturado também por uma outra cultura, num processo que o constitui a partir de um hibridismo cultural e identitário, apesar de toda a sua ligação com o gauchismo. Sendo assim, é necessário conviver com a saudade e com o fato de pertencer a dois mundos. Em relação a isso, Arfuch (2002b), em sua pesquisa a respeito dos migrantes argentinos na Itália, observa que o processo migratório pode ser comparado à viagem de um herói em busca de um destino melhor, havendo, no caminho desse herói, obstáculos, provações, “a nostalgia do que foi deixado para trás e uma certa inquietude, depois de cumpridas as façanhas, que não se resolve com uma volta” (p. 211).

A saudade pode ser aplacada, entretanto, por meio das tradições, com sua ampla rede que dissemina os costumes do Sul. No oitavo episódio do seriado são mostradas cenas - ao vivo – de um programa da rádio Eldorado, na cidade de Mineiros de Goiás (GO), denominado “Saudades do Sul”. Como o próprio nome já sugere, esse programa costuma “falar das coisas” do Sul e executar músicas gauchescas. No terceiro episódio da série também foi exibida a execução ao vivo de um programa de rádio da cidade de Cascavel (PR), no qual as pessoas telefonavam para o programa a fim de responder ao questionamento sobre se elas voltariam a morar no Sul. A maior parte daqueles que telefonaram respondeu que não; voltariam só para passear, mas não para morar. Da mesma forma, diversos depoimentos da “Conquista do Oeste” e das entrevistas marcam a saudade, porém a certeza de que não há possibilidade de voltar:

“Eu me aquerenciei por aqui”. (2º episódio)

“A querência amada a gente nunca esquece, mas aqui é a nossa casa”. (4º episódio)

“Muitas vezes se pensa em largar tudo e voltar para o Sul, mas depois...” (6º episódio)

“Nos três primeiros meses tinha vontade só de voltar, mas agora não volto mais não”. (9º episódio)

“Muitas vezes pensei em desistir e voltar, mas acabamos ficando e se adaptando, ficando na famosa Rondônia”. (10º episódio)

Capella – Ele que veio primeiro, ele que puxou, por ele nós íamos abrir mais umas mil fazendas pro meio do mato. Hoje ele já faleceu, mas ele acreditava no trabalho. Então o meu esposo hoje diz, se hoje nós estivéssemos lá, a gente estaria cheio de dívida, plantando 500 hectares, os filhos sem previsão futura, porque lá não tem instrução, a faculdade, a educação é longe, então nós estaríamos naquele mundo ainda. Quando a gente vai daqui pra lá, a gente fica triste de ver os amigos.

Entrevistadora – E quando tu ia pra lá, tinha vontade de voltar?

Capella – Eu sempre tinha, desde o dia que eu cheguei, eu tenho saudade de lá, mas é matar a saudade e voltar.

Atria – Então, mas eu te perguntei naquela hora, a gente tem saudade de lá, mas é pra passear, é pra ir lá matar a saudadezinha e depois voltar.

Capella – É, eu não me lamentei nem um dia de vir embora, de lá pra cá, passear eu tenho saudades, lá é tudo morros, né? E eu chego a ir marcando aqui na estrada, são tantos quilômetros sem curvas, só retas. E daí, quando eu fui pela primeira vez, contando pro meu pai como era aqui, não, contando pros meus avós, eles achara, ah!, menos, menos. Daí levamos da próxima vez, meu pai levou fotos, gente, sabe o que é, eles não acreditam. Eles imaginam que as onças andam soltas.

Entrevistadora – É que a imagem que a maioria das pessoas têm é que é meio selvagem.

Capella – É, selvagem! Onça, mato, índio, que o sinalheiro é o jacaré que atravessa a rua, é, mas não é não. Aí quando você chega lá você vê que felizmente nós evoluímos, e a nossa região do Sul, decaiu, é triste! Não é pra diminuir lá que a gente pensa, mas você não vê aquelas pessoas que estavam em ascensão se manterem, não, eles decaíram. Lá no Sul

funciona muito o pequeno produtor; quem era médio, quem era grande ficou médio e quem era médio ficou pequeno.

Vega - Porque, por exemplo, assim, os municípios do sul já são naquela mentalidade, né? Por exemplo, que nem eu falei do meu marido, a nossa, a minha e dele, é lá.

Entrevistadora - É de lá também seu marido?

Vega - Sim. Nós viemos casados de lá. Só nós dois, hoje nós temos dois filhos já. Mas assim, se... a gente gostaria porque a família da gente está lá. Mas se hoje nós voltássemos, nós vamos tirar os nossos filhos da realidade deles. Porque a realidade deles hoje é aqui. O mundo deles é aqui. E se nós voltarmos, nós vamos voltar para nossas raízes, mas vamos sacrificar nossos filhos porque eles não vão se acostumar com o ritmo do sul.

Entrevistadora - O que vocês acham de diferente nesse ritmo entre aqui e lá?

Vega - Aqui e lá? Tipo assim, o desenvolvimento, sabe? A estrutura assim, as cidades que andam, indústria.

Sírius - Crescimento, né?

Vega - Crescimento, crescimento dela.

Entrevistadora - Aqui é mais acelerado?

Vega - Claro! Com certeza! O ritmo até de trabalho, por exemplo assim, a gente se acostumou de uma maneira assim que a gente trabalha meio que direto, lá no sul não. Lá no sul eles têm os horários, a gente quase não tem horário aqui.

Sírius - A gente vê em termos de crescimento de população. A gente chegou em 89 tinha cerca de 2 mil habitantes, entre fazendas, distritos. E hoje, tem 16 anos vai completar 17 anos Campo Novo, tem quase 30 mil, né? O último censo foi em 2000.

Entrevistadora - Muito rápido, né?

Vega - Eles não se acostuariam com o progresso, tecnologia, tudo isso, do jeito que eles têm, aqui, que lá não tem.

Sírius - Em termos de construção civil, a gente vê assim, os bairros assim que fazem loteamento de área, o pessoal já compra terreno e começa a construir.

Sargas - É rapidinho.

Vega - *A tristeza da gente é só, por exemplo, nessas horas assim, né? Por exemplo, quando alguém está doente. Eu sempre digo que voltar pra morar eu não quero, mas um dia eu quero ter um jatinho. De eu chegar ali na biblioteca e dizer: “gente, amanhã eu vou dar uma chegadinha no sul! Vou passar o final de semana lá”. Dar uma chegadinha. Ir nos aniversários de todo mundo, né?*

Sírius - *Tudo que é festa!*

Vega - *Isso! Esses dias meu irmão estava de aniversário, daí eu liguei. No domingo não dava porque a gente ia sair, daí liguei no sábado. Eu disse: pois é, amanhã tu estás de aniversário, se der um tempo eu dou uma chegadinha aí! No final da festa.*

Atria - *Pegar o final da festa!*

Vega - *Nessa hora que a gente.*

Sírius - *A distância que é complicada, né? O meu pai faleceu e eu não pude ir.*

Entrevistadora - *Isso é lamentável, né?*

Vega - *A gente não consegue mesmo. Até de avião a gente não consegue chegar a tempo.*

Sírius - *Só que por um lado a gente fica triste de ver aquele lugarzinho, que não vai pra frente.*

Vega - *Só vai pra trás. Eu falei pra ela hoje.*

Sírius - *Dá uma tristeza na gente. Parece que... não sei se a gente não se acostuma. Parece que eles não andam.*

Capella - *Que engraçado, né? Uma das coisas que impulsionam o desenvolvimento, por exemplo, aqui de Campo Novo, Sapezal ou que foi Tangará de muito tempo, é essa garra do gaúcho em relação ao trabalho. E de repente, quando você vê realmente lá, parece que não depende só do trabalho. Porque são trabalhadores, mas de repente ficam parados. É bem engraçado.*

Sírius - *A gente parece não se conforma de ver eles trabalharem tanto e não...*

Vega - *E não terem retorno.*

Sírius - *Parece que a gente trabalha e parece que anda mais.*

Altair - *Perto de Faxinal, ali. Eles são de lá. E aí eles vieram pra cá há 23 anos.*

Entrevistadora - *Mato Grosso?*

Altair - É. Eles vieram pra cá. Meu pai veio primeiro, depois veio a minha mãe e aí ficaram por aqui. Meu pai se formou engenheiro agrônomo e ele veio pra cá trabalhar. Aqui estava abrindo, começando a nascer a cidade. A cidade tem 29 anos. Estava começando a nascer. Então, o pessoal aqui estava abrindo terra. Então, pra ele foi ótimo trabalhar nessa área. Então, ele começou a trabalhar aqui, aí minha mãe veio também e começaram a viver aqui. Até hoje. Não era nessa casa, era numa outra casa lá. E estão aqui até hoje e vão ficar por aqui, não querem voltar. Nem pensam em voltar.

Conforme foi mencionado por vários entrevistados, apesar da saudade e do amor sentido pelo Rio Grande do Sul – Estado tão exaltado em alguns momentos e motivo de orgulho para a grande maioria – uma das razões para não voltar é a decadência econômica do Estado, conforme fica claro nos excertos das entrevistas: “Então meu esposo hoje diz, se hoje nós estivéssemos lá, a gente estaria cheio de dívida, plantando 500 hectares, os filhos sem previsão futura”/“Aí quando você chega lá você vê que felizmente nós evoluímos, e a nossa região do Sul, decaiu, é triste”/“Só que por um lado a gente fica triste de ver aquele lugarzinho, que não vai pra frente”. A tristeza frente à falta de desenvolvimento e de perspectivas de vida para as pessoas – amigos e parentes – que continuaram no Rio Grande do Sul é a tônica dos depoimentos.

Todos esses depoimentos, ao mesmo tempo em que indicam a imensa saudade do Rio Grande do Sul sentida pelos gaúchos, reforçam o fato de eles já terem se constituído como pessoas que também pertencem a um outro lugar, aquele para onde migraram. Por outro lado, a constante necessidade de se mostrar gaúcho, conservando o sotaque e cultuando as tradições, seria uma forma de tentar conservar uma determinada identidade gaúcha, uma vez que, frente ao contato com uma outra cultura, ela correria riscos. Como os discursos coletados e analisados aqui tão bem retratam, os migrantes – e também seus descendentes e pessoas capturadas pelo gauchismo – parecem cultivar muito mais as chamadas tradições gaúchas do que os próprios gaúchos que habitam o Rio Grande do Sul, num movimento que procura marcar a identidade gaúcha e o pertencimento a ela, movimento esse que talvez não precise ser tão intensamente realizado por aqueles gaúchos

que habitam o Rio Grande do Sul, justamente por esses últimos não estarem da mesma maneira em contato direto e estreito com outro grupo cultural.

Horta (2005), a partir de um estudo de caso realizado com uma migrante de Cabo Verde em Portugal, afirma que “as experiências diaspóricas vividas em múltiplos espaços transformaram as suas práticas sociais e estratégias de vida, ao mesmo tempo em que moldaram a sua própria identidade” (p. 174). Entendo que identidades formadas pela experiência da diáspora transformam, de alguma maneira, as pessoas, suas vidas, suas relações com os outros e com o território de origem e de destino.

O que foi colhido durante o percurso

“Destaco que, durante este percurso reflexivo, emergiram as minhas próprias lembranças musicais junto com minha história pessoal/profissional e memórias, numa trama de fios entre os diversos saberes musicais, numa pluralidade de vozes do cotidiano, na riqueza discursiva da polifonia, numa superposição de sons e acordes”.

(Torres, 2003, p.18)

Inspiro-me no excerto de Torres, o qual se refere à sua pesquisa, para iniciar as considerações acerca do meu “percurso reflexivo”. Assim como a autora, durante toda a minha caminhada de pesquisa, foram emergindo muitas memórias, recordações e imagens de diversos lugares e de épocas diferentes da minha vida; todas elas, acredito, foram condições de possibilidade para que essa Tese pudesse ter sido escrita.

Sinto-me, conforme já mencionei no início da Tese, totalmente enredada no tema que escolhi para pesquisar, constituída na e pela experiência da diáspora e, por isso, escrever essa Tese foi um imenso prazer. Aliás, pesquisar é uma atividade da qual gosto imensamente, sobretudo o momento bastante solitário, porém enriquecedor, em que o pesquisador se debruça sobre o material de que dispõe e, a partir de suas leituras, começa o processo de escrita e de análise.

“Mas também há, e não vale a pena esconder nem esquecer isso, aqueles momentos de morno desespero”, nos quais a página em branco, a dispersão e a aparente falta de idéias dão a impressão de nada será realizado, de que o material não é suficiente e de que a pesquisa não será concluída. Em face disso, durante um longo período me senti de certa forma “engessada”, sem conseguir produzir. Nesse momento, ao olhar para trás e analisar essa fase, me dou conta de que a dificuldade se deu em função de eu não ter conseguido, por muito tempo, me desvencilhar da minha Dissertação de Mestrado. Talvez o passo mais difícil a ser dado para que essa Tese pudesse se desenvolver foi abandonar o que escrevi na

Dissertação, sem, contudo, desconsiderá-la. Isso só foi possível a partir de algumas escolhas, muitas delas com base nos pareceres dados pelos professores presentes na banca de qualificação da Proposta de Tese. Aos poucos, depois de muitas reflexões, consegui abandonar certa maneira de analisar a pedagogia do gauchismo para lançar um outro olhar sobre essa pedagogia. Não foi um abandono radical, mas foram ajustes necessários. Tais ajustes possibilitaram novas escolhas – ao invés de aprofundar questões que dizem respeito ao tradicionalismo, por exemplo, optei por fazer incursões nas questões da narrativa e dos gêneros do discurso – e, por causa delas, novos caminhos foram se abrindo, porém sempre tendo como referencial o campo teórico dos Estudos Culturais.

Retomando o que disse no início, a respeito do prazer de escrever a Tese, gostaria de me deter no último capítulo dela, aquele que analisa as narrativas das pessoas que entrevistei e os depoimentos oriundos do seriado “A Conquista do Oeste”. Sem dúvida, esse foi capítulo que me proporcionou maior satisfação de escrever e o qual me trouxe mais lembranças e memórias – lembranças de vida e memórias da minha estada em Tangará da Serra, todas elas entremeadas com a pedagogia do gauchismo. Em vista disso, gostaria de tecer mais alguns comentários sobre o gauchismo e a sua pedagogia. Conforme as análises realizadas, posso afirmar que a pedagogia do gauchismo constitui sobremaneira a identidade de gaúchos e gaúchas em uma situação de diáspora, estando ela presente e atuante em várias esferas das comunidades nas quais estive e naquelas apresentadas no seriado, funcionando como um elemento agregador para os gaúchos que estão longe do Rio Grande do Sul.

Embora os gaúchos se orgulhem de serem gaúchos e tentem preservar uma certa unidade como grupo – fato que, muitas vezes, gera antipatia e resistência por parte dos moradores das cidades e das comunidades locais -, a grande maioria não tem a perspectiva de voltar a viver no Rio Grande do Sul e reconhece as oportunidades que a mudança lhe proporcionou. Além disso, apesar de todo movimento no sentido de se manter uma unidade identitária, que preserve valores e costumes considerados gaúchos, existe, sim, uma mescla cultural que está sendo construída – parece-me que, com mais intensidade, a cada geração nascida fora do rio Grande do Sul – a partir do contato com o outro, esse outro tantas vezes inferiorizado e menosprezado nas narrativas e nos depoimentos recolhidos e aqui analisados. Acredito ser este um instigante tema para pesquisas futuras, qual seja, como as

identidades em “experiências diaspóricas e de exílio se mesclam em uma polifonia ‘inacabada’” (Shohat e Stam, 2006, p. 341)⁴².

Gostaria de sublinhar também que, ao analisar a constituição da identidade gaúcha em diáspora e a sua estreita relação com a pedagogia do gauchismo, não pretendo esgotar essa questão e nem afirmar que todos os gaúchos se constituam a partir do gauchismo e de sua pedagogia. A maneira como cada indivíduo se constitui e é ou não interpelado pela pedagogia do gauchismo é extremamente singular. Diante do exposto, argumento, baseando-me nas palavras de Lang (2005), que “o resultado da pesquisa não é uma verdade final. É o resultado possível face os pressupostos teóricos de que dispõe o pesquisador e decorrente dos dados analisados” (p. 139).

Para finalizar, também quero ressaltar que, ao mapear como a identidade gaúcha é construída tendo como base muito forte a pedagogia do gauchismo, não considero que tal pedagogia deva ser tomada como alguma coisa maléfica, a ser combatida, uma vez que existem várias pedagogias que circulam em diversos contextos sociais e culturais, as quais interpelam as pessoas em maior ou menor grau e as constituem identitariamente. Aliás, somos constantemente interpelados e subjetivados por diversas pedagogias. Desse modo, acredito que a “utilidade” de análises como essa aqui empreendida reside justamente em destrinchar processos sociais e culturais que são tidos como naturais, para que se possa, talvez, segundo Veiga-Neto (2003b), subverter o que somos:

A desnaturalização dos fenômenos sociais – ou seja, tomá-los não como algo sempre dado, mas como algo historicamente construído – é um primeiro e necessário passo para intervir nesses fenômenos. Saber como chegamos a ser o que somos é condição absolutamente necessária, ainda que insuficiente, para resistir, para desarmar, reverter, subverter o que somos e o que fazemos (p. 07).

⁴² Ressalto que não considero existir identidades que não sejam mesclas, que não sejam híbridas. O que julgo se importante pesquisar é como essas mesclas ocorrem em experiências de diáspora.

Referências Bibliográficas

ABADÍA, José Martinez; DíEZ, Federico Fernández. *Manual básico de lenguaje y narrativa audiovisual*. Buenos Aires: Paidós, 1999. Tradução: Letícia F. R. Freitas

ADAM, Jean-Michel; REVAZ, Françoise. *A análise da narrativa*. Lisboa : Gradiva, 1997. Tradução: Maria Adelaide Coelho da Silva e Maria de Fátima Aguiar.

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 1999.

ARFUCH, Leonor. *La entrevista, una invención dialógica*. Buenos Aires: Paidós, 1995. Tradução: Letícia F. R. Freitas

_____. Problemáticas de la identidad. In: ____ (org.). *Identidades, sujetos y subjetividades*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2002a. P. 19-41 Tradução: Letícia F. R. Freitas

_____. *El espacio biográfico. Dilemas de la subjetividad contemporânea*. Fondo de Cultura Econômica: 2002b. Tradução: Letícia F. R. Freitas

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. Tradução feita a partir do francês por Maria Ermantina Galvão Gomes

BALAKRISHNAN, Gopal (org.). *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. Tradução de Vera Ribeiro

BARKER, Chris; GALASINSKI, Dariusz. The language of ethnicity – the unbearable lightness of being polish/ In:_____. *Cultural Studies and Discourse Analysis*. London:Sage Publications, 2001. p. 122-149 Tradução: Ricardo Uebel

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização. As conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999b. Tradução: Marcus Penchel

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. Tradução: Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves e Myriam Ávila

BECK, Ulrich. *O que é globalização. Equívocos do globalismo. Respostas à globalização*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. Tradução: André Carone

_____. *La paradoja de la globalización*. <http://www.es.geocities.com/posdatas/beck0212.html>. Acessado em 10.09.04 Tradução: Leticia F. R. Freitas

BENEDETTI, Mario. *Rincón de hikus*. México, D.F.: Alfaguara, 1999.

BRAGA, Rubem. *A borboleta amarela*. Rio de Janeiro: Record, 1984.

CANCLINI, Nestor García. *La globalización imaginada*. Buenos Aires: Paidós, 1999. Tradução: Leticia F. R. Freitas

_____. *Culturas híbridas*. São Paulo: Editora USP, 2001. Tradução: Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Ciencias sociales, violencia epistémica y el problema de “invención del outro”. In: LANDER, Edgardo. *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales*. Buenos Aires: Clacso, 2000. Tradução: Leticia F. R. Freitas

CERRI, Luís Fernando. A ideologia da paulistanidade e a escola. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: v.18, n. 36, 1998.

CONNELLY, Michael; CLANDINI, Jean. Relatos de experiencia e investigación narrativa. In: LARROSA, Jorge. *Déjame que te cuente. Ensayos sobre narrativa y educación*. Barcelona: Laertes, 1995. p. 11-59 Tradução: Letícia F. R. de Freitas

CÔRTEZ, Paixão. *Origem da Semana Farroupilha. Primórdios do Movimento Tradicionalista*. Porto Alegre: Evangraf, 1994.

COSTA, Cléria Botelho. Eu e as fronteiras do outro. *Travessia – Revista do Migrante*. Ano VII, nr. 19, mai/ago, 1994 p. 10-12

COSTA, Marisa Vorraber. Estudos Culturais – para além das fronteiras disciplinares. In: ____ (org.) *Estudos Culturais em Educação*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000. p. 13-36

____; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel; SOMMER, Luís Henrique. Estudos Culturais, Educação e Pedagogia. *Revista Brasileira de Educação*. n. 23, mai/ago, 2003. p. 36-61

COSTA, Marisa Vorraber. Estudos Culturais e Educação- Um panorama. In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (org.). *Cultura, Poder e Educação. Um debate sobre Estudos Culturais em Educação*. Canoas: Editora Ulbra, 2005. p. 107-120

CULLER, Jonathan. *Teoria Literária*. São Paulo: Beca, 1999. Tradução: Sandra G. T. Vasconcelos

CUNHA, Dória de Arruda Carneiro. A noção de gênero: dificuldades e evidências. *Leitura: Teoria e Prática*. Campinas, Porto Alegre, v. 20, n. 39, out/2002. p. 60-64

DA-RIN, Silvio. *Espelho partido. Tradição e transformação do documentário*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2004.

DI TELLA, Andrés. O documentário e eu. In: MOURÃO, Maria Dora; LABAKI, Amir (orgs.). *O cinema do real*. São Paulo: Cosac naify, 2005. p. 52-66. Tradução de Andréa Malfetta

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. *Cartografias dos estudos culturais. Uma versão latino-americana*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FISCHER, Luís Augusto. *De ponta com o vento norte*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Verdades em suspenso: Foucault e os perigos a enfrentar. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *Caminhos Investigativos II*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 49-71

FREITAS, Leticia Fonseca Richthofen. *Aprendendo a ser gaúcho/a*. Porto Alegre: UFRGS/FACED, 2002. Dissertação de Mestrado

FOUCAULT, Michel. *Resumo dos Cursos do Collège de France*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. Tradução: Andréa Daher

GARCEZ, Pedro. Deixa eu te contar uma coisa: o trabalho sociológico do narrar na conversa cotidiana. In: TELLES RIBEIRO, Branca; COSTA LIMA, Cristina; LOPES DANTAS, Maria Tereza (orgs.). *Narrativa, Identidade e Clínica*. Rio de Janeiro: Edições IPUB/CUCA, 2001. p. 189-213

HAESBAERT DA COSTA, Rogério. *Des-territorialização e identidade. A rede "gaúcha" no Nordeste*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1997.

HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. *Revista do patrimônio histórico e artístico nacional*, nº 24, 1996. Tradução: Regina Helena Fróes e Leonardo Fróes

_____. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educacão e Realidade*. Porto Alegre: v. 22, n. 2, 1997a. p. 15-46 Tradução: Ricardo Uebel, Maria Isabel Bujes e Marisa Vorraber Costa

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997b. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro

_____. *Da Diáspora. Identidades e mediações culturais*. Organizadora: Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. Tradução: Adelaine La Guardiã Resende, Ana Carolina Escosteguy, Cláudia Álvares, Francisco Rüdiger e Sayonara Amaral

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2003. Tradução: Berilo Vargas

HOBSBAWN, Eric. *Nações e nacionalismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. Tradução: Maria Célia Paoli e Anna Maria Quirino

HOFFNAGEL, Judith Chambliss. Entrevista: uma conversa controlada. In: BEZERRA, Maria Auxiliadora; DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel (orgs.). *Gêneros Textuais e Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 180-193

HORTA, Ana Paula Beja. “A minha vida começa por quatro pontas”. Histórias de vida, migrações e as políticas de representação. In: ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz; CAMPOS, Maria Christina Siqueira de Souza (orgs.). *História, memória e imagens nas migrações*. Oeiras, Portugal: Celta Editora, 2005. p. 165-188

JESUS, Rosane Meire Vieira. *Ilha das Flores: o documentarista em primeiro plano*. Revista o Olho da História. n. 8. www.oohodahistoria.ufba.br/revista8.php acessado em 16.06.2006

KAISER, Jakzam. *O Brasil dos gaúchos. Etnografia sobre a diáspora gaúcha*. Florianópolis: Insular, 1999.

KÜHN, Fábio. *Breve História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2002.

LANE, Harlan. *A máscara da benevolência. A comunidade surda amordaçada*. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget/Sociedade Astória, 1992. Tradução: Cristina Reis

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. Imigração e História Oral: trajetórias e vivências. In: ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz; CAMPOS, Maria Christina Siqueira de Souza (orgs.). *História, memória e imagens nas migrações*. Oeiras, Portugal: Celta Editora, 2005. p. 135-164

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e Educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu. *O sujeito da Educação. Estudos Foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 35-86

MACHADO, Arlindo. *A televisão levada a sério*. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin – conceitos chave*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 151-166

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1999. p. VII-XXIII

MACIEL, Maria Eunice de Souza. Apontamentos sobre a figura do gaúcho brasileiro. In: BERND, Zilá (org.). *Olhares cruzados*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000. p. 76-95

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001. Tradução de Cecília P. de Souza e Décio Rocha

_____. Diversidade dos gêneros de discurso. In: MACHADO, Ida Lúcia; MELLO, Renato (orgs.). *Gêneros: Reflexões em Análise do Discurso*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004. p. 43-58. Tradução de Emília Mendes Lopes

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, Acir; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim (orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Palmas e União da Vitória: Kayganguê, 2005a. p. 17-33

_____. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 2005b (5ª edição).

MATO, Daniel. Políticas de identidades y diferencias sociales em tiempos de globalización. In: ____ (org.). *Políticas de identidades y diferencias sociales em tiempos de globalización*. Caracas: FACES – UCV, 2003. p. 11-16 Tradução: Letícia F. R. Freitas

_____. Esboço para uma linha de investigação em cultura e transformações sociais em tempos de globalização. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *Caminhos Investigativos III. Riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 155-177 Tradução: Letícia F. R. Freitas

MATTELART, Armand; NEVEU, Érik. *Introdução aos Estudos Culturais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. Tradução: Marcos Marcionilo

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Práticas narrativas como espaço de construção das identidades sociais: uma abordagem socioconstrucionista. In: TELLES RIBEIRO, Branca; COSTA LIMA, Cristina; LOPES DANTAS, Maria Tereza (orgs.). *Narrativa, Identidade e Clínica*. Rio de Janeiro: Edições IPUB/CUCA, 2001. p. 55-71

_____. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

MOREIRA, Antônio Flavio. Currículo e Estudos Culturais: tensões e desafios em torno das identidades. In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (org.). *Cultura, Poder e Educação. Um debate sobre Estudos Culturais em Educação*. Canoas: Editora Ulbra, 2005. p. 123-143

OLIVEN, Ruben George. “O maior movimento de cultura popular do mundo ocidental”: o tradicionalismo gaúcho. *Cadernos de Antropologia*, n. 1. Porto Alegre: UFRGS/IFCH, 1990.

_____. *A parte e o todo. A diversidade cultural no Brasil-nação*. Petrópolis: Vozes, 2006 (2ª edição).

OLORÓN, Cecilia. Imágenes de unos rituales escolares. In: GVIRTZ, Silvina (org.). *Textos para repensar el día a día escolar*. Buenos Aires: Santillana, 2000. p. 79-102
Tradução: Letícia F. R. de Freitas

ORTIZ, Renato. *Um outro território. Ensaios sobre a mundialização*. São Paulo: Olho D'Água, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O imigrante na política rio-grandense. In: DACANAL, José Hildebrando (org.). *RS: Imigração e colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996. p. 156-194

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império. Relatos de viagem e transculturação*. Bauru, SP: EDUSC, 1999. Tradução: Jézio Hernani Bonfim Gutierre

RABIGER, Michael. Uma conversa com professores e alunos sobre a realização de documentários. In: MOURÃO, Maria Dora; LABAKI, Amir (orgs.). *O cinema do real*. São Paulo: Cosac Naify, 2005. p. 68-81. Tradução de Magda Lopes

REUTER, Yves. *A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002. Tradução de Mario Pontes

ROBINS, Kevin; AKSOY, Aku. El que busca encuentra. Mirada transnacional y conocimiento-experiencia. In: ARFUCH, Leonor (org.). *Pensar este tiempo. Espacios, afectos, pertenencias*. Buenos Aires: Paidós, 2005. p. 169-207 Tradução: Leticia F. R. de Freitas

ROSE, Diana. Análise de imagens em movimento. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2002. Tradução: Pedrinho Guareschi

SAID, Edward. *Orientalismo. O oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. Tradução: Tomás Rosa Bueno

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. *Crítica da imagem eurocêntrica*. São Paulo: Cosac Naify, 2006. Tradução de Marcos Soares

SILVA, Tomaz Tadeu. *Teoria cultural e educação. Um vocabulário crítico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. A entrevista na pesquisa em educação – uma arena de significados. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *Caminhos Investigativos III Outros modos de pensar e fazer pesquisa em Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 119-141

_____. Discurso, Escola e Cultura. Breve roteiro para pensar narrativas que circundam e constituem a Educação. In: _____. (org.). *Cultura, Poder e Educação. Um debate sobre Estudos Culturais em Educação*. Canoas: Editora Ulbra, 2005. p. 197-209

SOUZA, Rosa Fátima. *Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)*. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

STEINBERG, Shirley; KINCHELOE, Joe. Sem segredos: cultura infantil, saturação de informação e infância pós-moderna. In: _____. (orgs.). *Cultura infantil. A construção*

corporativa da infância. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 11-52 Tradução de George Eduardo Japiassú Brício

TORRES, Maria Cecília de Araújo Rodrigues. *Identidades musicais de alunas de Pedagogia: músicas, memórias e mídia*. Porto Alegre: UFRGS/FACED, 2003. Tese de Doutorado

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003a.

_____. Cultura, culturas e educação. *Revista Brasileira de Educação*. n. 23, mai/ago, 2003b. p. 05-15

VIANNA, Hermano. *O mistério do samba*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/Editora UFRJ, 1995.

_____. Geléia geral brasileira. *Folha de São Paulo*, Caderno Mais, 1999.

WAGNER, Carlos. *O Brasil de bombachas*. Porto Alegre: LP&M, 1995.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-72 Tradução: Tomaz Tadeu da Silva

WORTMAN, Maria Lúcia. Análises culturais – um modo de lidar com histórias que interessam à educação. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *Caminhos Investigativos II*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 73-92

Anexos

Anexo 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, _____

Declaro que estou de acordo em fornecer informações a Letícia Fonseca Richthofen de Freitas, doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, para o desenvolvimento da pesquisa relativa a sua tese de doutorado, provisoriamente intitulada: **A pedagogia do gauchismo: uma análise a partir da diáspora gaúcha.**

Declaro ainda que tenho conhecimento de que a minha participação nesta fase do projeto consiste em conceder entrevistas, que serão gravadas em fitas cassete.

Estou ciente de que todas as informações fornecidas serão utilizadas de maneira sigilosa, sem referência à minha identificação pessoal e ao meu local de trabalho.

Assinatura: _____

Assinatura da pesquisadora responsável: _____

Endereço da pesquisadora:

Av. Protásio Alves, 2484/6B – Porto Alegre/RS

Fone: (51) 3332 4171

E.mail: lffreitas@cpovo.net

Endereço da(o) participante:

Rua: _____

Fone: _____

E.mail: _____

Anexo 2

Roteiro de Perguntas

- Há quanto tempo você está em Mato Grosso?
- O que o/a fez vir para cá?
- Qual a sua ligação com o RS?
- Que elementos da cultura gaúcha estão presentes na Escola? Na sua prática pedagógica?
- Em que datas/festas/comemorações se pode perceber os elementos da cultura gaúcha no cotidiano escolar?
- Você sente muita falta do RS ou já se acostumou aqui?
- Você (ainda) se considera gaúcho? Por quê?
- Você pensa em voltar um dia para o RS para ficar?